J514

Revista do ENSINO

Edi Viña Pereira

PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA GLOBO

ANO I — N.º 8 AGÔSTO 1952 Cr$ 10,00

Saudação - Independência

Letra: Edith Ortiz

Música: Lucilio G. Villa-Lobos

Indepen- dên-cia! Indepen- dência! Indepen-

Indepen-dên-cia! Indepen- dên-cia! Indepen-

dência ou mor- te! Sal-ve brado de a-mor e de

dência ou mor- te! Salve brado de a-mor e de

gló-ria, Que o Bra- sil traz no peito gra- va- do foi o

gló-ria Que o Bra- sil traz no pei-to gra- va- do foi o

sonho de ouro de ou- tro-ra Num lam- pe-jo de fé con-su- ma- do

sonho de ouro de ou- tro-ra Num lam- pe-jo de fé con- su- ma- do.

PERIÓDICO
DE INTERÊSSE
DO MAGISTÉRIO

Publicação da
Editôra Globo

Ano I Agôsto 1952 N.º 8

Revista do ENSINO

Diretora:

MARIA DE LOURDES GASTAL

Secretária:

GILDA GARCIA BASTOS

Redatora-Chefe:

ABIGAIL TEIXEIRA

COLABORARAM NESTE NUMERO:

A. Araujo, A. G. Lima, Alda C. Kremer, Clélia Cidade Pitrez, Dircéa Brandão, Elide Freitas e Castro Druck, Edith Bueno Romero, Edy Flores Cabral, Eloah M. Bina, F. G. Gaelzer, Hélia de Carvalho Armando, Ida Paolini, Irmã Maria José, Dr. José de Barros Falcão, Maritana Batista, Maria M. Bina, Maria Francisca Barcelos da Silva, Dr. Ney Duarte Luz, Nora Ther Thielen, Dr. Puli M. Espirito, Rafaela Rocha Furtado, Sarah A. Bolla, Suely Aveline, Suely Santos, Teresinha Seroni, Yolanda M. Pelizzari Cirio, Yari de Abreu Lima.

REVISTA DO ENSINO é publicada mensalmente pela "Editôra Globo": Henrique d'Avila Bertaso, diretor; Adelmo Gubert, gerente. Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Redação: Andradas, 1428. Gerência: Andradas, 1428. Preço: número avulso, Cr$ 10,00; assinatura anual, Cr$ 80,00.

ÍNDICE

O FATO HISTÓRICO DO MÊS 3
GALERIA HISTÓRICA 5
POESIAS PARA O MÊS 7
APRESENTE SEU PROBLEMA 8
RETRATANDO MESTRES 13
OBSERVANDO 14
BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL 15
CONTOS PARA OS SEUS ALUNOS 16
LIÇÕES DE GEOGRAFIA 19
EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA 20
BIBLIOTECA INFANTIL DE SÃO PAULO 24
UMA COLCHA DE RETALHOS 30
UM PLANO E UMA PROVA 32
SEPE TIARAJU 35
RECREAÇÃO PÚBLICA 39
AO PROFESSOR 40
CORREÇÕES NO HINO DA INDEPENDÊNCIA 41
BRASIL PELA IMAGEM 42
HIGIENE MENTAL 44
PORTUGAL 45
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 46
ENSINO SUPLETIVO 47
GEOMETRIA 48
HIGIENE 52
EDUCAÇÃO RURAL 53
EDUCAÇÃO FÍSICA 55
EXERCÍCIOS PARA TODOS OS GRAUS 56
ESTUDEMOS JUNTAS 58
O SUPLEMENTO DO MÊS 60
LENDAS DO BRASIL 61
ATIVIDADES MUSICAIS 62
NOTAS DE PORTUGUÊS 65
O VALOR E A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS CIÊNCIAS 66
ESTUDEMOS INGLÊS 69
CORREIO DA REVISTA 72

Os trabalhos estão sob inteira responsabilidade de seus autores.
Correspondência: Tôda correspondência deve ser enviada para:

"REVISTA DO ENSINO"
Rua dos Andradas, 1428
Pôrto Alegre
Rio Grande do Sul

AGÔSTO
DOMINGO 2ª FEIRA 3ª FEIRA 4ª FEIRA 5ª FEIRA 6ª FEIRA SÁBADO
1 2
3 4 5 6 7 8 9
10 11 12 13 14 15 16
17 18 19 20 21 22 23
24/31 25 26 27 28 29 30

O FATO HISTÓRICO DO MÊS

A VIDA AGITADA DE UM "HERÓI TRANQÜILO"

DIRCÉA BRANDÃO
Prof.ª do G. E. Paula Soares, P. A.

Entre os grandes vultos da História do Brasil, um avulta e se destaca com uma nitidez que, — contrariando o fenômeno comum de amnésia coletiva, — o passar dos tempos mais acentua e atualiza: o de Caxias, o Condestável do Império.

Realmente, a vida do grande marechal duque é tôda ela uma lição de civismo, de bravura lúcida, de virtudes pessoais e de amor à Pátria.

A história do Império do Brasil está indissolùvelmente ligada a Luiz Alves de Lima que, por uma coincidência feliz e singular assentou praça no exército no mesmo momento em que nascia o reino do Brasil.

No céu brilhava o modêlo do punho de sua espada que sustentou um trono, unificou a Pátria e escreveu as páginas mais sublimes de nossa história.

Recebeu o batismo de fogo e de glória aos 18 anos de idade nas lutas da Independência, na Bahia, onde se manifestaram suas excepcionais qualidades de soldado.

Apaziguado o Império, começou a Guerra da Cisplatina de que resultou a independência do Uruguai, e onde o jovem capitão se salientou pelo seu denodo, sua energia e capacidade de mando. O término da luta, porém, com o desenlace pouco feliz de Ituzaingo aumentou o descontentamento contra o Imperador e começaram os preparativos para o 7 de abril que teve para os brasileiros a mesma significação do 7 de setembro.

Luiz Alves de Lima não era ainda um político — as circunstâncias, mais tarde, o obrigaram a sê-lo — era, antes de tudo um soldado; seus juramentos de fidelidade não foram feitos à pessoa do Imperador e sim à Pátria cuja unidade e integridade o Imperador representava, por isso êle, que tinha o culto do dever, da disciplina e da lealdade não teve hesitações quando a crise política impôs uma decisão.

D. Pedro I, premido pelas circunstâncias, teve de abdicar. E começou o período não menos agitado das Regências, em que se sucederam as revoltas, a começar pela do Maranhão com a terrível Balaiada, uma luta de cangaceiros e de sertanejos embriagados de sangue.

Luiz Alves de Lima, recebendo o apêlo angustioso vai pôr tôda sua capacidade, sua energia e seu prestígio a serviço daquela pobre Província ensangüentada. A sua atuação como Presidente da Província e Comandante das fôrças foi uma revelação.

Mal terminava essa luta em janeiro de 1841, já no ano seguinte, em São Paulo, mais precisamente em Sorocaba, irrompe um movimento que, pomposamente foi rotulado de liberal ou democrático, como até hoje se intitulam os movimentos que não sofreriam uma análise rigorosa em suas causas íntimas.

Apesar da falta de consistência ideológica, essa sedição conta nas fileiras de ambos os partidos com homens de projeção e políticos de largo tirocínio como o Padre Feijó, a alma da revolta, Teófilo Ottoni, os dois Andradas — Martim Francisco e Antônio Carlos, nos Liberais, e nos Conservadores, aponta José Clemente Pereira, então Ministro da Guerra.

Uma ação rápida e enérgica se fazia necessária e o homem para isso ali estava: o jovem Barão de Caxias, que, usando de uma tática que êle demonstrou ser de grande vantagem: a surprêsa, a rápidez e a precisão de movimentos, envolveu os sediciosos de tal modo que, em pouco mais de um mês a revolta estava completamente sufocada.

O general comandante das fôrças legalistas ainda em viagem de regresso ao Rio de Janeiro para dar contas de sua missão ao govêrno imperial, soube que deveria ir comandar o exército pacificador em Minas Gerais, porque o micróbio da revolta fôra inoculado nas terras brasileiras e, quase ao mesmo tempo que em São Paulo, rebentara a revolução mineira, cujas raízes eram mais profundas.

Caxias, "o filho querido da vitória", vai à Minas de onde volta trazendo a gratidão e a admiração de seu povo, menos pelos seus feitos militares que pelos seus sentimentos de magnanimidade e de justiça.

É um traço característico de Caxias, quase paradoxal: aquêle homem de uma energia inquebrantável, que não admite a menor quebra na linha do dever e da disciplina, é o mesmo homem que, depois de vencida e luta só sabe ser generoso. E isso êle vai demonstrar ainda muitas vêzes.

Desde 1835 uma luta ensangüentava o Rio Grande do Sul, chefiada pelo General Bento Gonçalves da Silva;

por essa ocasião, o Conde de Lages ao entregar a espada ao recém-nomeado Coronel Luiz Alves de Lima fêz-lhe uma profecia que viria a se realizar 10 anos mais tarde. A luta fratricida que empapava o generoso solo rio-grandense com o sangue generoso de seus filhos só teve fim, quando a espada de Caxias que distribuía igualmente justiça e paz se colocou entre os dois partidos em luta. Foi uma obra-prima de tática e de diplomacia que encerrou aquela gloriosa epopéia. Na sua coroa de Conde brilha a esmeralda da côr das campinas verdejantes do Rio Grande.

Um curto período de paz e relativa calma se sucedeu a essa agitação, não, porém inoperante.

O Conde de Caxias, presidente do Rio Grande do Sul, depois de organizar a vida administrativa da Província, vai disputar uma cadeira senatorial; não que o seduzisse a política partidária, mas para melhor defender os interêsses do exército como seu mais legítimo representante.

Do Senado passa Caxias para a Presidência do Conselho e ao Ministério da Guerra, onde prestou os mais assinalados serviços às Fôrças Armadas do país.

São dessa época as reformas de ordem técnica e administrativa e o emprêgo de uma tática peculiar às nossas próprias condições e necessidades que até hoje persistem em suas estruturas básicas.

Uma sombra sinistra, porém, começa a se projetar no Continente: o caudilhismo feroz e deshumano que por um largo espaço de tempo iria ensangüentar o solo americano.

Mais uma vez vai o Conde de Caxias, qual paladino da liberdade e da justiça, combater Oribe e, algum tempo depois, Rosas para defender a integridade do Império, atendendo ao mesmo tempo ao apêlo angustioso da República do Uruguai que se vê abandonada pelas duas nações européias que lhe haviam prometido proteção e assistência.

Coberto de glórias retorna o Marquês de Caxias dessa Campanha — onde também brilhou a espada do "bravo dos bravos", o Legendário Osório — para retomar as suas atividades políticas, tendo em vista sempre o engrandecimento, o prestígio e a consolidação do Império.

A paz não era para êle.

Lopez, o megalômano paraguaio, alimentando o sonho de se tornar o Imperador do Continente, ferido em seu amor-próprio de pretendente recusado por uma princesa real e esquecido de que o Brasil foi o verdadeiro patrono da independência de seu país, fêz as mais absurdas e injustas provocações ao govêrno e ao povo brasileiro. Não podia haver dúvidas quanto as suas intenções: era a guerra.

O tirano que, apesar de tôda a sua maldade conseguira fanatizar a sua gente, tinha requintes de perversidade que humilhavam e degradavam o gênero humano, afrontando tôdas as leis; nessas circunstâncias e diretamente atingido o Brasil, o condestável da América, a mais importante e poderosa nação do Sul do Continente se vê obrigado a tomar imediatas e enérgicas medidas de represália.

Por mesquinhas injunções políticas Caxias, a figura de maior prestígio no Império, não foi nomeado comandante em chefe das fôrças. Isto foi um êrro do qual o próprio govêrno teve de se penitenciar logo depois do desastre de Curupaiti.

O Brasil, apesar do tratado da Tríplice Aliança, se vê quase sòzinho a arcar com as responsabilidades da guerra que se tornara impopular no país e nos outros países sul-americanos.

Impunha-se uma mudança no Comando do Exército, o que motivou uma grave crise política, mas o Imperador D. Pedro II aprendera, de pequeno, uma lição: nas horas de tranqüilidade outras espadas brilhavam, nos momentos cruciais só uma: a de Caxias.

É o próprio Presidente do Gabinete cujo Ministro da Guerra é inimigo irreconciliável do Marquês, quem lhe vai pedir que aceite a direção das operações. E Caxias num gesto que o define, elevando-o acima de si mesmo, esquece ingratidões e injustiças para só lembrar que a Pátria ameaçada e ofendida reclama os seus serviços.

Nessa luta que foi a última contra a tirania e a prepotência, Luiz Alves de Lima demonstrou as suas singulares qualidades de condutor de homens e sobretudo de conhecedor dos homens, com uma acuidade psicológica extraordinária êle sabia descobrir talentos e escolher o homem preciso para determinada ocasião. Foi essa sua rara faculdade de seleção que revelou Bento Manoel, Miguel de Frias e Manoel Marques de Souza.

Caxias, um verdadeiro general, pensava em tudo, previa tudo, não deixava nada ao acaso. Suas ordens do dia e proclamações demonstravam, sempre, o cuidado meticuloso que dispensava a tôdas as partes daquele complexo organismo que era um exército em operações: a disciplina, a higiene, a alimentação, a saúde e o transporte, além do rigoroso preparo técnico das tropas.

Na Campanha do Paraguai em que por contingências próprias da guerra, a vitória esteve a fugir-lhe, sua aguda sensibilidade, agindo como um sismógrafo, avisou-o do perigo e êle, próprio, desembainhando a espada se pôs à frente de seus soldados que, eletrizados pelo seu exemplo, levaram de vencida os regimentos paraguaios.

Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Assunção.

E aqui a natureza reclama seus direitos. O espírito continuava o mesmo, mas o corpo estava exausto e êle teve de voltar.

Ainda, por muito tempo prestará seus serviços à Pátria, mas sua gloriosa espada, jamais vencida, honra e glória de uma Nação, sustentáculo de um trono, não será mais desembainhada.

Nenhum soldado jamais reuniu tantas e tão grandes virtudes.

E o Brasil, instituindo-o patrono do seu Exército e dando-o como paradigma às gerações futuras não praticou ato de justiça, apenas cumpriu o seu dever.

CLÉLIA CIDADE PITREZ
Prof.ª no G. E. Paula Soares, P. A.

DUQUE DE CAXIAS

Celebram-se, a 25 de agôsto, em todo o Brasil, festividades comemorativas ao nascimento de um de seus grandes filhos — Luiz Alves de Lima e Silva, o grande Caxias.

Poucos são os homens que lograram uma evidência e popularidade iguais à sua e raros aquêles que chegaram a galgar posições de tão relevante destaque.

Nada se lhe regateia: agraciado com o título de Barão de Caxias, logo passa a Conde, Marquês e por fim a Duque, título êsse dado pela primeira vez a um brasileiro e que, praticamente, tinha o mesmo significado que o de Príncipe.

Em seu peito, fartamente condecorado, só fulgiram duas medalhas de bronze — as duas únicas de que se orgulhava. Tôdas as demais eram de ouro ou de ouro e pedrarias.

Fique bem claro, porém; Caxias não foi grande por ter recebido condecorações. Não lutou para obtê-las. Obteve-as porque lutou e o brilho de tão veneráveis insignias por coisa alguma se confundiu com o extraordinário fulgor de sua estatura moral.

As missões mais espinhosas sempre lhe foram confiadas.

É êle quem consegue a pacificação do Maranhão. Graças à sua habilidade de militar é que se debela a rebelião de Minas e São Paulo.

Em seguida embarca para o Rio Grande com a incumbência de pôr têrmo à Revolução Farroupilha.

De tal forma se houve Caxias aqui que os rio-grandenses mandam-no senador por sua província.

Sua espada, que nunca conheceu partidos, estendeu-se benéfica e gloriosa sôbre a Pátria, realizando a sua unidade. Só êsse fato lhe conferiria merecimento à nossa admiração si, extremamente, êle não tivesse trazido para o Brasil o maior acervo de glórias de que um povo se possa orgulhar — a campanha paraguaia.

Vencido em anos, mais que sexagenário, na idade em que tantos se eximem das responsabilidades, no gôzo de cômodo descanso, é Caxias ainda quem assume o comando das tropas brasileiras contra o Paraguai. Aí, mais uma vez, sua técnica militar, aliada à sua bravura pessoal, foram os acontecimentos a cobrir de louros a bandeira imperial brasileira.

— Seu lema "Obedecer para saber mandar" — revela aos nossos olhos o traço fundamental do seu caráter — a disciplina, mas a disciplina bem entendida, não como um instrumento passivo de indiferença e sim como um lúcido espírito de ordem.

A 7 de maio de 1880, retirado da côrte longe do cenário onde poderia ter sido tudo e onde quis sòmente ser soldado, plàcidamente, abraçado à imagem de Cristo, acaba seus dias na fazenda de Santa Mônica.

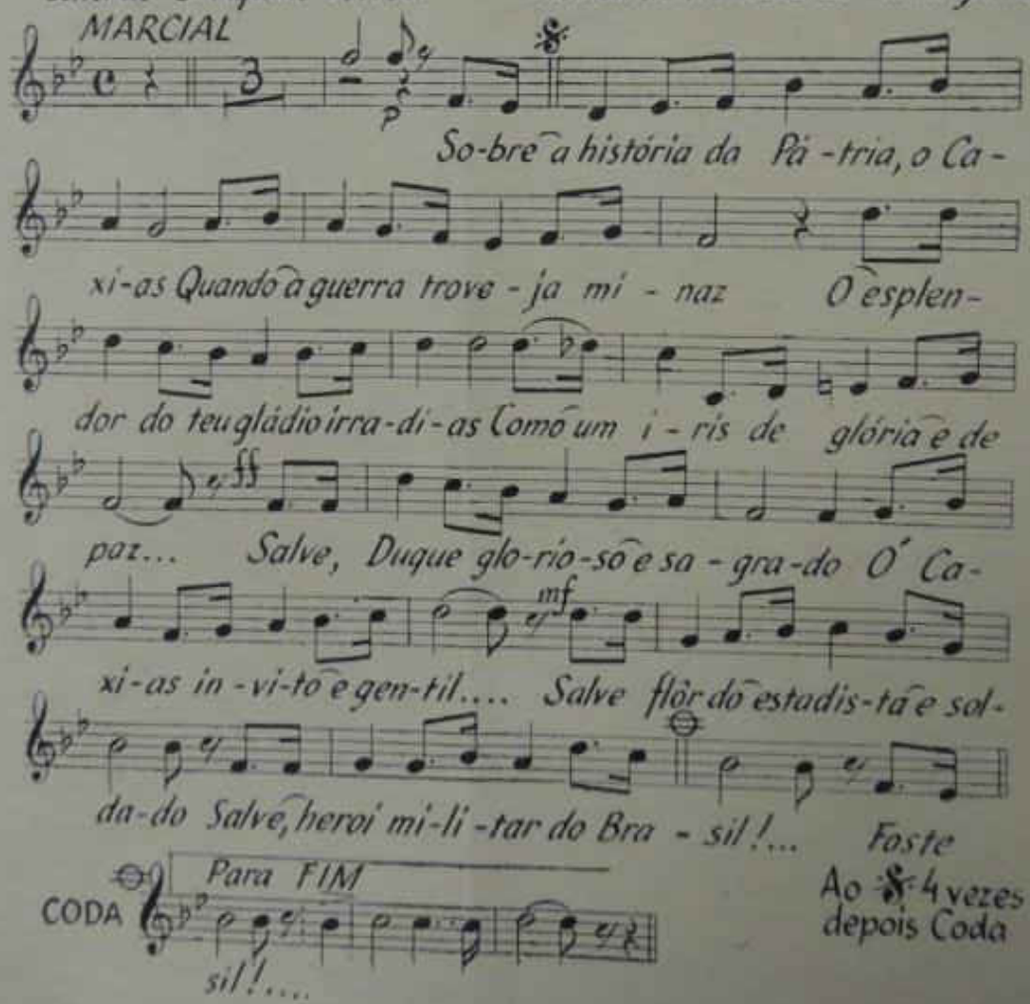
A glória política foi sempre um presente que lamentou; note-se que dispensou as pompas de príncipe e as últimas homenagens do seu pôsto e dispôs que um punhado de companheiros de armas — seis soldados, escolhidos dentre os mais antigos e disciplinados — o levassem e que sôbre seu peito, tantas vêzes condecorado apenas fôssem as condecorações que ganhou como soldado.

O dia de seu natalício foi escolhido para se celebrar como o Dia do Soldado e nenhuma outra homenagem poderia ser tão grata ao espírito do grande marechal brasileiro.

Saber obedecer é ciência e prudência. R. KEHL.

(CANÇÃO PATRIÓTICA)

Letra de D. Aquino Corrêa — Música de Francisco de Paula Gomes



MINHA TERRA

LUIZ CARLOS LESSA VINHOLES

Todos cantam sua terra
Canto eu a minha também,
Com os encantos que encerra.
E as riquezas que ela tem.

Outras têm belas palmeiras
Nas praias como rosários
Esta aqui tem as figueiras
e seus urubus milinários.

Se existe lá a graúna,
Com seu canto mavioso,
Espalhando-se na espuma
De um mar azul e formoso,

Eu aqui tenho um encanto:
Os concertos matinais,
Do sabiá com o seu canto
Nas copas dos laranjais.

Se falam dos sertanejos
Cantando pelo caminho,
Eu falo só dos arpejos
Dêstes gaúchos no pinho.

Se lá se escuta o corrido
E a modinha sertaneja,
Tenho o chotes sacudido
A polca e mais a rancheira.

Se existem campos de flores
Naquelas terras do norte,
Cá no pampa dos amôres
Temos nós a mesma sorte.

Se êles encontram beleza
Nos seus densos cafesais
Nós aqui temos riquezas
Nos nossos bonitos trigais.

Cantemos no sol as belezas
Cantem também lá no norte
Cantemos nós as riquezas
Dêste Brasil grande e forte.

CAXIAS

(Autor desconhecido)

Soldados! Imitai vosso patrono
O grande herói dos legendários dias,
Em vossa alma fazei um régio trono
Para elevar a imagem de Caxias.

Não deixeis vossa Pátria no abandono,
Ao léu de belicosas ventanias...
Honrai o lutador, que o eterno sono
Lhe apagara as pupilas luzidias.

E quando vier sanguinolenta guerra
Vibre e estue êste exército, áureo e moço
Em defesa da nossa amada terra.

Soldado por soldado avance e diga
Cada qual, como disse o herói colosso:
— "Pois quem fôr brasileiro, que me siga!"

O CAJUEIRO PEQUENINO

GENTIL BRAGA

Ouve, escuta, cajueiro,
o canto que eu vou cantar,
ao frio vento que passa,
à luz do frouxo luar.

Somos ambos pequeninos,
vivemos ambos no chão.
Se dizes que és meu amigo,
eu digo — sou teu irmão.

Minha mãe, neste terreiro,
quando eu nasci, te plantou.
Criou-te com sombra e água;
Com seu leite me criou!

Fui crescendo, cajueiro,
e tu cresceste também.
O segrêdo que te disse,
não o contes a ninguém.

Somos ambos pequeninos,
queremos ambos viver.
Cresce, cresce, cajueiro,
que eu também hei de crescer.

Apresente sem PROBLEMA

Se Você tem dificuldade em conduzir seus alunos ou no ensinar certa matéria, dirija-se a esta seção que está ao seu dispor para ajudá-la a resolver seus problemas. Endereçe para:

REVISTA DO ENSINO
Conselheiro de (citar a coluna)
Rua dos Andradas, 1428
Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul.

LINGUAGEM

SARAH AZAMBUJA ROLLA
Auxiliar-técnico do C. P. O. E. da Secretaria de Educação, R. G. S.

— *QUAL A MELHOR FORMA DE EXECUTAR A CORREÇÃO DO DITADO?*

As formas de correção do ditado estão condicionadas ao modo pelo qual fôr orientado o ensino da ortografia.

A aplicação do ditado como forma única do ensino da correta grafia das palavras não se recomenda, do ponto de vista pedagógico.

Todo o exercício ortográfico deve ser fundamentado na observação visual da palavra, em simultaneidade com impressões auditivas, motoras e de articulação (pronúncia).

Em geral, a fixação dos vocábulos é mais rápida, quando grande número de elementos mnemônicos intervém na sua apresentação ao aluno.

O ensino da ortografia tem de ser executado de forma sistemático-ocasional, requerendo, de uma parte, uma seleção das palavras cuja grafia se fundamente em regras que o aluno possa induzir, sob forma prática, e, de outra, o treino e fixação de palavras novas que se apresentem em qualquer atividade escolar.

Tôda a prática de ortografia, além de cuidadosamente motivada, terá de ser dosada e distribuída, segundo as necessidades da classe, em geral, e de cada aluno, em particular, podendo constar das seguintes modalidades de exercícios:

— Treino de palavras isoladas.

— Atividades que levem à indução de regras ortográficas. Treino de palavras cuja grafia se fundamente em regras.

— Ditado (frases ou pequena historieta).

Para o treino de palavras isoladas, resultantes das leituras realizadas, das noções aprendidas, etc., recomenda-se o seguinte critério:

— Apresentar sòmente 3 ou 4 palavras novas em cada sessão diária de trabalho.

— Repetir a apresentação da mesma palavra, em dias diferentes, nunca além de 4 vêzes. (Geralmente 4 apresentações são suficientes para que a palavra seja fixada pelo aluno.

— Apresentar, de início, palavras curtas, de perfil característico (hastes super e sublineares, acentos, etc.) e cujo sentido seja do perfeito domínio do aluno.

Nesses exercícios as palavras podem ser apresentadas no quadro-negro, durante alguns segundos, lidas em voz alta pelo professor e repetidas pelo aluno. Em seguida serão apagadas do quadro e escritas pelo aluno.

Uma variante dêsse exercício será a apresentação de cartões-relâmpago.

Para que o aluno seja capaz de induzir uma regra ortográfica, é necessário que possua certo número de experiências relativas à sua aplicação.

A indução deve ser preparada por meio de observações sucessivas, em situações diferentes, com material diverso, de modo a desenvolver o espírito de análise do aluno e levá-la à capacidade de generalizar.

Como atividades que favorecem a indução de regras ortográficas, podem ser lembradas:

— Organização de listas de palavras, extraídas do material de leitura, dos livros de literatura ou informativos, etc. que encerrem determinadas particularidades (*m* ou *n* antes das consoantes, letras geminadas, palavras que levam determinado acento, etc.).

— Agrupamento por semelhanças de palavras dadas, etc.

Chegada a fase da dedução, isto é, quando o aluno já fôr capaz de enunciar a regra que se pretendeu fôsse dominada pela classe, devem ser oportunizados exercícios de aplicação das palavras aprendidas, tais como:

— Ditado de palavras em que o aluno tenha de aplicar a regra ortográfica induzida.

— Idem de frases que apresentem palavras no mesmo caso.

— Completar sentenças, empregando palavras incluídas na regra aprendida.

— Elaboração de sentenças ou de pequenas composições em que sejam aplicadas essas palavras.

— Organização do dicionário de classe (os alunos anotarão, por ordem alfabética, as palavras cuja grafia vá sendo dominada); uma variante dêsse trabalho será a organização dos cadernos individuais de observação, nos quais os alunos sejam levados a registrar, corretamente, as palavras que forem aprendendo, podendo recorrer a êles, em caso de dúvida.

As formas de ditado mais aconselháveis são:

— Ditado exercício.

— Ditado prova.

O ditado exercício tem por finalidade fixar a grafia das palavras treinar a percepção auditiva do aluno ou aplicar regras ortográficas já dominadas pela classe.

Há necessidade de que seja precedido de cuidadosa preparação que deverá constar do seguinte:

— Escrita, no quadro, da frase ou historieta a ser ditada.

— Leitura pelo professor.

— Comentário sôbre o sentido ou significado e particularidades ortográficas das diversas palavras.

— Leitura pelos alunos.

— Ditado da frase ou historieta em porções de sentido.

Quando o ditado visa a aplicação e fixação de regras ortográficas, deve o professor precedê-lo da recapitulação das mesmas.

O *ditado prova* tem por objetivo verificar, periòdicamente, o aproveitamento dos alunos, isto é, informar o professor dos aspectos não dominados pela classe em geral ou das dificuldades particulares de cada aluno.

Essas dificuldades deverão constituir objetivo de novos exercícios, após os quais serão feitas novas verificações.

Os erros de grafia das crianças devem ser evitados tanto quanto possível. Para isso procurará o professor descobrir a causa dos mesmos, aplicando, oportunamente e com precisão, exercícios que venham corrigir as faltas verificadas.

Assim, por exemplo, erros ortográficos que constem do mau emprêgo ou troca de letras resultam, quase sempre da má pronúncia das palavras ou de associações defeituosas dos sons às letras correspondentes. Êsse tipo de êrro poderá ser combatido pelo emprêgo de exercícios fonéticos em que o aluno seja levado a ouvir, pronunciar e observar palavras em que apareçam as letras ou grupos de letras nos quais reside sua dificuldade.

Erros correspondentes a não aplicação de determinada regra já induzida pelo aluno poderão ser removidos pela aplicação de novos exercícios de observação, precedidos de motivação mais intensa.

A emulação, isto é, o interêsse do aluno pela escrita correta das palavras também se recomenda, sendo para isso indicado o uso de gráficos individuais nos quais o aluno possa acompanhar os progressos feitos com referência à ortografia.

As leituras, as cópias motivadas, a pronúncia compassada dos vocábulos de grafia difícil recomendam-se igualmente para a aquisição, pela criança, da escrita correta das palavras.

O sistema da autocorreção é o mais proveitoso meio de melhorar a ortografia.

NOTA: Consultar, para maiores esclarecimentos, o Comunicado sôbre "Ortografia" publicado no Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, anos de 1948 e 1949.

MATEMÁTICA

SUELY AVELINE
Auxiliar-técnico do C. P. O. E da Secretaria de Educação do R. G. S.

COMO CONDUZIR A CRIANÇA À ABSTRAÇÃO?

III PARTE

Utilizando técnicas e processos de ensino que respondam às possibilidades da criança e que estejam em harmonia com a natureza dêste processo psíquico.

Para que o processo de desenvolvimento das idéias abstratas se realize é necessário muito tempo. Diz Gates:

"Uma criança média de três ou quatro anos pode perceber corretamente, um grande número de objetos como uma chave, uma faca, um relógio, um lápis, vários animais, frutas, e assim por diante, mas, geralmente, é depois de cinco anos que entende, corretamente, o sentido de pesado ou leve. É após os seis que tem idéias de direito e esquerdo. Só depois de oito anos é que compreende a significação de diferenças abstratas, como a diferença entre uma mósca e uma borboleta, ou entre um ôvo e uma pedra, ou que demonstra interêsse por elas. Apenas após os doze é a criança capaz de definir palavras abstratas".

Há uma infinidade de abstrações simples que a criança faz espontâneamente, assistemàticamente, na própria vida familiar e social.

Algumas experiências realizadas por Buckingham e Maclatchy comprovaram que — a maioria das crianças — de seis anos, quando entram para a escola primária, pela primeira vez, possuem um conhecimento considerável do número, o que nos leva a admitir que elas já fizeram muitas abstrações reais de vida.

Como abstrai a criança?

Da solução dêste problema dependem as técnicas e processos de ensino que devem ser utilizados no conduzir uma criança à abstração.

É na própria observação da forma pela qual ela abstrai espontâneamente que vamos basear a nossa técnica, por isso, será interessante, verificarmos os princípios envolvidos no conhecimento das idéias abstratas.

I — Há necessidade de apresentar muitas situações diferentes que contenham o elemento abstrato.

Quando, em casa, a criança contou, por exemplo, uma dúzia de maçãs, uma dúzia de camisas, uma dúzia de facas, etc... não notou que o elemento comum uma dúzia = 12 é um número abstrato, dito, isoladamente. Ela tinha apenas um conhecimento concreto dêste fato.

Com o uso e a repetição destas experiências, dentro de situações problemáticas, ricas de sentido e de interêsse, ela aprendeu sòzinha que uma dúzia = 12.

Ela foi capaz, por si, de abstrair o elemento comum: 1 dúzia = 12.

O ensino sistemático que a escola propõe deve oferecer à criança os mesmos elementos que a vida de cada dia lhe proporciona.

Para desenvolver-se a idéia de cubo, esfera, quadro, etc. deve-se mostrar à criança um grande número de conjuntos muito diferentes que os contenham: objetos, gravuras, desenhos em várias posições, etc... O trabalho manual é meio de conhecimento e de expressão: serve constantemente de motivação e de material intuitivo. O desenho disciplina a aptidão para a observação obrigando a criança a analisar a forma, o tamanho, as posições, a côr, as distâncias relativas, as qualidades, etc... É um valioso auxiliar no processo de conduzir uma criança à abstração.

Quando o professor, na ânsia de economizar tempo e esfôrço, dá aos alunos a regra, o "saber pronto", usurpando-lhes o direito do prazer da "redescoberta", faz da matemática uma matéria sem vida, abstrata, que origina sempre o insucesso dêles, e que é capaz de prejudicá-los por muitos anos.

II — Escolher conjuntos totais com o menor número possível de minúcias desnecessárias.

III — Os elementos dêstes conjuntos devem ser tão obstrutivos quanto possível.

IV — Os cubos ou esferas, círculos ou quadrados, etc... devem ser cubos e esferas reais, círculos e quadrados reais, não aproximações.

Não deve haver confusão de idéias essenciais com outras sem importância.

V — Prover muitas e variadas situações para que algum elemento comum sem importância não fique ligado, invariàvelmente, ao elemento em questão.

Ex.: O cubo e a esfera podem ser apresentados através de corpos sólidos, de desenhos em várias posições, etc...

"A passagem da noção de uma forma sob três dimensões à noção da mesma sob duas dimensões, não é sempre tão fácil quanto parece, e certas crianças têm dificuldade evidente em reconhecer os desenhos. Assim, é de grande necessidade representar pela imagem as formas naturais conhecidas sob as três dimensões, a fim de as familiarizar com esta linguagem, mais abstrata muitas vêzes do que se pensa, que é o desenho".

VI — Escolhidas as situações em que os elementos essenciais estejam em evidência, o professor pode *guiar a atenção do aluno para o elemento abstrato.*

Pode fazer isto de muitas maneiras delicadas, sutis.

VII — O professor *deve acentuar as semelhanças entre os semelhantes e as diferenças entre os diferentes ao mesmo tempo, para aumentar o valor do contraste.*

VIII — Na aquisição dos fatos abstratos o professor deve levar os alunos a *reagir vigorosamente.* O aluno deve tomar uma atitude de auto-atividade, de exploração e descoberta, de iniciativa e presteza para descobrir por si o elemento abstrato, o característico comum do que se lhes mostra.

A Matemática não é difícil, mas ensinar Matemática é das tarefas que exigem maior dose de reflexão, de bom-senso e de cuidado.

Em geral, o professor erra antes de encontrar o caminho certo para ministrar os seus conhecimentos. Enquanto o professor está errando, o aluno não está aprendendo.

BIBLIOGRAFIA

General Psychology — Revised By Wayland F. Vaughan, Professor of Psychology, Boston University. Pág. 340, 526, 530, 531, 543, 544.

Personality — A psychological interpretation — Gordon W. Alipor — Associate Professor of Psychology in Harvard University. Pág. 406 - 426.

Psicologia — Djacir de Menezes — Pág. 82. Abstração e generalização.

Noções de Psicologia — José de Almeida — Pág. 284.

Psicologia da Infância — Sílvio Rabelo — Pág. 293. As construções abstratas.

Como Pensamos — John Dewey — Pág. 167. O pensamento concreto e o pensamento abstrato.

Psicologia — Elementos de Filosofia Aristotélico — Tomista I Parte — Abstração: noção, graus, clareza das idéias abstratas, concreto e abstração, vantagens da abstração, inconvenientes da abstração. Pág. 475.

The Psychology of Exceptional Children — by Karl C. Garrison, Ph. D. Assistant Professor of Education, Teachers College of Connecticut Abstract intelligence, 82.

Psicologia — Augusto Messer — Abstración — 282, 284, 292, 331.

Psicologia Aplicada — Prof. Th. Erismann — Abstracción — Pág. 49.

Psicologia Pedagógica — J. De La Vaissière, S. J. Abstração na criança, 72; no adolescente, 78; no retardado, 246; abstrato: tipo, 224.

Elementary Educational Psychology — Abstract, thinking, 163. Paul L. Boynton...

Educational Psychology — Gates — Jersild — Mac Connell — Challman — Abstract ideas, 174, 233, 236, 237, 263, 285, 286, 288, 430, 431, 445, 456, 522, 556.

Psicologia del niño — Prof. Robert Gaupp — Abstracción, 90, 103, 132.

Educational Psychology by *H. Carl Witherington* — Abstract number system, 205.

Introdução à Psicologia Educacional — Noemy Silveira — Abstração: 29 n, 40, 173, 400; e intelecto, 105, 244; por contraste, 304; por dissociação, 304; por identidade, 304; processos de —, 304.

Psicologia para estudantes de Educação — Gates. Abstração, qualidades abstratas, 141 - 163; aprendizagem de fatos abstratos, 132 - 169.

Problemas de Patopsicologia y Psiquiatria Clinica — Los síntomas Psíquicos y el diagnóstico Psiquiátrico. Pág. 47.

Manual de Psiquiatria — Mira y Lopes — Psicologia normal e patológica da sensopercepção — 110; Psicologia normal e patológica da memória, 130; Compreensão, associação de idéias e do curso do pensamento, 148; Psicopatologia da inteligência, 203; Técnica exploradora das funções intelectivas superiores, 205; Oligofrenias, 329.

Psicologia da Criança — Theobaldo Miranda Santos — Organização da atividade intelectual: a) Formação do pensamento; b) A abstração e a generalização. As noções abstratas. Pág. 184.

Niños oligofrénicos — Dr. Jerônimo de Moragas — Clinica Psiquica de las oligofrenias. Pág. 113...

Dicionário de Pedagogia Labor — Abstração. Pág. 6.

Experimentelle Untersuchungen über Abstraktionsfaehigkeit — A. Koch.

Psychologie und Pathologie der Abstraktion — W. Eliasberg

Ueber die Entwicklung der abstraktionsfaehigkeit von Schulerinnen — J. Habrich.

Raum, Zeit und Wirklichkeit (1924) — J. Wittmann.

Modern Clinical Psychology — Richards — Concepts, abstract, 56.

ESTUDOS SOCIAIS

ALDA C. KREMER
Auxiliar-técnico do C. P. O. E. da Secretaria de Educação do R. G. S.

— *Peço que me indique questões de Geografia para uma prova do 2.º ano.*

— *Podia me dar um modêlo de prova para o 3.º ano primário?*

. . . . . .

— Julgamos que a simples apresentação de exercícios para avaliar o rendimento da prendizagem dos alunos não resolveria plenamente as solicitações acima. Oportuno se torna lembrar, aqui, as normas gerais a que devem obedecer as verificações periódicas do aproveitamento da classe.

São as seguintes, de acôrdo com o Comunicado n.º 3, de 15/5/51, do C. P. O. E., as normas acima referidas:

"I — A verificação deverá envolver a parte da matéria desenvolvida no mês e aspectos já tratados anteriormente, mas que, a critério do professor, sejam considerados significativos para melhor julgar o aproveitamento do aluno e para maior sistematização do ensino".

"II — Os conhecimentos devem ser medidos, tanto quanto possível, em situações semelhantes àqueles que a vida apresenta".

"III — A prova deverá incluir questões cuja solução exija processos mentais diferentes".

"IV — As questões devem ser enunciadas em linguagem simples, precisa e acessível ao desenvolvimento da classe".

"V — Na organização da prova considerará o professor as dificuldades apresentadas pelas diversas questões, procurando dosá-las convenientemente".

"VI — As questões deverão ser grupadas de acôrdo com os tipos a que pertencem, para facilitar a compreensão da ordem e a execução do trabalho".

"VII — Ao elaborar a prova, cuidará o professor que as questões possam ser valorizadas de modo objetivo pela escolha de tipos que se prestem a essa forma de julgamento e pela adoção de um critério único, justo e imparcial, de apreciar as respostas".

Para maior esclarecimento das professôras comentaremos, a seguir, de modo sucinto, a norma n.º III. De acôrdo com a mesma, a prova deve apresentar questões que podem ser resolvidas:

A) pela simples evocação; exemplos:

1. questionários — Quantos estados tem o Brasil?
2. preenchimento de lacunas — A maior lagoa do Rio Grande do Sul é a .....
3. enumeração — Escreva os nomes de três rios do Rio Grande do Sul.

B) pelo reconhecimento, entre várias, da resposta ou respostas certas; ex.:

1. Marca, com uma cruz dentro do parêntese, a resposta certa:

   A indústria do vinho é importante no município de:

   ( ) Alegrete
   ( ) Uruguaiana
   ( ) Cachoeira do Sul
   ( ) Caxias do Sul
   ( ) Viamão.

2. Sublinha o que se pede:
   Um produto que exportamos:

   Automóveis — Perfumes — Arroz — Gasolina — Rádios.

3. Marca com uma cruz, dentro do parêntese, as respostas certas:

   Cidades do Rio Grande do Sul que ficam na "Campanha":

   ( ) São Borja
   ( ) Pelotas
   ( ) Uruguaiana
   ( ) Santa Cruz do Sul
   ( ) Bagé
   ( ) São Leopoldo
   ( ) Santo Ângelo.

   (Nota: Nas questões de escolha múltipla, como a anterior, apresentar sete proposições para a indicação de duas respostas certas).

C) Questões que apelam para a capacidade de distinguir, entre várias respostas certas, a que é principal. Ex.:

"Marca, com uma cruz dentro do parêntese, a resposta que melhor completa a frase iniciada abaixo. Repara que tôdas estão certas, mas há uma que é mais importante e, por isso, deve ser escolhida para completar esta frase".

— Uma bebida saudável que as crianças devem preferir é:

( ) o café
( ) o guaraná
( ) a limonada
( ) o mate
( ) o leite.

D) Questões que apelam para a capacidade de estabelecer relações, de associar datas a fatos históricos, acidentes a locais geográficos, causas a fatos históricos, etc. Ex.:

1. Escreve, na linha de pontos, o nome do acidente geográfico que, no mapa, tem o n.º 5. (Mapa mudo com vários acidentes numerados)
2. Marca, com uma cruz no mapa, a cidade de Santa Maria.

3. Escurece, com o teu lápis, no mapa, a Região das Missões (mapa mudo regional)

4. O ano de 1835 foi assinalado.....

E) Questões que avaliam a capacidade de organização lógica, relacionando, por exemplo, fatos históricos pela sua ordem cronológica, rios pela sua extensão ou importância para a navegação, cidades, pelo seu desenvolvimento e população. Ex.:

1. Numerar os seguintes fatos da nossa História, começando, com o n.º 1, no mais antigo e terminando no mais recente:

( ) Revolução Farroupilha
( ) Descobrimento do Brasil
( ) Fundação de Pôrto Alegre
( ) Independência do Brasil.

F) Questões que apresentam um conjunto de dados que permitem ao aluno identificar uma região, os tipos característicos que a povoam, um fato histórico, um acidente geográfico (especialmente do ponto de vista da sua influência na vida humana), uma época histórica ou um vulto eminente.

Aplicando e adaptando as normas e sugestões que as acompanham, julgamos possam as professôras encontrar maior facilidade na elaboração das provas de revisão periódica da aprendizagem.

Outrossim, lembramos às professôras que já existem publicadas algumas obras didáticas que atendem as necessidades do professor relativamente aos exercícios de fixação e verificação, especialmente no 3.º ano do C. Primário, como: "Estudos Sociais e Naturais", de Maria de Lourdes Gastal — Ed. Globo, "Vamos Conhecer o Rio Grande", de Giselda Guimarães Gomes e Edith G. Lima — Ed. Globo e "Geografia Moderna", de Hans Schmit — Ed. Globo.

MÚSICA E CANTO ORFEÔNICO

IDA PAOLINI
Orientadora de Música da S. E. A., da Secretaria de Educação, R. G. S.

P. Como dar a noção da nota pontuada e conseqüentemente, do ritmo ternário?

R. Êste conhecimento, bem como todos os demais pontos de teoria, deverão sempre ter como ponto de partida, uma canção.

No caso em questão, a aula deverá ser motivada por uma canção que apresente MINIMAS pontuadas.

Poderá a professôra seguir os passos seguintes: Iniciar a aula com a entoação da canção ou frase pedagógica previamente escolhida.

Como nessa altura, a classe já deverá possuir conhecimento de Pauta, Clave e Nota, a canção deverá ser escrita no quadro negro pela professôra ou por um aluno.

Inicialmente usar a ligadura como preparação para o aparecimento do ponto. Diminuir aos poucos a SEMÍNIMA junto à MÍNIMA que aos poucos se converterá num ponto. Explicar então que o ponto sempre representa a figura que vem depois, (quer dizer, a de menor valor).

Dar exemplos de compassos:

Quaternário: trote de cavalo
Ternário: marcha
Binário: valsa

Fazer exemplos de reconhecimento de ritmo fazendo a turma cantar a mesma melodia nos três ritmos e fazer com que chegue à conclusão que o único que se ajusta é o ternário. Pedir exemplos de valsas; fazer treinos de marcação do ritmo em exemplos variados. Por exemplo, dividindo a aula em dois grupos:

1.º exemplo:

1 grupo canta e outro grupo, bate palmas.

2.º exemplo:

1 grupo canta e outro grupo, conta 1, 2, 3, (acentuando sempre o 1.º tempo).

3

Daí surgirá o conhecimento da cifra — que mais tarde poderá ser substituída pela fração ¾. Apesar de ser uma aula de teoria, o *SOM* nunca deverá ficar em 2.º plano, assim, a melodia a ser aplicada nesta aula, deverá ter notas prolongadas para que a classe sinta o SOM que *não moveu* e reconheça os sons que *subiram* ou *desceram*.

Podem ser utilizados, com grande vantagem, os gráficos de altura dos sons. A professôra poderá, também, solfejar a mesma melodia por meio do *Manossolfa*, com a preocupação constante da afinação apurada e, dêste modo, ao mesmo tempo que ela ministrará os conhecimentos teóricos, estará desenvolvendo na turma, a consciência do *SOM*.

Prof.ª Suzy Pinto Leães, Alegrete.

— A resposta à sua consulta foi por carta e esperamos que as nossas sugestões tenham sido oportunas Quando necessitar material didático ou orientação, volte a nos escrever que temos muita satisfação em poder auxiliar às colegas distantes.

O grande educador, o tempo BUGRE.

Retratando MESTRES

Esta coluna está à disposição de professôres e alunos que desejarem homenagear um mestre. Para isso deverão nos enviar, devidamente datilografados em lauda almaço a dois espaços, os dados biográficos do homenageado, retrato e algum trabalho ou fragmento de autoria do mesmo. Os trabalhos enviados devem trazer assinatura da diretoria ou professôra responsável por êle e endereço completo.

Endereçar para: "Retratando mestres" Revista do Ensino, Rua dos Andradas, 1428, Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

CECY DA NOVA CRUZ SACCO

Homenagem das Orientadoras do Ensino Municipal em Pelotas

ESCREVE:

MARITANA PIRES BAPTISTA

Pelotas, R. G. S.

Em junho de 1946 foi nomeada Diretora da Educação do Ensino Municipal de Pelotas, a professôra estadual CECY DA NOVA CRUZ SACCO que se salientou por sua atuação serena e imparcial, tornando-se, cada dia, credora de maior acatamento e estima dos professôres municipais.

Sua capacidade técnica imprimiu ao ensino um ritmo mais acelerado de progresso, dentro das normas da atual pedagogia, zelando, com especial carinho, pelos problemas administrativos.

Durante os cinco anos e meio em que exerceu o cargo de Diretora, foi reorganizada a carreira do Magistério, conseguindo, para os professôres, promoções quinquenais. Foram criadas duas novas categorias a 4.ª e a 5.ª entrância para professôres que contassem respectivamente 15 e 20 anos de serviço.

Foi organizada a carreira do professor especializado, concedendo-lhe as mesmas vantagens dos professôres de letras.

Os vencimentos dos professôres rurais foram equiparados aos dos professôres de carreira.

Houve, também, uma reestruturação nos vencimentos do professorado os quais são, atualmente, os melhores entre os congêneres do Estado.

Nesse período foram proporcionadas, aos professôres, bôlsas de estudos no Cônservatório de Canto Orfeônico do Rio de Janeiro e no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Foram criadas 54 novas escolas e cursos supletivos, tendo duplicado o número de estabelecimentos de ensino, então existentes; ampliados três grupos escolares da cidade, que foram dotados de amplas e modernas salas de aula e outras dependências, bem como instalações para sopa escolar.

Zelou pelo serviço de assistência social, médica e dentária dos escolares, não só da zona urbana, como da rural.

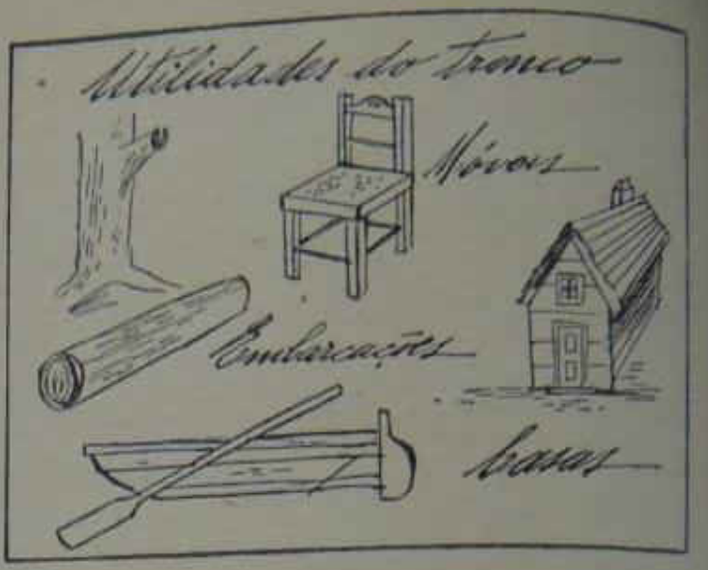
Muito contribuiu para a organização do "Orfeão dos Grupos Escolares Municipais" e da "Orquestra Infantil", assistindo aos ensaios e despertando nas crianças o interêsse pela música. Por diversas vêzes o Orfeão apresentou-se em festas escolares, tendo merecido os mais francos louvores.

Conseguiu um projetor cinematográfico e um gerador elétrico para exibição de filmes educativos e recreativos, nas escolas.

DONA CECY, com sua serenidade, inteligência e lúcida visão dos problemas educacionais, proporcionou ao Magistério uma sensação de garantia, porque foi a conselheira amiga a quem os professôres recorriam em tôdas as dificuldades. A maneira singela e firme com que conduziu o Ensino Municipal de Pelotas fêz congregar, em tôrno de sua figura de MESTRA, o professorado confiante e entusiasmado no exercício de sua missão.

Com o apôio dos ex-prefeitos, Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas e Dr. Joaquim Duval, conseguiu atingir os altos objetivos que sempre teve em mira, dentro do espírito democrático e dos princípios morais que sempre lhe nortearam o procedimento.

Não basta têrmos diante de nós a sabedoria; é preciso lançar mão dela e empregá-la. CÍCERO.



OBSERVANDO . . .

★

COMO AS PLANTAS SÃO ÚTEIS PARA O HOMEM

Depois de estudadas as partes da planta, leve seus alunos a observarem as utilidades delas para o homem. Êles poderão observar em casa, na rua, na escola e no mercado.

Das observações realizadas (e que podem ser feitas em partes) poderão fazer desenhos e completar o trabalho com gravuras. Uns e outros, depois de selecionados, devem ser colados em fôlhas de cartolina e vão formar uma coleção muito útil.

COMO OS ANIMAIS SÃO ÚTEIS PARA O HOMEM

Leve seus alunos a observarem como os animais são úteis para o homem. Êles poderão fazer observações em casa e na rua; poderão procurar gravuras que mostrem animais trabalhando para o homem. Irão ver: cães guardando casas, cavalos servindo para montaria, burros puxando carroças, vacas fornecendo leite, galinhas ponde ovos, bois puxando carrêtas, gatos caçando ratos, etc. Em gravuras encontrarão: elefantes carregando troncos de árvores, lhamas e camelos servindo para montaria, etc.

Depois de feita a coleta de material, podem organizar quadros como foi indicado acima. Poderão classificar os animais em grupos: a) animais que são úteis porque trabalham para o homem; b) animais que são úteis porque fornecem alguma coisa que o homem aproveita.

BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL

ELIDA DE FREITAS E CASTRO DRUCK
Professôra de Biblioteconomia do Curso de Administradores Escolares do Instituto de Educação — Pôrto Alegre.

SALA DE LEITURA — Localização de móveis

1

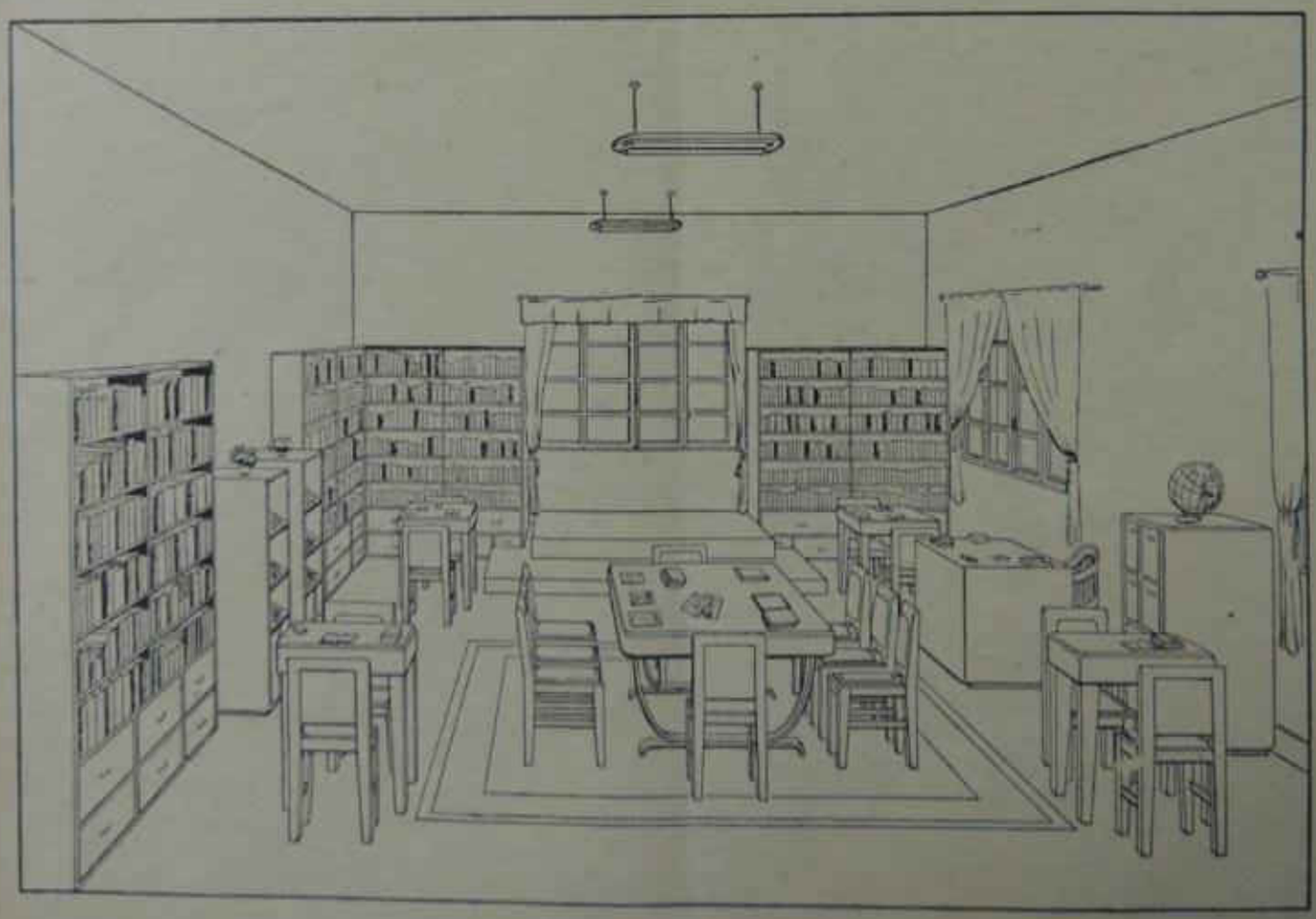
"Se entrares numa sala cheia de livros, êles te falarão, ainda que os não tires da estante". — *Gladstone.*

Se é certo que no reino animal, cada espécie tem o seu âmbito próprio de vida; se é certo que as flores e os frutos no chão fertilizado nos dão encanto e alimento, também é verdade que O LIVRO precisa de certas formas de preparo de terreno mental e material para produzir benefício e alimentar o espírito. A biblioteca infantil, "o pomar" onde as crianças vão colhêr os primeiros frutos, precisa ser considerada, preliminarmente, em sua materialidade: situação, no edifício da escola; colocação dos livros, revistas, mapas, álbuns e gravuras em estantes adequadas; acomodações pessoais que proporcionem o confôrto e encanto ao leitor, para pesquisas educativas e leituras recreativas.

As futuras administradoras devem conhecer e sentir a importância do fator — *apresentação de uma sala de leitura,* — como condição indispensável para maior êxito da instituição. Naturalmente, como *professôras,* têm conhecimentos didáticos especializados sôbre a educação e preparo mental da criança, e não conhecimento de engenharia, arquitetura e menos de... carpintaria. Mas, no campo da observação e do estudo, podem tirar suas conclusões lógicas e sugerir medidas tendentes à melhor localização da biblioteca infantil; selecionar e planejar a feitura dos móveis, para adequá-los ao inteiro aproveitamento do ambiente de que dispõem, necessidades e interêsses do leitor.

Apresento aqui algumas sugestões de professôras, minhas ex-alunas do Curso de Administradores Escolares, que merecem ser consideradas tanto para a sala já utilizada para Biblioteca Infantil, como na construção de edifícios escolares e na adaptação de salas em prédios já construídos:

MARIA MESSIAS, em seu plano de trabalho sôbre a organização de uma biblioteca escolar, apresenta o projeto anexo para "uma Biblioteca no Grupo Escolar Argentina, de Pôrto Alegre, de acôrdo com as possibilidades do prédio", e, naturalmente, eventual aumento do número de mesas e cadeiras. Ela diz, capeando o modêlo, entre outras coisas, o seguinte: Continua na pág 71.



CONTOS PARA OS SEUS ALUNOS

BIANQUITA

Irmã MARIA JOSÉ
Prof.ª do Colégio Bom Conselho,
Pôrto Alegre.

Bianquita era uma avelhinha muito linda, muito querida, delicada, cortês. Seu pêlo macio parecia um montinho de neve. Bianquita era lindinha mesmo.

Pobre Bianquita! Estava tão triste! Sua mãezinha adoecera, há três dias, e não sarava. O pior de tudo é que o remédio que o doutor lhe receitara, já se havia acabado. E quem iria, longe, à vila, comprar outro?

Bianquita nunca saíra sòzinha. A mãe sempre lhe dizia que era pequena, ainda, para andar sem companhia. E Bianquita, obediente e bem educada, atendia-lhe sempre aos conselhos.

Agora, entretanto, não se podia conformar.

Ah! Se pudesse dar uma fugida até à botica para trazer aquêle remédio amargo que curaria sua mamãe!...

Lembrou-se do padrinho, que morava perto, e saiu para lhe pedir o favor de conseguir o medicamento. Mas o padrinho — um grande Cão Ovelheiro — não estava em casa. Bianquita deixou-lhe um recado e, sem dizer nada a ninguém, tocou-se para a vila.

Sabia que os lôbos andavam pelas estradas, mas seu amor pela mamãe era maior que o mêdo dos lôbos... e foi, sem susto, na certeza de que praticava uma boa ação.

Ao voltar da botica, Bianquita trazia um pesado vidro de remédio. Ia, ligeirinha, pela estrada, lembrando-se de ter ouvido sua mamãe dizer que, naquele caminho, havia lôbos terríveis, que devoravam as ovelhinhas caminhadeiras.

Mas Bianquita não encontrara nenhum... e aquêle vulto que se aproximava dela, enrolado num ponche comprido e de chapéu de abas largas, não tinha jeito de lôbo...

Bianquita parou. O vulto achegou-se-lhe e perguntou, com voz labiosa:

— Como passa, linda ovelhinha? Foi bom encontrá-la! Não me sabe dizer onde fica a casa de seu João Boticário?

Bianquita sorriu. De seu João Boticário? Era justamente de onde tinha vindo...

— "Sei, sei! Mas ainda está longe... Fica para as bandas daquela coxilha, descendo esta lomba. Veja! — e mostrou-lhe o vidro de remédio — venho de lá".

— "Tão longe?! E você não está cansada? Pois

Continua na pág. 17

O GRACHAIM E O GAMBÁ

DARCY AZAMBUJA
R. G. do Sul

— Era uma vez o compadre Grachaim, que andava mui esfaimado, porque a cachorrada não deixava chegar ao rebanho e o tempo corria tão ruim que até as preás faziam pouco dêle. Inverno brabo de geada que branqueava. Tudo que era bicho ladrão andava com a barriga pegada no espinhaço. Até o compadre tatu teve que mudar de toca, por causa das chuvaradas. Cobra, então, nem nada, e os quero-queros, de frio, não davam mais sinal.

Compadre Grachaim, então, foi convidar o compadre Gambá, que era mui esperto, pra darem uma batida nos poleiros, ou no rebanho, a ver se pegavam algum cordeirinho recém-nascido.

Mas o Gambá disse que estava muito cansado de ter ido, na véspera a um galinheiro do outro lado do passo, e que mesmo, numa enrascada em que andara, tinha prometido ao compadre Pilôto não bater na criação da casa. O Grachaim embrabeceu, e ainda meio que provocou o Gambá, para passar-lhe o dente, e foi embora dizendo que até era melhor um bicho sem-vergonha como o Gambá não andar com êle, que era bicho de respeito. E saiu a trotezinho direito à casa do compadre Lagarto.

O Lagarto que estava enrodilhado no ôlho do Sol, disse que não queria conversa com a cachorrada da estância, porque não podia estragar a sua roupa de inverno; mas se o amigo queria podiam ir olhar, no outro dia. O Grachaim não gostava de mel, mas o tempo corria ruim, e disse que sim, que ia melar.

Vai então, no outro dia, os dois foram, ao meio-dia, procurar mel. Trotearam, trotearam até encontrar um camoatim, mui lindo e gordo, em cima duma pedra.

Compadre Lagarto, então, disse: — "Compadre Grachaim, você fica aqui, quieto, espiando no mais a manobra, que, quando chegar a hora lhe digo".

E foi direito à casa dos camoatins, que estava negriando de bicho. Quando chegou em cima, fincou a cabeça na pedra e — lépt — um guascaço no camoatim, e disparou para lamber o mel que ficara grudado no rabo. Quando os bichos acalmaram um pouco, veio

⟶

Bianquita

Continuação da pág. 16.

eu, que caminhei muito menos, não me agüento de pé". — E sentou-se numa pedra, perto da ovelhinha.

Bianquita quis ir embora. Voltou-se para cumprimentar o estranho viajante e — que horror! — viu, a sua frente, uma enorme bôca escancarada. Uma bocarra de lôbo, com dentes afiadinhos e língua vermelha, vermelha.

É que o senhor lôbo — muito bem disfarçado, com um ponche, para esconder o rabo, e um chapeirão, para ocultar as orelhas — se esquecera de disfarçar o bocejo com a mão ou com o lenço e, descortêsmente, abrindo a bôca, começou uma indelicadeza que o traiu.

Ai! Como devia ser voraz aquêle lôbo!

Bianquita levou tão grande susto, que suas perninhas, já doidas de tanto caminhar, ficaram bambas, amoleceram...

— "Que está sentindo você, menina? Tem mêdo? De quê? Não se assuste, não! Cuidarei bem de você, ovelhinha mimosa! Vou levá-la até sua casa! Para que lado fica?"

Bianquita não respondeu. Assombrada, arregalou os olhinhos redondos e doces e... olhou para o lôbo. Duas lágrimas escaparam-lhe, pelo cantinho dos olhos, e foram cair no pó da estrada.

Senhor Lôbo levantou-se. Fêz um gesto com o ponche, para abrigar Bianquita debaixo dêle. Erguendo o focinho, como um dominador, lançou os olhos pela estrada.

— "Menina, você não vê, lá adiante, um vulto que se aproxima, correndo?"

— "Oh! Sim... sim... É meu padrinho, o Cão Ovelheiro!"

— "O Cão Ovelheiro?... Bem, menina... um momentinho... vou-me retirando... não topo com o tal seu padrinho... Vá, menina... vá encontrá-lo, porque desta vez, não posso acompanhá-la".

E, medroso, fugiu do Cão Ovelheiro, sumindo-se pela estrada fora.

Bianquita, feliz, seguiu para casa, ao lado de seu amigo, que a livrara das garras terríveis do lôbo.

* * *

Quando chegou, Bianquita fêz mamãe tomar o remédio amargo que, com tanto sacrifício e amor, lhe trouxera.

Poucos dias depois, mamãe de Bianquita estava curada, e Bianquita continuou sendo uma ovelhinha linda e mimosa, obediente, corrêta e muito feliz.

de novo, devagarzito, fincou a cabeça e — lépt! — outro guascaço e disparou para lamber o mel. Assim féz um mundo de vêzes. Os camoatins zuniam para todos os lados, mas não encontravam ninguém, e algum que pegou o Lagarto, êle nem se importou, porque no seu poncho não entra ferrão nem chuva.

Depois de muito tempo os camoatins deixaram a casa e foram embora. Mas, quando o Lagarto disse: — "Agora sim, compadre Grachaim, vá buscar o mel" — Viram o Gambá que se despencou de uma árvore, gadunhou o camoatim e se foi campo fora.

O Grachaim correu, mas o Gambá ia longe, e êle então ficou muito triste, muito triste, e se lamentou pro compadre Lagarto, e jurou que havia de se vingar do desgraçado do Gambá.

Combinou um plano com o Lagarto, e, no outro dia foram pro mato onde morava o Gambá.

Vai então, o Grachaim cortou uma tala de gerivá, pelou e disse que o compadre Lagarto ficasse escondido, esperando. Quando ia chegando a hora de o Gambá vir beber água, o Grachaim começou a arrancar cipó, a arrancar cipó como se fôsse quinchar dois ranchos. Daí a pouco, veio o Gambá ao tranquinho, pra o lado do arroio.

— "Bom-dia, compadre Grachaim!"

E o Grachaim: — "Bom-dia, compadre Gambá" — e seguiu arrancando cipó, arrancando cipó.

— "Pra que é tanto cipó, compadre Grachaim?"

— "Ué! o compadre não sabe que vem aí um pé de vento tão grande que tudo que é bicho que não estiver atado numa árvore o vento o leva?"

— "E o compadre vai se amarrar?"

— "E então? O compadre Corvo que veio ontem da serra, foi quem me deu a notícia do ventarrão que vem; disse que lá os bichos já se ataram todos".

O Gambá, então, assustado, pediu ao Grachaim que o atasse também que sempre tinham sido amigos, e tal. O Grachaim disse que não podia, que o vento não demorava, e êle tinha de ir em casa atar a mulher e os filhos.

Mas o Gambá pediu muito, se ajoelhou, féz muita lábia, e então o Grachaim disse:

— "Está bom, compadre, como sempre fomos amigos vou lhe fazer êsse favor".

E encostou o Gambá num tronco de guajuvira e passou-lhe cipó pelo corpo até que não podia mais se mexer.

Aí o Grachaim chamou o Lagarto.

— "Compadre Lagarto, aqui está quem nos roubou o mel".

E passou a mão na tala de gerivá, botou um pé adiante e outro atrás e começou a dar uma sova no Gambá.

Um João-de-Barro, que ia voando, vendo aquilo, lembrou-se que o Gambá lhe comera os filhotes o ano passado, e então sentou num galho da guajuvira, bateu as asas e deu gargalhadas. O Grachaim, dê-le dê-le tala no Gambá! Quando cansou, veio o Lagarto, fincou a cabeça no chão e — lépt! lépt! lépt! — até cansar.

E deixaram o Gambá por morto, de tanto apanhar, e foram melar outra vez.

LIÇÕES DE GEOGRAFIA

VI

ARREDORES DA ESCOLA

Prof. Afonso Guerreiro Lima
do livro "Terra — Água — Ar", edição Globo

A povoação

Observemos bem os dois desenhos.

O da esquerda representa uma pequena povoação. Vê-se uma senhora que se dirige à igreja, crianças que vão para a escola, outras que brincam no pátio, pessoas que passam nas ruas.

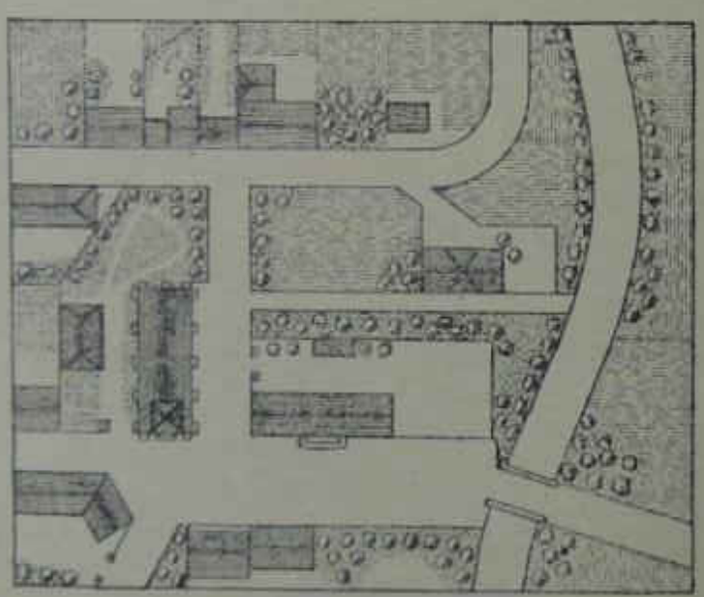
Um pequeno rio, atravessado por uma ponte, cerca a povoação.

O desenho da direita representa também a mesma povoação e, entretanto, quão diferente é.

Tudo nêle é plano: aqui o telhado da igreja e seu campanário, ali a escola, os telhados das casas, a ponte. Vêem-se também as ruas e o rio.

Mas, onde está a tôrre da igreja? onde estão os muros das casas, as portas, as janelas, os troncos das árvores? Não os vemos.

O segundo desenho é o que se chama uma *planta*.



Planta da povoação

Sugestões nossas

— *Traçar a planta do bairro da Escola ou parte dêle, localizando os prédios mais importantes.*

— *Construir o bairro da Escola, usando papel gessado, cartolina, fita Durex, areia, espelhos, etc.*

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

História para ser dramatizada

O LENHADOR E O PEIXINHO

Adaptação

Era uma vez um lenhador. Êle tinha perdido o seu machado.

Procurou, procurou o machado por todos os cantos e não o achou.

Ficou triste e sentou-se numa pedra perto de um rio. Nisto apareceu um peixinho que lhe perguntou:

— Por que estás triste lenhador?

O lenhador respondeu:

— Estou triste, porque perdi o meu machado.

O peixinho nadou e trouxe um machado de ouro.

— É êste o teu machado?

— Não, o meu machado é velho e êste é novo.

O peixinho nadou outra vez e trouxe um machado de prata.

— É êste o teu machado?

— Não, o meu machado é velho e êste é novo.

O peixinho nadou outra vez e trouxe um machado de ferro.

— É êste o teu machado?

— É êste mesmo, gritou o lenhador.

O peixinho gostou tanto do lenhador que lhe deu de presente o machado de ouro e o machado de prata.

*

JOGOS

Atravessar o rio

Os jogadores formam uma coluna e no chão a certa distância, traçar-se-ão duas linhas paralelas (o rio).

O jogador virá correndo e terá de saltar o rio.

Se o pé bate numa das linhas paralelas, o jogador não atravessou o rio e ficará fora do brinquedo.

Experiências

Água — Observação dos diversos tipos de água. Água de chuva, de rio, fonte. Beber água — no bebedouro e tirando água do filtro.

Lavar as mãos. Lavar as roupas de bonecas.

Observar brinquedo na água. Objetos que boiam e que vão ao fundo.

Efeito da água sôbre o sal e o açúcar. Ferver a água, para mostrar as nuvenzinhas.

Pôr a mão na água quente, água fria e água morna.

Fazer bôlhas na água. Pôr a mão na água e sentir a sua fôrça. Sentir a fôrça da água com os dedos numa torneira aberta.

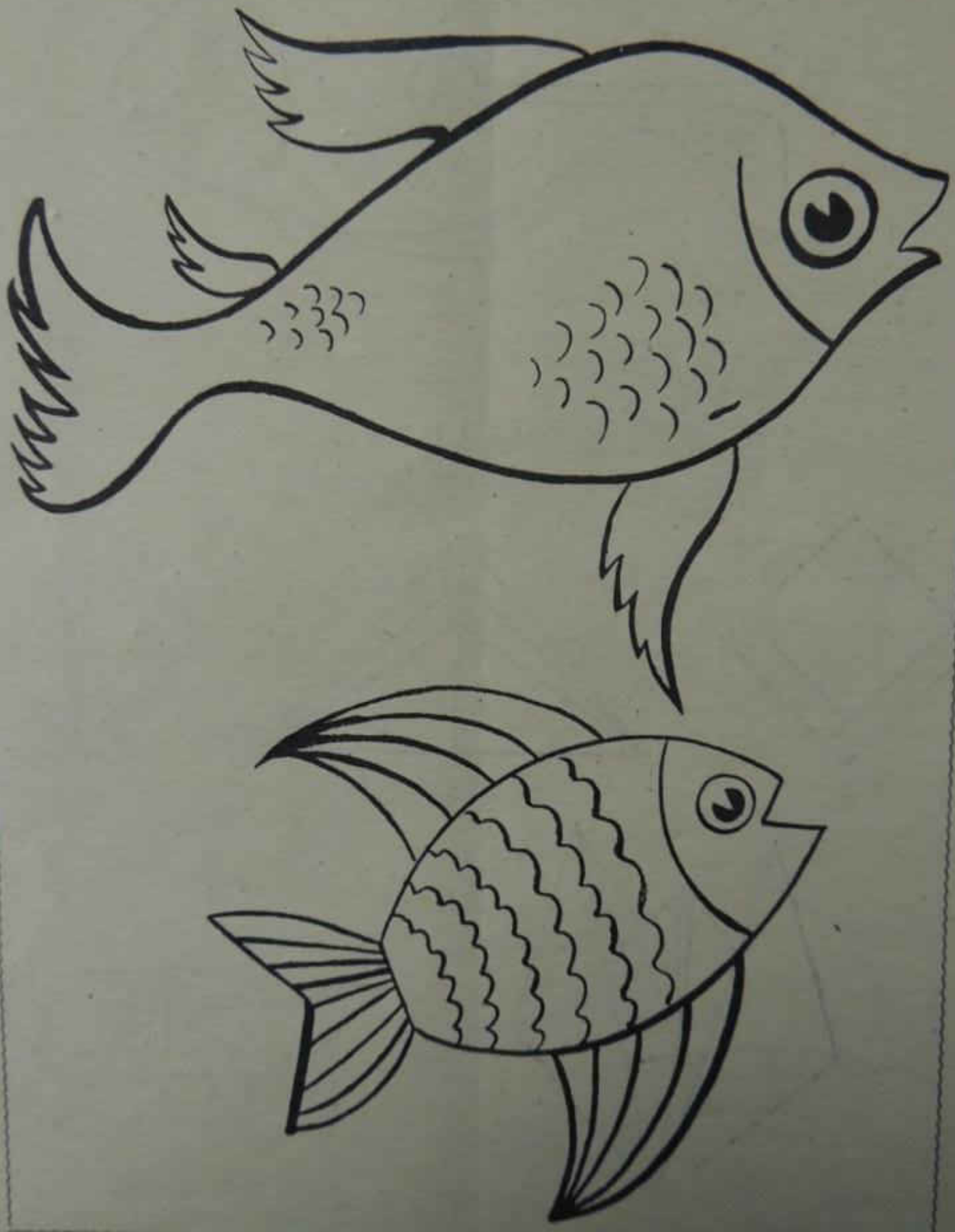
Dar água para os animais e molhar as plantas.

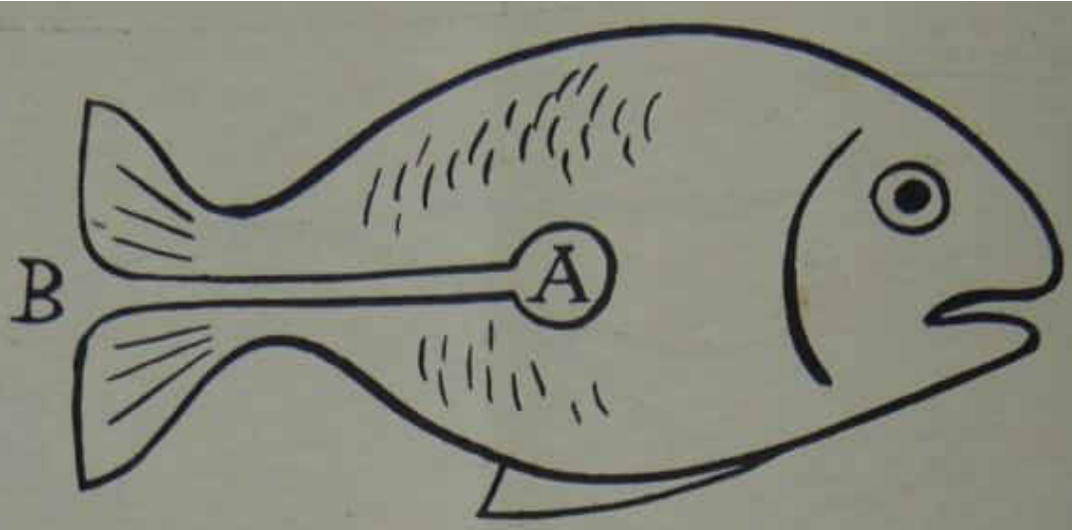
Derreter o gêlo para voltar à água. Pôr água numa vasilha e deixá-la ao sol. Depois de alguns dias explicar onde foi a água — evaporou-se.

Observar os peixes no aquário.

Aprenda a desenhar um peixe

Para alinhavo ou recorte

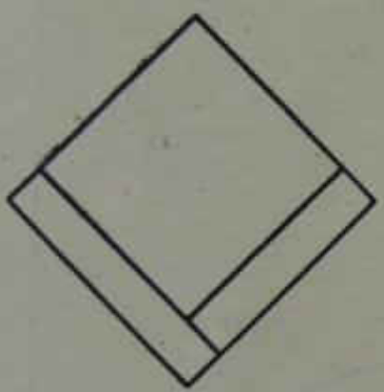


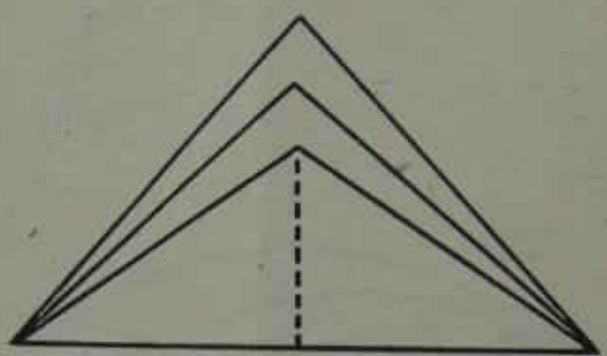


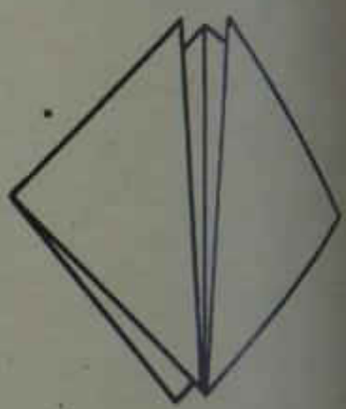
Êste peixe nada sem se tocar nêle e sem se agitar a água.

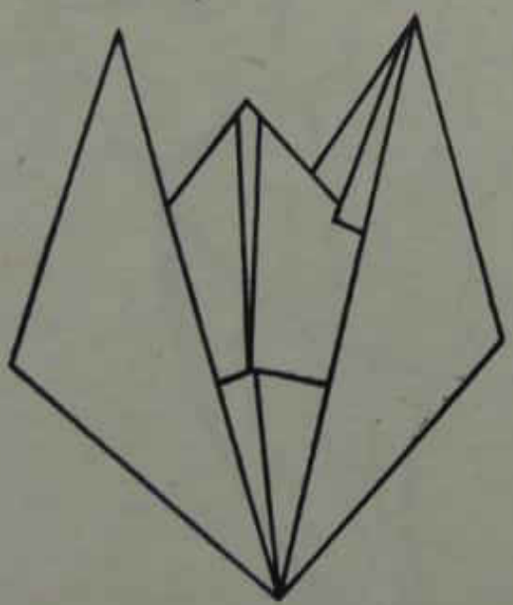
Trace o peixe aqui ilustrado numa cartolina. Corte fora o canal B e o orifício A. Coloque o peixe numa vasilha com água, de preferência numa bacia ou tina; derrame uma grande gôta de óleo no orifício A. O óleo se espalhará, passando pelo canal B, e fazendo com que o peixe se mova.

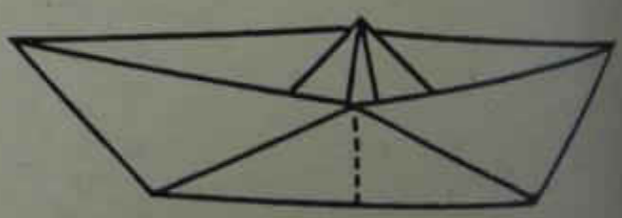
DOBRADURA
como se faz um barquinho

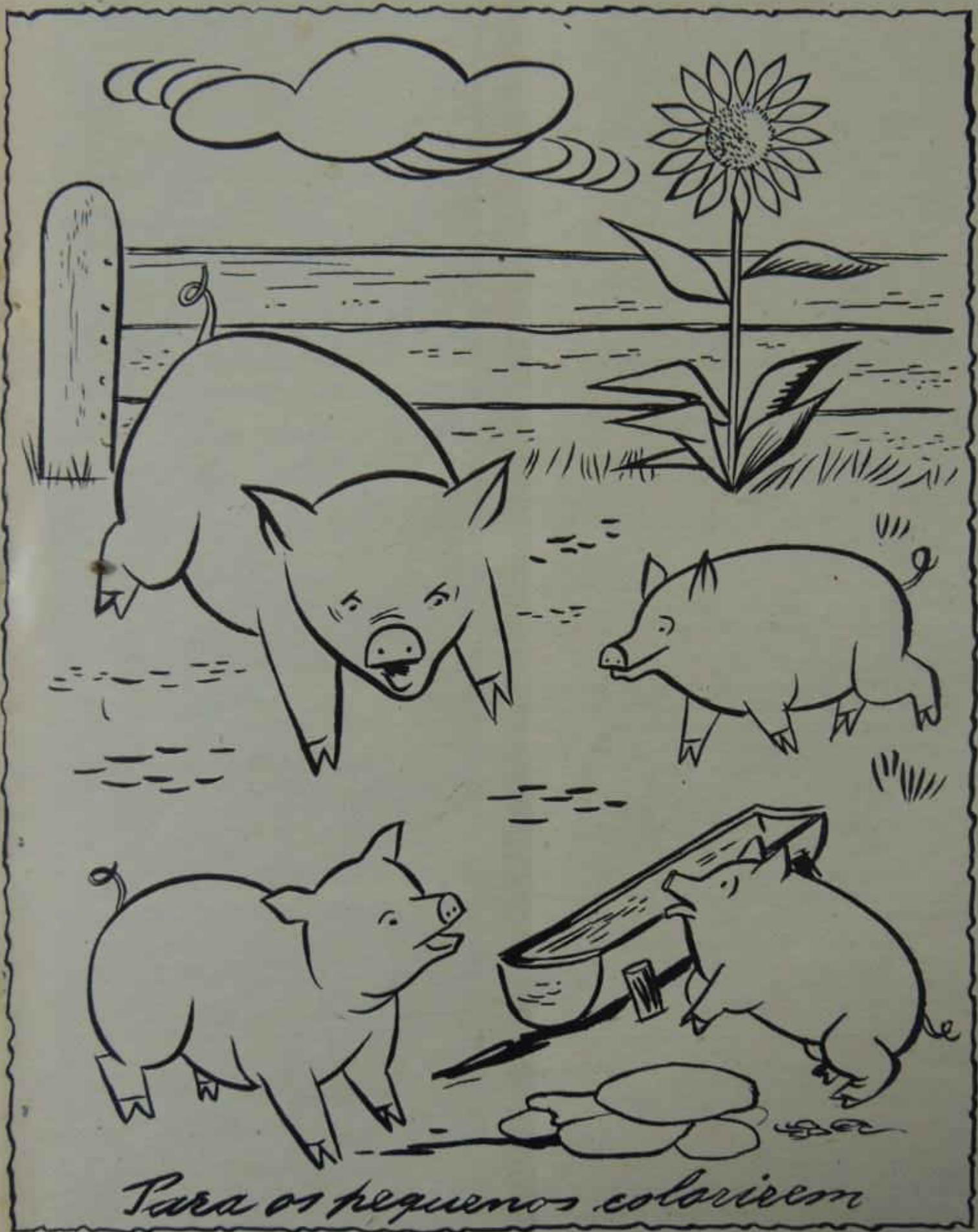

a


b


c


d


e


Para os pequenos colorirem

Biblioteca Infantil do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo

II

A BIBLIOTECA INFANTIL DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA

Organização de
d. LENIRA FRACAROLI
Bibliotecária-chefe da B. I. de São Paulo

A nossa Biblioteca foi inaugurada a 14 de abril de 1936.

Organizada de maneira a servir de centro de cultura e recreação possui presentemente 20 000 volumes, tendo já passado pelo seu fichário de matrícula, mais de 25 000 crianças, vindas dos bairros mais distantes da nossa capital.

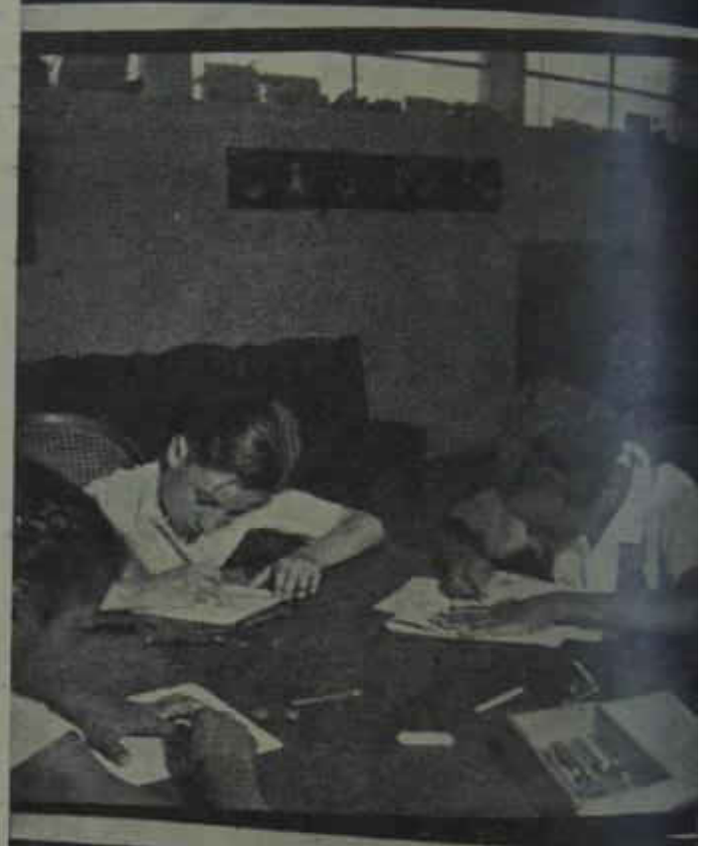
Os volumes, distribuídos em estantes abertas, oferecem livre acesso, dando aos consulentes plena liberdade de retirar aquilo que desejam ler.

Temos em franco funcionamento as seguintes seções:

LIVROS — Apesar de apenas últimamente ter sido incentivada a produção nacional de literatura infantil, temos: lendas, contos de fadas, mitos, fábulas, aventuras, viagens, alguns clássicos, poesia, história, biografias, belas-artes, ciência, humor, romances leves, várias publicações periódicas e ainda imprescindíveis dicionários e enciclopédias, ao lado de grande número de obras didáticas em uso nas escolas primárias e estabelecimentos ginasiais.

Parece-nos, que talvez a nossa criança já possa criar um mundo todo seu, na posse dos seus domínios espirituais.

Há na nossa biblioteca duas seções completamente distintas: uma parte de livros fixos, para ser lida nas nossas salas de leitura, e outra, circulante, que depois de ser desinfetada convenientemente em forno elétrico,



N.º 1 — Seção "circulante". Os garotos que não querem ou não podem ler no recinto da Biblioteca, tomam o livro por empréstimo e levam-no para casa. Os casos de extravio ou dano são raríssimos.

N.º 2 — Seção de arte. A Biblioteca fornece todo o material de desenho à garotada e êles que rabiquem à vontade.

N.º 3 — Os livros em caracteres Braile são impressos na própria Biblioteca. Mais de 300 volumes constituem o seu acervo. Os livros são ilustrados com figuras recortadas em feltro, formando relêvo.

pode ser levada pelas crianças, uma vez que tenham, para isso, autorização dos pais.

Estes recebem a circular que a Biblioteca lhes envia, devendo devolvê-la devidamente assinada, responsabilizando-se pelos danos ou perdas dos volumes que são confiados aos seus filhos.

Tínhamos, a princípio, instituído uma multa, mas o resultado não foi satisfatório, pois as crianças que a podiam pagar, ficavam meses inteiros com os livros, prejudicando, dêsse modo, os outros consulentes. Ora, como a finalidade da Biblioteca não é a de alimentar a irresponsabilidade, muito ao contrário, nortear a criança para o caminho do dever, resolvemos suspender tal penalidade e instituir uma pena máxima, (depois de uma semana ou duas e até um mês de tolerância). Ninguém mais deixou de cumprir com as novas disposições, e muito menos, quis incorrer nessa falta que vedaria aos reincidentes usufruirem das regalias que antes eram oferecidas.

Chegamos a emprestar cêrca de 2 500 a 3 000 livros por mês, tendo apenas a lamentar a perda de pouco mais de uma dezena, em quase 17 anos de funcionamento.

Com o máximo cuidado, foram tôdas as obras revistas e selecionadas, de maneira a evitar a presença de livros que possam falsear a compreensão moral ou cívica daqueles a quem devemos não só instruir, mas, também, educar.

CATALOGAÇÃO — Os livros, de acôrdo com os modernos moldes norte-americanos, dispoem-se nas estantes — que oferecem livre acesso da seguinte maneira: as obras de referência que não deixam as salas de leitura; em seguida as biografias por ordem alfabética dos nomes dos biografados; as obras classificadas pelos assuntos, de acôrdo com Dewey naturalmente, e portanto dispostas por classes, sendo mantida dentro das classes a ordem alfabética de autor e dentro desta, a ordem alfabética dos títulos; e as obras de ficção por ordem alfabética de autor, respeitando-se dentro dos livros dum mesmo autor a ordem alfabética dos títulos das mesmas. Temos ainda, separadamente, sem preocupação de disposição ordenada, livros sòmente ilustrados ou de pouco texto para os leitores menores os quais podem retirá-los e recolocá-los na estante, a sua vontade.

Utilizamos o catálogo dicionário do qual incluímos uma ficha de autor, de título e de assunto:

FICHA DE AUTOR

Campos, Maria Aparecida Pourchet
... Grandes músicos na infância... São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s. d.
61 p. ilus. 18 × 12 cm. (Biblioteca da adolescência, série 2, v. 7).

FICHA DE TÍTULO

Grandes músicos na infância.
Campos, Maria Aparecida Pourchet
... Grandes músicos na infância... São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s. d.
61 p. ilus. 18 × 12 cm. (Biblioteca da adolescência, série 2, v. 7).

Músicos

Campos, Maria Aparecida Pourchet

... Grandes músicos na infância ... São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s. d.

61 p. ilus. 18 × 12 cm. (Biblioteca da adolescência, série 2, v. 7).

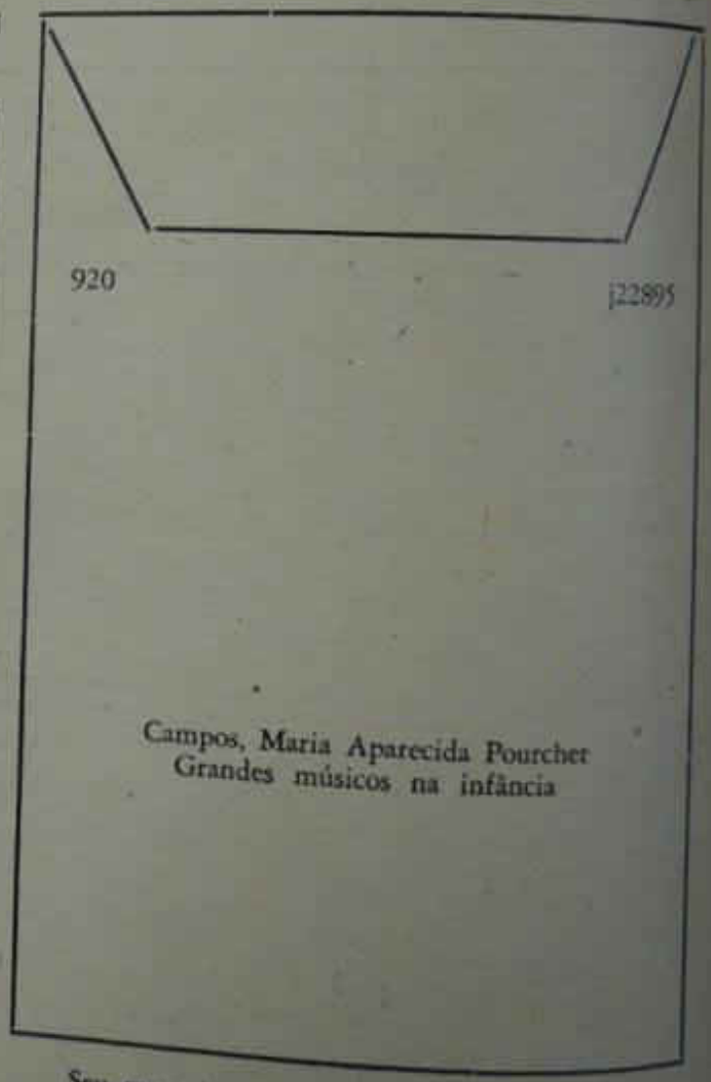
FICHA DE ASSUNTO

Na seção circulante usamos o "book-card" do qual adicionamos um modêlo mundialmente conhecido:

920
C157g j22895

AUTOR: Campos, Maria Aparecida Pouchet
TITULO: Grandes músicos na infância

N.º	DATA	ASSINATURA



Seu mecanismo, como se sabe, é simples: o leitor ao deixar a biblioteca, depositará tal cartão na portaria depois de ter sido devidamente preenchido pelo bibliotecário, isto é, após receber o número do retirante e o prazo limite para a devolução do volume. Voltará êle às mãos do bibliotecário que terá assim, conhecimento das obras ausentes bem como dos freqüentadores que as retiraram.

BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL MUNICIPAL

Aos senhores pais

Seu filho .....
deseja retirar livros para serem lidos em casa.

Pedimos-lhe o obséquio de autorizá-lo, caso esteja de acôrdo com o regulamento colocado no verso, sendo para isso, necessária a sua assinatura na linha abaixo.

.....
Assinatura do pai, mãe ou responsável.

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

REGULAMENTO

1) Só pode ser retirado um volume de cada vez.
2) Concedemos o prazo de 7 dias para a devolução do livro retirado.
3) Caso não seja suficiente êsse número de dias para a leitura, renovamos o prazo mediante aviso, mesmo por telefone, caso não haja pedido para o livro.
4) No caso de perda ou dano, exigimos a substituição do volume.
5) Quando fôr ultrapassado o prazo normal, ficará o leitor proibido de retirar livros durante um determinado tempo.
6) É imprescindível, nos seja comunicada a mudança de residência do consulente.
7) Não exigimos multa.

VERSO DA FICHA DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

BIBLIOTECA INFANTIL MUNICIPAL

São Paulo,..... de..... de 19.....

O livro .....
retirado por $\frac{\text{seu}}{\text{sua}}$ filh , não foi ainda devolvido. Para satisfazer outros consulentes, solicitamos a sua devolução imediata.

Muito sentiríamos se viesse el a perder as regalias que lhe oferecemos.

Atenciosamente

.....
Bibliotecária-chefe.

FICHA DE RECLAMAÇÃO

BIBLIOTECA INFANTIL MUNICIPAL

N.º.....

NOME.....

VÁLIDO ATÉ.....

Devolver em	Assinatura

CARTÃO PESSOAL

(Dimensões: 0,12 × 0,08)

FICHAS DE MATRÍCULA — A princípio, parece estranho que matriculemos todos os nossos consulentes. É, entretanto, detalhe imprescindível, pois que as anotações tomadas, nome da criança, idade cronológica, residência, bairro, escola que freqüenta, ano escolar, profissão do pai, — são aproveitados para pesquisas psicológicas que a Biblioteca Infantil vem realizando.

FICHA DE MATRÍCULA

BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTIL MUNICIPAL

Nome....., Nacionalidade.....,
N.º....., Idade....., Data do nascimento.....,
Residência....., Bairro.....,
Tel....., Escola....., Ano.....,
Nome do pai.....,
Local onde trabalha....., Tel.....,
Profissão....., Nacional.....
Data da matrícula.....

FICHAS DE LEITURA — De todo livro lido, é exigida uma síntese que nos dá as impressões do pequeno leitor.

Realizando dupla finalidade a de: canalizar a atenção muitas vêzes dispersa por falta de estímulos adequados e inferir da leitura a sua essência, constitui êsse fichário uma das seções que encerram elementos para pesquisas no terreno educacional e social. Parece-nos, permitirão conclusões, não destituídas de interêsse para os que se dedicam às questões referentes à educação.

Há fichas preenchidas com clareza e propriedade bastante distanciadas do vulgar, exposições originais, de personalidade definida, surpreendentes na revelação de traços excepcionais.

Aspecto interessante é a verificação da disparidade do gôsto infantil: o mesmo livro suscitando frases entusiásticas e referências de reserva e frieza; opiniões as mais diversas, preferências as mais dispares, pelos personagens mais variados.

DEPARTAMENTO DE CULTURA — Biblioteca Infantil

FICHA DE LEITURA

Nome..... Idade.....

Autor.....

Título da obra.....

Data.....

(Dimensões: 0,12 × 0,12)

Verso da ficha de leitura

Conte nestas linhas o que você leu: .....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

(Dimensões: 0,12 × 0,12)

Que achou do livro? .....

De quem você mais gostou?.....

Por quê? .....

.....

.....

.....

Fazemos, mensalmente, inquéritos para constatar o autor e livro preferidos nesse período.

O livro lido por maior número de consulentes, parece-nos, tem variado de acôrdo com o interêsse do momento. Assim, o cinema influiria na preferência da leitura. Temos verificado, após a exibição nos cinemas da nossa capital, de filmes cujo enrêdo foi aproveitado para a literatura infantil, êsses livros são vencedores no mês, como obras mais lidas. Tal aconteceu com "Miguel Strogoff", "Robin Hood", "Branca de Neve", "Mulherzinhas", "Pinóquio", "Gulliver no país dos anões", etc.

★ UMA COLCHA DE RETALHOS ★

YOLANDA MARTA PELLIZZARI CIRIO
Orientadora de Desenhos e Artes Aplicadas da Secretaria de Educação, R. G. S.

Há em casa retalhos de tecido de lã ou mesmo alguma roupa fora de uso? Aproveite-os para fazer uma boa colcha que poderá servir também como coberta de cama.

Faça assim:

Corte os retalhos em retângulos de 20 × 10 e quadrados de 10 × 10. Disponha os retângulos conforme mostra a figura n.º 1, colocando o quadrado no centro. Ficará bonito se usar para o mesmo uma côr bem viva, em contraste com as demais.

Una-os com um fio de lã, como mostra o desenho n.º 2, evitando assim que o tecido desfie. Sôbre esta costura passe "pé de galinha". Depois que tiver obtido o número de quadros desejado, una todos da mesma forma, podendo fazê-lo com lã de côr diferente. No quadradinho do centro poderá, ainda, bordar, com ponto margarida, uma ou mais florzinhas de côr. (Fig. n.ºs 3 e 4). A colcha, para melhor acabamento, deverá ser forrada com chitão.

As fotos mostram: uma, a colcha pronta, outra, um detalhe da mesma. Êsse trabalho poderá ser feito, *como trabalho de equipe*, com as meninas do 3.º ano primário.

Professôra! A Revista do Ensino precisa aumentar o número de assinantes para poder firmar-se! Tome a sua assinatura e contiga dois assinantes mais!

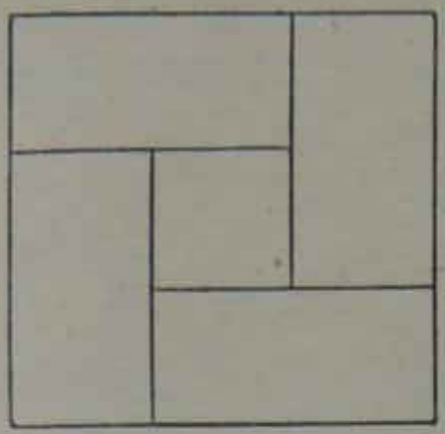


FIGURA Nº 1

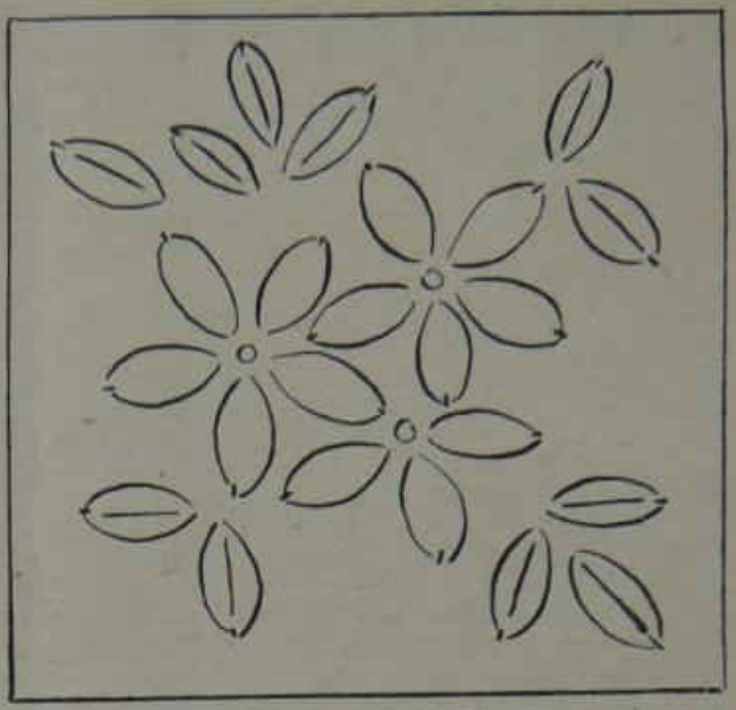
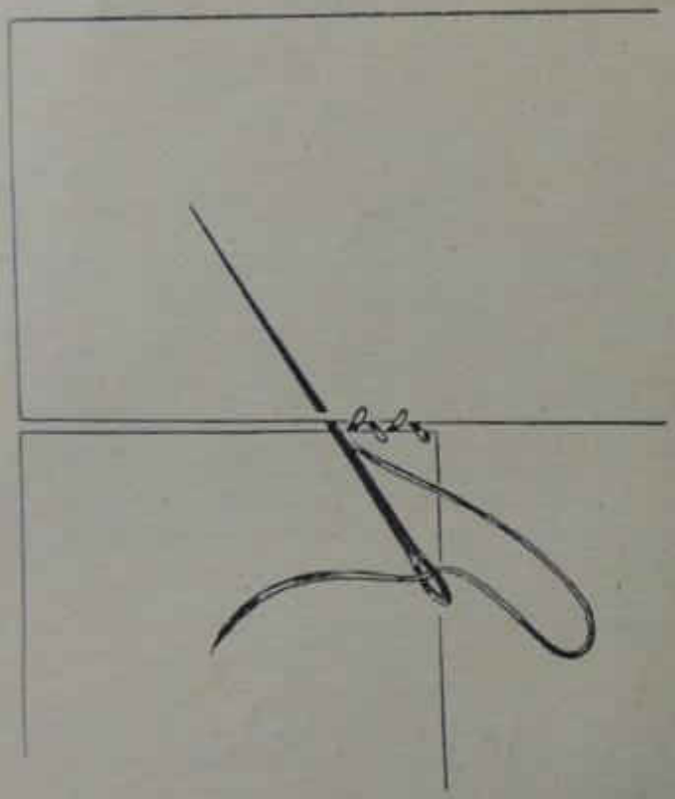


FIGURA Nº 3

FIGURA Nº 2



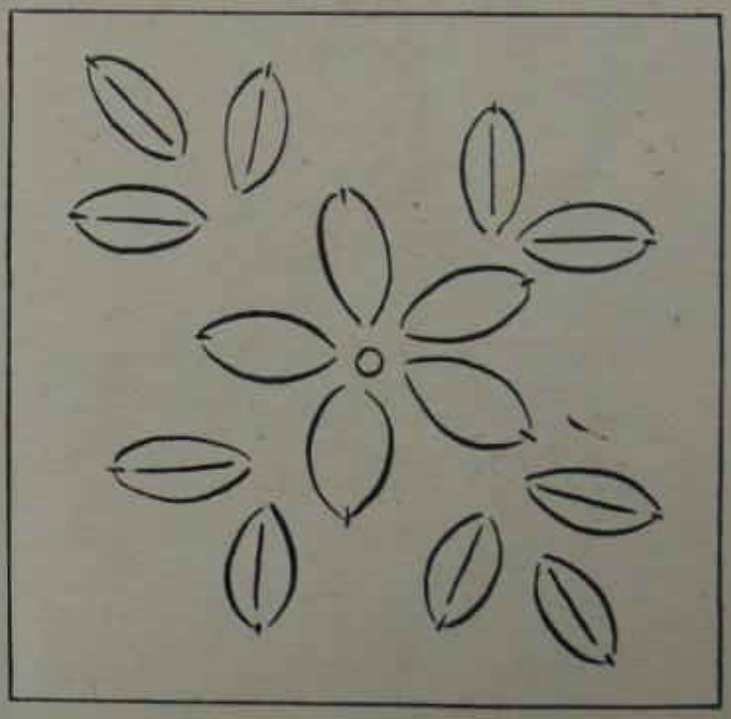


FIGURA Nº 4

Colega! A sua revista precisa da sua colaboração!

UM PLANO E UMA PROVA

PERY E POTI

Plano de trabalho para II classe

SUELY A. SANTOS e
TEREZINHA SERONI
Prof.as no Instituto Piratini, P. A

1. **Assunto** — Sugestão de uma gravura

2. **Processo didático** — Centros de interêsse:

a) Historietas que têm por figuras centrais dois indiozinhos travessos, Peri e Poti;
b) Construção de cocar, arco e flecha pelos alunos;
c) Visita ao Museu "Júlio de Castilhos".

3. **Objetivos:**

a) Para o professor:

Levar o aluno a conhecer uma parte da História do Brasil — Interessá-lo nos habitantes primitivos, dando-lhe idéia de seus usos e costumes — Amor Pátrio — Desenvolver o espírito de investigações e as habilidades manuais — Oportunidade de correção de vícios na escrita e linguagem — Treino do cálculo.

b) Para o aluno:

Conhecer as historietas que são contadas parceladamente — Fazer trabalhos manuais de seu imediato interêsse — Passeio ao Museu "Júlio de Castilhos".

4. **Situações de aprendizado:**

Linguagem:
— Desenvolvimento de leitura e escrita;
— Composição de frases em seqüência;
— Formação de feminino e plural;
— Sinônimos e Antônimos;
— Nomes.

MATEMÁTICA:

— Numeração até 2 000;
— Recapitulação de unidades, dezenas, centenas e milhar;
— Multiplicação — fixação da taboada do 4 e 5;
— Números romanos até XII;
— Horas.

ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS:

— Descobrimento do Brasil;
— Selvagens, usos e costumes;
— Ilhas, lagos, montanhas, rios;
— Corpo humano — divisão.

ARTES APLICADAS:

— Confecção de arcos, flechas e cocares.

DESENHO:

— Cenas de historietas contadas em aula;
— Desenho de objetos usados pelos selvagens;
— Desenho livre.

EDUCAÇÃO FISICA:

— Jôgo: "Tupis e Tapuias vão correr. Quem ganhará?"

RELIGIÃO:

— A existência de um Deus único em Três Pessoas;
— A religião dos selvagens.

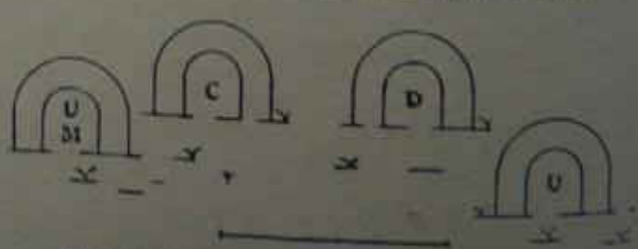
5. **Fixação:**

(Observação: As histórias foram aproveitadas em trabalhos de leitura silenciosa e oral, cópia, ditado, interpretação, etc.).

"Havia dois indiozinhos que viviam perto do mato. Eram indiozinhos valentes, gostavam de caçar e pescar. Êles faziam muitas aventuras. Quer você conhecer estas aventuras?"

Palestra com as crianças sôbre o Brasil primitivo — O Descobrimento — Os portuguêses — Caravelas — Monte Pascoal — Indígenas — Desenho de caravelas.

O Brasil foi descoberto no ano de 1 500. Vamos decompor êsse número mas antes desenhe as ocas.



"Aquêles indiozinhos de que lhes falei ontem, chamavam-se Peri e Poti. Um dia Peri trabalhava construindo uma lança. Veio Pori, correndo, e convidou-o para irem ao mato buscar araçás".

Palestra sôbre as armas que os índios usavam, sua alimentação, enfeites, idioma.

Exercícios de reconhecimento:

Os índios comiam:
( ) frutas
( ) bolos
( ) peixes
( ) pastéis

Os selvagens usavam:
( ) termômetros
( ) flechas
( ) canetas
( ) cocares.

Peri aceitou o convite e lá vão êles à busca das deliciosas frutinhas. No caminho encontram Jaú, o esperto macaquinho que quer ir também. Caminharam bastante tempo. Estavam bem cansados quando chegaram numa clareira onde havia um araçàzeiro bem carregado de frutinha".

Recordação de animais úteis, selvagens, nocivos e domésticos.

Exercícios:

Desenhe um animal nocivo e um útil.

Peri comeu 8 araçás, Poti 12 e Jaú 17. Os três juntos comeram ..... araçás.

Jaú subiu num galho e jogou 15 araçás na cabecinha de Poti. O macaquinho é tão engraçado! 8 araçás não acertaram. Você sabe quantos araças caíram na cabeça do menino índio?

Peri e Poti encontraram os araçás. Estavam bem amarelas as frutas, bem madurinhas! Começaram a comer distraídos e nem notaram que Jaú pulava de galho em galho, grunhindo, aflito. De repente ouviram um rugido forte, atrás dêles. Oh, susto! enorme onça preparava-se para atacá-los. Que fazer?"

Palestra sôbre vozes dos animais. Exercícios.

"Poti dependurou-se num galho de árvore, enquanto Peri, rápido, subia pelo tronco. A onça rugia feroz, certamente pensando na maneira de alcançar nossos amiguinhos. Poti armou seu arco e desfechou uma flecha que tinha na ponta um afiado dente de javali. Será que acertou?"

Palestra sôbre os meios de defesa dos animais, dos homens. Armas indígenas. Desenhos relativos ao assunto.

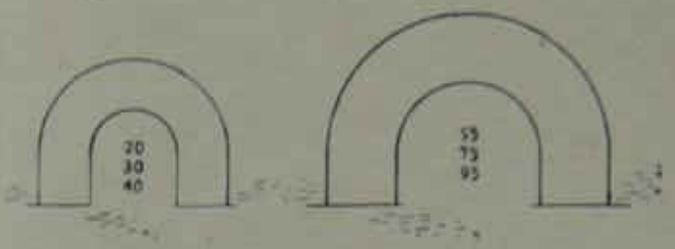
Vamos fazer uma frase sôbre o desenho que você fêz?

Procure palavrinhas que digam o mesmo que:

galho —
feroz —
maneira —
afiado —

"Acertou sim! Poti acertou a flecha na onça que, louca de dor e furiosa, correu para sua toca, no mato. Os indiozinhos aproveitaram a fuga da onça e voltaram à taba, onde estariam melhor protegidos dos animais selvagens".

Dentro de cada oca dos indiozinhos estão escritos 3 números. Torna 4 vêzes maiores os números da primeira oca, e 5 vêzes maiores os da 2.ª oca.



Completa a série, bem certinho, como Peri e Poti fazem na escola:

1000 — 1050 — 1100 1500

"Peri e Poti andavam muito satisfeitos porque iam à escola dos jesuítas. Jesuítas eram padres que vieram para o Brasil na época do Descobrimento.

Os jesuítas catequizavam os índios, ensinando-lhes a religião, a ler e a escrever".

Os indiozinhos aprediam muitas contas. Diminuíam muito bem, e você? Mostre que sabe, também!

7008	2906	4268
− 1643	− 1018	− 1004

Agora faça estas continhas:

10 = 2 × ...
28 = 7 × ...
15 = 5 × ...
30 = 6 × ...

Ponha o que está faltando:

341	...
+ ...	− 240
673	725

"Que surprêsa".

"Peri e Poti estavam muito interessados naquela gente branca que estava aqui no Brasil. Um dia, quando os dois índios passeavam, Poti parou e pegou uma coisa estranha do chão, dizendo: "Veja, Peri, que bonito isso!" Peri olhou meio assustado e disse que nunca tinha visto uma coisa assim".

Querem saber o que era aquela coisa estranha encontrada pelos indiozinhos? Era um relógio perdido pelos portuguêses.

Desenho de relógios, exercícios de horas.

"Uma grande aventura".

"Os dois indiozinhos travessos estavam brincando na beira de um rio. Um dêles teve logo uma idéia e contou ao outro:

— "Eu queria atravessar êste rio numa peroga. Queres ir comigo?"

O outro aceitou e os indiozinhos saíram alegres".

Palestra: Rio — Meios de locomoção na água. Animais aquáticos, necessidade da água.

Peri e Poti estão aprendendo a fazer contas. Vamos ajudá-los?

5 × 2 + 7 =
10 × 3 — 6 =
7 × 4 — 8 =
5 × 9 — 5 =
1 × 4 + 4 =

"De repente começou a escurecer e um vento forte sacudiu a embarcação dos indiozinhos. Êles estavam assustados, pois compreenderam que o tempo estava ficando feio".

Palestra: Vento — Chuva — Tempestade.

— Escreva uma frase dizendo o que você acha que aconteceu aos nossos amigos índios.

— Procure, abaixo, palavrinhas que digam o contrário destas e escreva ao lado:

úmido —
feio —
assustado —
sêco — medroso — bonito — horrível — valente — molhado.

"O vento ficou tão forte que sacudiu a piroga e Poti caiu nágua.

— "Cuidado! gritou Peri. Vou nadar contigo". E foram nadando até Peri avistar umas árvores.

— "Olhe lá, Poti, estou vendo árvores. Vamos lá?"

"Que surprêsa tiveram os indiozinhos! Viram uma porção de terra no meio do rio. Peri disse a Poti:

— "Veja, parece que é uma ilha. Aquêle português que nos ensinou tantas coisas, me disse que uma porção de terra rodeada de água se chama "ilha". Como o tempo melhorasse, Peri e Poti passaram a tarde brincando naquela ilha tão linda".

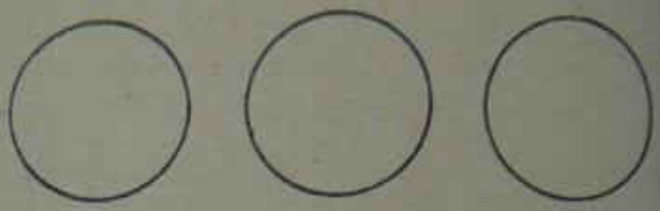
Desenho. A volta de Peri e Poti lá da ilha.

Os indiozinhos erraram estas contas. Veja se você acerta:

15 + 25 + 75 = 1000 — 1486 =
904 + 4 + 64 = 3080 — 2081 =

"Na ilha Peri e Poti encontraram muitas frutas muitas árvores. Resolveram, então, recordar a lição dos vegetais que haviam aprendido na Escola dos jesuítas.

— Êles sabem que a raiz serve para...
— As fôlhas são chamadas de "pulmão da planta" porque...
— Germinação é a...
— Escreva em cada círculo um nome. O primeiro deve indicar pessoa, o segundo, animal e o terceiro, coisa.



— O relógio da Capela era diferente do relógio que os indiozinhos encontraram. Aquêle tinha algarismos romanos. Desenha um relógio com êsses algarismos e marca 6 horas.

---

6. **Verificação mensal** — Será publicada no próximo número

SEPÉ TIARAJU

Do sangue dum grão-cacique
nasceu um dia um menino
trazendo um lunar na testa
que era bem pequenino:
mas era um cruzeiro feito
como um emblema divino!

POR A. ACAUÃ — IL. POR A. A. KUWER

Assim narra o cancioneiro popular gaúcho o nascimento de Sepé Tiaraju, batizado com o nome de José.

Exímio cavaleiro e guerreiro, audaz e inteligente, desenvolveu sua personalidade sob a educação jesuítica, tornando-se, pelas suas façanhas, símbolo heróico dos Sete Povos da banda oriental do rio Uruguai.

Esses Sete Povos, constituídos por guaranis, tapes e charruas, eram: São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo. Foram organizados pelos jesuítas, que, no intuito de cristianizar os selvícolas, trataram de lhes vencer o nomadismo, reduzindo-os à vida em aldeamentos. Êstes ficaram se chamando, por isso, "reduções".

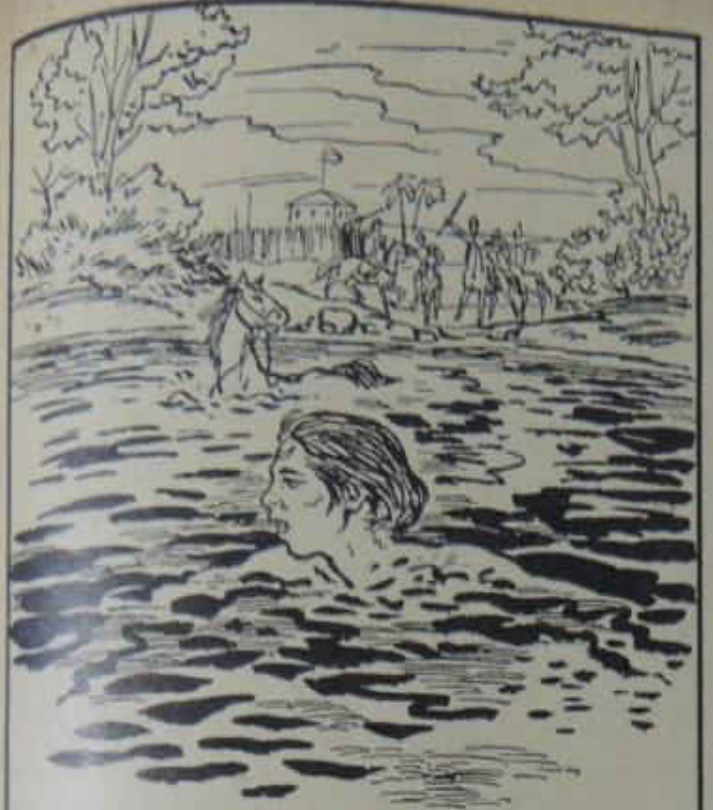
Nas reduções criava-se gado; cultivavam-se hortaliças, frutas, milho, mandioca, algodão, cana de açúcar, erva-mate; fundia-se o ferro, com que se fabricavam sinos, instrumentos musicais, ferramentas, relógios e outros utensílios; funcionavam olarias, carpintarias, teares, oficinas de escultura e pintura. As construções, planificadas, eram feitas de pedra lavrada.

O mais admirável dessa obra foi sua organização social. Todos trabalhavam, menos os velhos e as crianças; estas freqüentavam as escolas. Os homens eram agricultores ou artesãos, e as mulheres eram donas de casa e rendeiras ou tecelãs. As colheitas eram guardadas em celeiros e distribuídas segundo as necessidades. À noite, na igreja, havia orações e cânticos. Reinava a ordem e o bem-estar.

A felicidade dessa população obreira foi, no entanto, perturbada. Espanha e Portugal, que disputavam os territórios a leste do rio Uruguai, assinaram em 1750 o Tratado de Madrid, pelo qual ficaria pertencendo a Portugal a região ocupada pelos Sete Povos. Os indígenas que habitavam as reduções, situadas em terras até então espanholas, deveriam abandoná-las, buscando outras paragens.

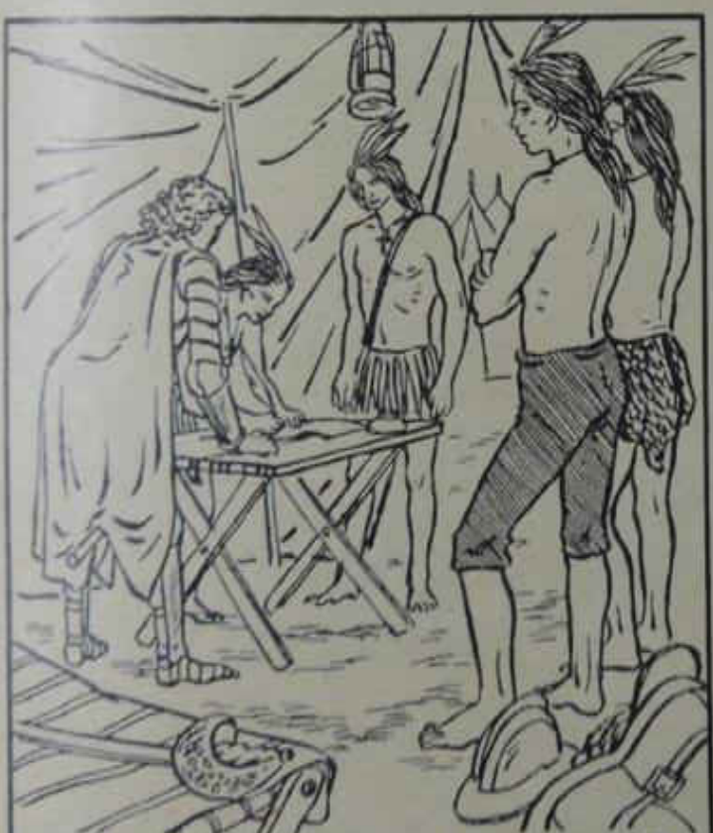
Forças militares foram enviadas para dar execução ao tratado. Sepé Tiaraju, que tinha posição de mando em São Miguel, a principal das reduções, mobilizou seus canhões de taquara retovados de couro, armou-se com arco e lança, com a boleadeira e a macana, montou a cavalo, e com um destacamento de guaranis também armados e montados saiu a campo para espionar as tropas que marchavam.

Rondando com as suas patrulhas uma porção de léguas em derredor, verificou que vinham tropas espanholas do sul e tropas portuguêsas do nascente; e quando se certificou, com os próprios olhos e ouvidos, que elas queriam tirar aos índios as terras que lhes pertenciam, iniciou sem mais tardança a rebelião, atacando e pilhando o inimigo como e quando podia.



Foi tal seu arrôjo, que assaltou por duas vêzes a fortaleza de Rio Pardo, onde se achavam as avançadas de Gomes Freire de Andrada, general português. Aprisionado no segundo assalto, Tiaraju consegue fugir a cavalo, nu e em pêlo, embrenhando-se na mata e atravessando a nado o rio Jobi. E voltou a lançar desafios e ultimatos, a surripiar cavalhadas e a queimar pastagens.

Valendo-se do seu prestígio, Tiaraju manteve uma entrevista com o próprio Gomes Freire, no acampamento dêste. Convidado pelo general a ordenar ao seu povo a retirada para outras plagas, retrucou-lhe altaneiro: — Senhor! Entregar nossas terras? Nunca! Elas são minhas e de meus irmãos. Nós as recebemos de Deus e de São Miguel. Só Êles nos podem deserdar.



Os feitos de Tiaraju correm de bôca em bôca. Sua fama espalha-se pelas campinas. E torna-se maior ainda quando Gomes Freire, sabendo que os espanhóis não logram avançar, devido aos empecilhos opostos pelos índios, assina com êstes um tratado de tréguas. Todos os guaranis exultam com a notícia, menos Tiaraju: conhecendo os adversários, sabe que êles voltarão às armas.

Na verdade, tempos depois, em começos de 1756, de novo se movem as tropas ibéricas para empreender definitivamente a conquista das reduções, unidas rumando para São Miguel. Sabedor do reinício das hostilidades, Tiaraju conclama a sua gente e organiza um exército de 2.000 lanças. Na vanguarda, marcha êle com os seus cavaleiros, outra vez ao encontro do inimigo.

Quando Gomes Freire e o castelhano Andonaegue defrontam o pôsto fortificado de Santa Tecla, entrada para os Sete Povos, a 60 léguas de São Miguel, acham tudo devastado: fortificações destruidas, campos incendiados, plantações assoladas. Recrudescem as emboscadas e guerrilhas, crescem as escaramuças, aumentam as mortes. É a presença certa de Sepé Tiaraju.

Às margens do Vacacaí, em 7 de fevereiro, José Joaquim Viana, com centenas de dragões, sai no encalço de Tiaraju. Com seus fiéis lanceiros, Tiaraju, arrogante e destemido, enfrenta o antagonista. Luta ferozmente, como nunca. Mas é chegada a sua hora: tomba varado por um lançaço nas costas. Os miguelistas recolhem o corpo do murubixaba, e enquanto êste desce à sepultura, todo o exército guarani entoa um hino àquele que, morto, passa a ser chamado de São Sepé.

Três dias depois travou-se a batalha de Caiboaté, onde 1.500 cadáveres de índios cristãos juncaram os campos conquistados, em protesto contra a invasão. E quando os vencedores entraram afinal em São Miguel, encontraram apenas um montão de cinzas. Os próprios habitantes haviam ateado fogo à redução, poupando tão sòmente a igreja, que até hoje lá está, na imponência das suas ruínas.

Um desânimo mortal esmagou para sempre o coração dos Sete Povos das Missões. No fundo das matas, para onde voltaram derrotados, amargando a saudade dos seus dias felizes, o único consôlo que lhes resta, a êsses sobreviventes de uma civilização, é olhar para o céu e lá enxergar o lunar de Sepé, que passa fulgurante no seu cavalo de fogo. E olhando para o céu, orar a São Sepé.

SEPÉ TIARAJU

Edi Dias Pereira

Recreação PUBLICA

A RECREAÇÃO SOB O CONCEITO MILITAR

Prof. F. G. GAELZER
Da Escola Superior de Educação Física — Diretor do Dep. de Recreação Pública da Prefeitura de Pôrto Alegre.

Nas mais remotas eras do desenvolvimento da raça humana, já tínhamos indícios de haver sido o jôgo infantil dirigido para uma finalidade desejada. Já, então, vemos como a recreação era encaminhada na consecução de um preparo definido. E é nos relatos das civilizações, que nos deixaram a sua história, que vemos, igualmente, como o preparo desejado era do tipo militar.

Assim foi na Pérsia e, mesmo, entre os espartanos e romanos. Já, no primeiro dêstes países, o preparo do rapaz era da competência do poder público.

Aos sete anos lhe era ensinado a montar e caçar, atirar com o arco e com a funda e arremessar o dardo. Quase tôda a sua educação era para seu preparo físico, reservando-se o ensino da moral, na obrigação de só dizer a verdade e usar a gratidão. A educação das meninas consistia, então, em um misto de canto, música e economia doméstica.

Também, na guerreira Esparta, preparava-se o jovem, com atividades ao ar livre, algo semelhante aos nossos escoteiros, tendo, porém, como meta, o guerreiro valente, confiante e adestrado para a luta. Semelhante, era o adestramento das meninas, que freqüentavam um curso de eugenia, que as capacitava como boas mães para o Estado.

Os rapazes passavam por provas duríssimas e as arrostavam, em público, sem pestanejar. Respeito e obediência aos maiores eram dotes de alta valia. E sob marchas marciais e as leis de Licurgo, eram tão severamente disciplinados, que homens livres viviam em acantonamentos e, como o seu dinheiro era de ferro, carregavam o mínimo, evitando, assim, gastos supérfluos. Não era de admirar que o adeus da mãe espartana assim rezasse: "Volte com o escudo, ou morto sôbre êle". E que a expressão dos atenienses, seus inimigos, fôsse: "A vida do espartano é tão impossível de aturar, que razão lhe sobra em entregá-la, prazerosamente, no campo de batalha".

O ideal de manter sob o contrôle do Estado a recreação infantil, com uma finalidade militar, foi também aceito pelos romanos, um povo duro e prático. Enquanto os pequeninos se ensaiavam nos primeiros folguedos da infância, possuíam ampla liberdade, porém, quando o Estado julgava estarem na idade própria para lhes dar maior atenção, outro tipo de exercícios a êles estava reservado. Correr, saltar, com ou sem, armas, lutar, ergrimar com espada ou com lança, nadar e cavalgar, eram as suas atividades recreativas, se ainda assim as podemos chamar, pelo rigor com que eram exigidas. Tão possuídos estavam os romanos da necessidade de preparar o seu povo para os embates da guerra, que a recreação pública consistia, mormente, das famosas lutas dos gladiadores, que eram sòmente consideradas satisfatórias, quando o sangue corresse em abundância. A crueldade era considerada de vital importância na consecução da rijeza dos sentimentos para com a dor e a morte. Mesmo as damas romanas, de maior liberdade em seus afazeres, se deliciavam com êstes cruéis espetáculos. Naturalmente, estas atitudes jamais poderão ser dignificadas sob o título de um trabalho de recreação pública, mesmo quando consideradas como um fator educacional, elas só apresentavam uma finalidade: a feitura do guerreiro.

Mais tarde, na época da cavalaria, reinava êste mesmo conceito, pois, os cavaleiros insistiam, durante o aprendizado de seus filhos, naquelas atividades que os preparassem para a guerra. Notavamos, no entanto, como uma influência civilizadora, a alta consideração em que eram tidos, então, a mulher e o contendor. E, com êstes altos ideais da cavalaria em vista, o rapaz era preparado desde sua infância. Aos sete anos tornava-se pajem. Nos sete anos seguintes, era educado nas atividades domésticas, no comportamento da sociedade, na escrita e na leitura, no canto e na dança, bem como no jôgo de galanteios da côrte. Aos catorze anos adquiria nobreza e, com os seus iguais, exercitava-se nas vigorosas competições da época, na caça e no uso dos implementos da guerra. E era correndo, saltando, lutando e nadando que êle enrijecia o seu corpo no preparo de um futuro heróico. Aos vinte e um, quando armado cavaleiro e já senhor da arte guerreira, estava pronto para os torneios e imbuído pelo espírito de lealdade e galanteria necessárias aos defensores dos fracos e oprimidos. As justas e os torneios, de então, podem ser considerados as demonstrações mais significantes e pitorescas da história.

AO PROFESSOR

Prof.ª HÉLIA DE CARVALHO ARMANDO

Na hora presente que o mundo atravessa, é a ti, professor, que cabe a mais árdua e penosa tarefa, diante da qual não podes, em absoluto, recuar!

A predição evangélica realiza-se no momento atual: "Os tempos são chegados".

Ai, porém, daquele que cruzar os braços, indiferente ao trágico desenrolar dos acontecimentos!

— Por todos os lados, de tôdas as formas, verificam-se fatos tristemente comprovantes do caos em que se debate a humanidade!

Insensivelmente, as criaturas vão-se deixando absorver pelo torvelinho de ideologias falsas, que seduzem pela aparência, mas matam, — pelo terrível veneno que encerram, — a alma e os corações humanos!

Alvos inconscientes dessa inoculação, vão sendo aos poucos destruídos êsses mananciais, donde brota, cristalino, todo o encanto natural da vida...

— Assim, ao doce convívio dos cristãos, sobrepõe-se o duro e chocante egoísmo materialista!

— À ingênua e feliz esperança de uma Vida Eterna antepõe-se a triste e amarga desilusão de um túmulo deserto e frio!

— À suave compensação da prática das virtudes teologais, em que é pródiga a ação individual, opõe-se a obrigatoriedade de uma ação coletiva, impessoal, pesada, que nem deixa ao coração a alegria do bem espontâneamente praticado!

— À sã independência do pensamento humano, — que primou, em tôdas as épocas pela liberdade de cantar aos ventos seus ideais, — opõe-se a fôrça irredutível e brutal, que embota e oprime o cérebro dos homens!

Morras, assim, as energias que mantêm incandescentes os corações humanos; acorrentado o pensamento e anulada a crença inerente à sobrevivência da alma, nada mais resta à pobre humanidade do que a triste condição de simples máquina de uma única fôrma e um só tipo, que fabrica vidas de um mesmo e monótono padrão!

Alerta, pois, ó professor primário: — sôbre os teus ombros pesam os alicerces de uma sociedade inteira! Não te deixes influenciar pelas côres berrantes com que se vestem as aparências! Reflete sôbre a grandiosidade de tua missão e entrega-te, sem rebuços, à luta pelo mal... e, se não te apercebeste, ainda, da veracidade desta afirmativa, basta atentares para o desentendimento em que se debatem as nações, para o relaxamento dos costumes sociais, para o afrouxamento da consciência, para a subserviência do caráter, para tudo, enfim, que reflete a insegurança moral em que vai submergindo, gradativamente, a raça humana!

Dirás, por certo, que és impotente para sustar a marcha dos acontecimentos e deter a avalancha que se despenha sôbre nossas vidas! Sim; é fácil compreender e admitir tal argumento. Amplo, porém, é o campo em que labutas, e grande, e eficaz, a ação de tua palavra; poderoso e soberano, o teu procedimento! É fácil trabalhar o espírito da criança, sempre pronto a receber as impressões que se lhe preparam. — Dócil, maleável, sereno e bom, o coração da infância é terreno fértil, onde pode o mestre semear com confiança, se para isso utilizar material adequado... Urge que ao aluno se apresentem nobres e edificantes exemplos, como a mais bela e infalível forma de educação!

Nas mínimas coisas, deve o mestre aparecer ao discípulo com um perfeito paradigma, de modo tal que sua simples presença seja, para êle, impecável e atraente sugestão! É no rigoroso cumprimento do dever, na pontualidade da palavra empenhada; é na assiduidade de sua função; é no preparo prévio das lições a desenvolver; é no trato amável; é no trajar decente; é na ponderação e calma, diante das situações difíceis ou desagradáveis; é no interêsse pela vida particular do aluno e pelo seu futuro; é no zêlo pela disciplina da classe e dos seus problemas individuais; é no exemplo de amor pela natureza (no que encerra de edificante e profundamente belo); é na constante vigilância de hábitos ou posturas que o professor encontra os mais poderosos meios para bem realizar a pesada tarefa que por si mesmo se propôs.

A todos êsses requisitos exigidos para o êxito visado, cumpre acrescer, em destaque, o uso da palavra: — arma construtora do bem, — se bem manejada, — ou destruidora do mesmo, — se mal-utilizada, — é a palavra o instrumento mais delicado e completo de que nos servimos, para a comunicação com os nossos semelhantes. O professor tem, portanto, o sumo dever de cultivá-la com carinho, servindo-se de uma linguagem culta e eficiente. Na verdade, não é para a aquisição de expressões vulgares e inaproveitáveis que se dedicam dezenas de anos aos cursos completos... Para o mero uso de gíria, — característico do aludido relaxamento de costumes, — não seria mister fixar-se tanto tempo nos bancos escolares!

Cumpre, portanto, não esmorecer, não fraquejar, não abandonar os sãos ensinamentos do passado, que nos legou ampla e cabal experiência, onde ressalta a vitória do Bem sôbre o Mal, embora a custo de sacrifícios e dores!

Lutai, lutai muito, ó mestres de hoje, pela construção de um futuro de paz, de honra, de trabalho profícuo e de tranqüilidade!

Tomai sob vossos cuidados e máximo interêsse os caracteres que vos são confiados. Trabalhai no seu preparo, na sua formação, no seu fortalecimento, na sua rigidez!

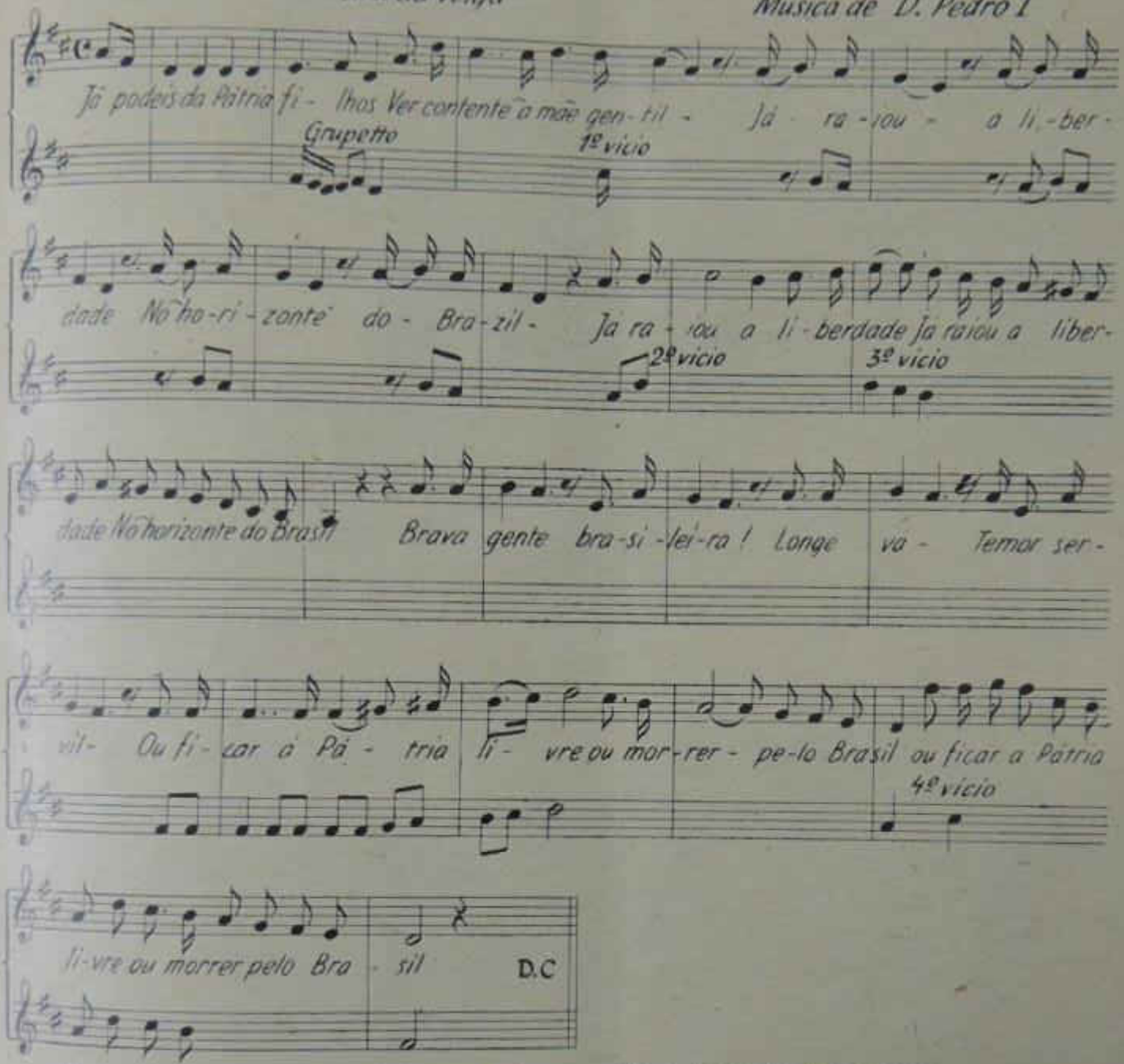
Do contrário, volveríeis, — como nos tempos de antanho, — à simples condição de modestos criados ou guias infantis...

Não, não pode ser: — vossa função vai além, muito além, dêsses limites...

Começa na instrução da criança, penetra na sua educação e termina no seu futuro!

Correções no HINO DA INDEPENDÊNCIA

Letra de Evaristo Ferreira da Veiga — Música de D. Pedro I

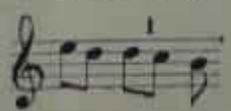


Observações: O grupetto, as adições e as omissões não são, pròpriamente vícios de entoação, é tudo uma assimilação errada do trecho original.

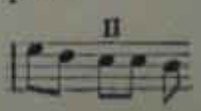
O grupetto é de uso antigo e se encontra na versão instrumental.

Vícios de ritmo: a substituição de por 3 quialteras com a supressão da 2.ª colcheia por Dá a idéia de barcarola, o que deve ser corrigido.

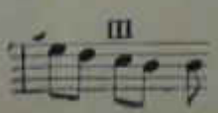
Há 3 versões do 10.º compasso:



etc.,

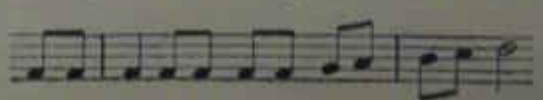


etc.



etc.,

Na 2.ª parte, no 5.º compasso é uma versão antiga.



No 9.º compasso, a nota LÁ em substituição ao RÉ, não é pròpriamente vício melódico, mas uma insistência.

BRASIL PELA IMAGEM

"Sou bela, sou opulenta
Sou a BAHIA gloriosa
Por ser a Patria daquele
Que se chamou Rui Bar-
(bosa".

Cidade do Salvador — Evocando os áureos tempos do BRASIL-COLÔNIA, ergue-se, forte, altivo, quase indestrutível — o "Farol da Barra", imponente e majestosa construção, defensora da integridade de nossa primeira Capital!

Vendedor de côco verde, nas praias: "Quem não conhece o sabor doce da água de côco verde, desconhece uma das maiores delícias da flora brasileira".

Cidade do Salvador — BAHIA — Pequeno trecho da "Avenida Atlântica", donde o banhista pode, feliz, contemplar a grandiosidade da gigantesca Baía de Todos os Santos, com suas duas entradas, que limitam a grande ilha de Itaparica, — colocada como um diamante nessa imensa coroa de 60 milhas de circunferência.

Pesca do "Charéo", na praia de "Chega negro".

HIGIENE MENTAL NA ESCOLA

A NEUROSE DOS PAIS E SUAS CONSEQÜÊNCIAS SÔBRE A PERSONALIDADE DA CRIANÇA

Palestra realizada durante a "CAMPANHA EM PROL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE", através do microfone da Rádio Farroupilha, pelo Dr. JOSÉ DE BARROS FALCÃO e que publicamos por gentileza do ilustre conferencista.

Há pouco mais de trinta anos atrás, os sintomas neuróticos da criança — as variadas formas de nervosismo, os tics, as fobias, os terrores noturnos, etc. — eram atribuídos a desvios constitucionais e se classificavam dentro de uma entidade quase mítica, a diátese neuropática. Em conseqüência, a atitude terapêutica de então não podia deixar de ser pessimista e se limitava, a procurar meios que tornassem tolerável para a criança a tarefa de carregar, por tôda a vida, o fardo de uma fatalidade biológica. Muito diferente é a posição médico-psicológica atual em face do mesmo problema. Centenas de análises de crianças e de adultos têm demonstrado, direta e indiretamente, que aquêles sintomas são psicogenéticos e curáveis por meios psicoterápicos e psicagógicos apropriados. São êles sinais de alarma que revelam uma situação de conflito entre a criança e o seu mundo.

Note-se aqui que o mundo para uma criança, nos dois ou três primeiros anos de vida, é muito diferente do mundo tal como é vivido pelo adulto. Nesta idade organizam-se os mecanismos de adaptação e reação que serão utilizados na fase adulta da vida. Êstes três primeiros anos contém experiências existenciais de importância definitiva.

Ora o mundo da criança, durante muito tempo, está centralizado ùnicamente na pessoa da mãe com a qual ela vive em relação adualística; mais tarde aparece nêle também a pessoa do pai e, sòmente depois, começam a existir para a criança as demais pessoas e cousas. Portanto, a primeira relação que a criança estabelece, relação que se tornará padronizada para o resto da vida, é com os pais. O mundo da criança está pois intimamente identificado com a pessoa dos pais e será bom ou mau conforme foram êles capazes ou não de atender suas necessidades básicas de afeto e segurança. Uma criança amada ternamente e amparada sem ansiedade sentirá que o seu mundo é bom e estará preparada para adotar uma atitude de serenidade, confiança e otimismo na fase adulta da vida. Porém, a criança rejeitada ou superprotegida sentirá que vive num mundo hostil e perigoso e conduzirá esta experiência fundamental pela vida afora.

São precisamente estas experiências negativas que os pais neuróticos tendem a propiciar involuntàriamente aos seus filhos. A essência da neurose consiste, como todos sabem, numa incapacidade básica de amar e num sentimento básico de insegurança. Pais e mães neuróticos, vítimas dos seus próprios problemas emocionais, não podem dar aos filhos o calor afetivo que êles necessitam. Rejeitam-nos inconscientemente ou, adotando uma atitude diametralmente oposta, sobrecarregam-se de preocupações fúteis e cuidados supérfluos com os quais procuram, aos seus olhos e aos olhos dos demais, representar o papel de uma dedicação sem limites. A criança, porém, não se deixa enganar: ela sabe muito bem separar o joio do trigo e descobrir no tom da voz, na expressão do rosto, na serenidade dos gestos si é realmente amada ou não. Neste último caso, podem saciá-la com presentes, brinquedos ou passeios — o vácuo afetivo que ela sente subsistirá para sempre.

Pais e mães ansiosos perguntam freqüentemente ao médico se a neurose de que padecem é hereditária e se transmitirá aos filhos. Não: êles não a transmitirão aos filhos como herança; êles a inocularão nos primeiros anos de vida, como experiência, se não forem alertados contra êsse perigo iminente. Muito sofrimento inútil poderá ser poupado simplesmente se os pais puderem compreender, em tempo, como os filhos refletem, de uma maneira ou de outra, os seus próprios problemas psicológicos.

Quando, pois, uma criança começar a apresentar sintomas inequívocos de nervosismo, quando o seu comportamento se tornar estranho, ininfluenciável ou perturbador, é chegado o momento para uma investigação médico-psicológica minuciosa não sòmente da personalidade do pequeno paciente mas, também, da personalidade dos seus pais. Nada mais descabido nesses momentos do que julgamentos preconcebidos sôbre a suposta má índole dessa criança: um julgamento dessa ordem é quase sempre injusto e sempre inoportuno. A investigação demonstrará que por trás dos problemas de comportamento existe uma situação de extrema miséria afetiva que na grande maioria dos casos poderá ser sanada com métodos muito simples. Desta maneira se solucionarão não sòmente as dificuldades presentes mas, ainda, um sem número de graves e angustiosos problemas do futuro.

Quem vê os próprios erros, não tem tempo de julgar os dos outros.
PROVÉRBIO PERSA.

1 — *TÔRRE DE BELEM — Preciosa jóia arquitetônica construída por D. Manuel I, na praia do Restelo à entrada do Tejo, de onde partiram para o "Mar Tenebroso" as naus das Descobertas.* →

PORTUGAL

3 — *MOSTEIRO DOS JERÔNIMOS — Lisboa. A mais bela criação do estilo "Manuelino". Relacionado pela tradição com a epopéia das Descobertas, é considerado um dos mais notáveis monumentos religiosos de todo o mundo.* ↓

← 2 — *Detalhe do terraço da Tôrre.*

VIII

EDUCAÇÃO PATRÍSTICA

Prof.ª EDITH BUENO ROMERO

"Estende-se desde a difusão do cristianismo até a formação das nacionalidades modernas".

O têrmo patrística originou-se da influência que sôbre a educação exerceram os primeiros padres da Igreja, homens ilustres, que tomaram a si a incumbência de explicar as verdades básicas do cristianismo, lutando contra pagãos e heréticos a fim de estruturarem a doutrina cristã.

Os padres recorriam aos argumentos filosóficos para refutar idéias ou clarear verdades, enriquecendo seu pensamento na cultura helênica. Natural, portanto, que sofressem influência dos pensadores gregos.

Dentre êsses, Platão, pelo equilíbrio harmonioso de suas idéias, pela correlação existente entre seus ensinamentos morais e as verdades evangélicas, foi o preferido.

A patrística foi, desse modo, essencialmente platônica.

Dentre as diversas atividades dos primeiros padres da Igreja, destaca-se como um de seus interessantes e profícuos trabalhos educativos, a conciliação de cultura pagã com a doutrina cristã.

Não existiu, entretanto, unidade de pontos de vista na consideração da cultura pagã, como meio educativo

Os padres latinos, vivendo em face à corrução e decadência da comunidade romana, consideravam a cultura pagã como fonte nociva e perniciosa à formação da juventude.

Já os padres do Oriente, educados na tradição grega, com espírito mais amplo e arejado, impregnados dessa cultura que ansiava pela beleza e perfeição; pelo justo equilíbrio e pela graça e harmonia, essa cultura não poderia ser desprezada em seu trabalho educativo.

Êsses valores deveriam ser utilizados como meios para alcançar os fins espirituais do cristianismo.

ESCOLAS PATRÍSTICAS

As escolas cristãs desta época, foram: os catecumenatos, as escolas de gramática e retórica, catequéticas e episcopais.

Os catecumenatos foram as primeiras instituições didáticas cristãs, cuja finalidade consistia no preparo dos indivíduos que aspiravam ao batismo, para, dêsse modo, serem iniciados na doutrina cristã.

O preparo era intensivo e durava pelo espaço de um ano.

Essas escolas funcionavam junto aos santuários, criptas, catacumbas, casas particulares, onde houvesse uma comunidade cristã em desenvolvimento.

As escolas de gramáticas e retórica, foram instituições eficientes, na difusão do cristianismo.

Através das disciplinas clássicas, os cristãos transmitiam as verdades evangélicas às novas gerações.

Eclesiásticas ou episcopais eram escolas fundadas por bispos em suas dioceses e se destinavam a um preparo eficiente e básico do clero.

A finalidade primeira dessas escolas era a formação religiosa, porém o ensino das ciências desenvolvia-se paralelo à instrução religiosa, a fim de que os sacerdotes pudessem, com sabedoria e conhecimento de causa, refutar as idéias e os erros dos pagãos.

Catequéticas foram as escolas que resultaram da transformação dos primitivos catecumenatos.

Eram freqüentadas por cristãos e pagãos.

Ministrava-se nelas não só cultura religiosa, como científica e filosófica.

Algumas alcançaram tal grau de desenvolvimento, que chegaram a transformar-se em verdadeiras Universidades, como a de Alexandria, um dos maiores centros culturais da época. Estudava-se aqui, Teologia, Física, Geometria, Astronomia, Gramática e Retórica.

A Igreja, mais tarde, criou escolas congêneres em Cesaréa, Antióquia e Jerusalém.

O Imperador Juliano, o Apóstata, organizou uma ofensiva contra o cristianismo, tentando restaurar o antigo culto pagão e proibiu os cristãos de dirigirem escolas.

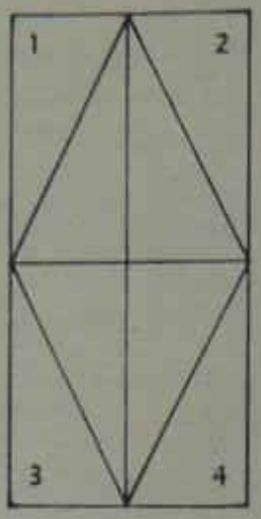
Porém, em 363, a lei de Juliano foi revogada e, em 391, Teodósio Magno decretava a Religião Cristã Oficial.

O sangue dos mártires transformara a terra, dando-lhe nova seiva...

Continua na pág. 54

★ GEOMETRIA ★

SUELY AVELINE e SARAH ROLLA
Auxiliares-técnicos do C. P. O. E. da
Secretaria de Educação, R. G. S.



FÓRMULAS — Demonstração — ÁREA DO LOSANGO
(V.º ANO)

I — *Material necessário ao desenvolvimento dêste plano de trabalho:* Retângulos de papel, cartolina ou papelão em diversas côres e tamanhos. Tesoura.

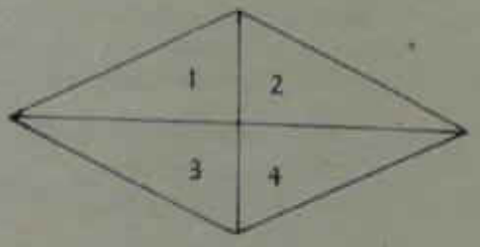
II — *Pontos que devem ser observados prèviamente:*

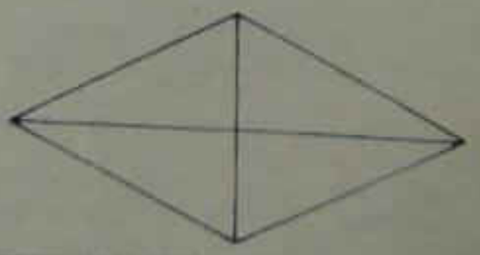
1. A área do retângulo é igual ao produto da base pela altura.

III — *Distribuição dos retângulos* de cartolina aos alunos.

IV — *Seqüência racional da demonstração da fórmula:*

1. Marcar com régua ou dobradura o meio de cada um dos lados do retângulo.
2. Unir, com uma reta, os pontos que dividem ao meio os lados do retângulo, traçando, assim, um losango.

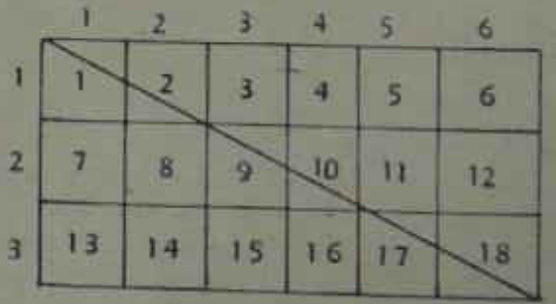


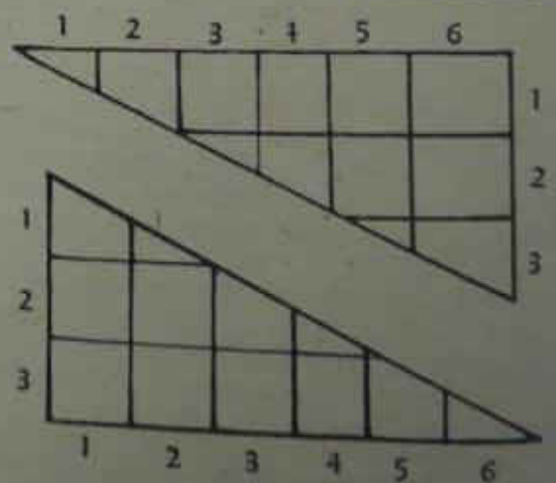


3. Traçar as diagonais do losango.
4. Observar que as diagonais maior e menor coincidem, respectivamente, com a altura e a base do retângulo.
5. Recortar o losango.
6. Ajustar sôbre o losango os triângulos restantes.
7. Verificar que, do retângulo, resultaram dois losangos iguais.
8. Concluir que a área do losango é igual à metade da área do retângulo ou seja: ao semiproduto das diagonais $\left(\frac{D \times d}{2}\right)$.
9. Comprovar que qualquer retângulo equivale a dois losangos cujas diagonais correspondam à sua base e altura.

NOTA: A prática dos exercícios sugeridos no item IV deverá ser dosada de acôrdo com as necessidades individuais, a fim de assegurar a indução da fórmula pelo próprio aluno.

FÓRMULAS — Demonstração — ÁREA DO TRIÂNGULO
(IV.º ANO)





I — *Material necessário ao desenvolvimento dêste plano:* Retângulos de papel, cartolina, papelão ou fazenda, em côres e tamanhos variados. Triângulos de cartolina de formas variadas.

II — *Pontos que devem ser observados prèviamente:*

1. A área do retângulo é igual ao produto da base pela altura.
2. A altura do retângulo é o lado perpendicular à base.
3. A diagonal une dois vértices opostos e divide o retângulo em duas partes iguais.
4. Recapitular que:

a) o triângulo tem três lados e três ângulos;
b) os lados do triângulo podem ser iguais ou desiguais;
c) a altura do triângulo é a perpendicular traçada do vértice oposta à base ou ao seu prolongamento.

III — *Distribuição de retângulos de cartolina entre os alunos da classe.*

IV — *Seqüência racional da demonstração da fórmula:*

1. Traçar uma diagonal do retângulo.
2. Reconhecer as duas figuras resultantes.
3. Recortar, pela diagonal, o retângulo em dois triângulos.
4. Verificar que os dois triângulos resultantes são perfeitamente iguais, equivalendo, assim à metade da área do retângulo.
5. Realizar exercícios que comprovem que a área de um triângulo é sempre igual a metade da área de um quadrilátero (quadrado, losango, retângulo, paralelogramo), o qual se pode construir justapondo a um dos lados do triângulo, outro da mesma forma e de iguais dimensões. (Utilizar nos exercícios os triângulos indicados na relação do material a empregar).

NOTA: A prática dos exercícios sugeridos no item IV deverá ser dosada de acôrdo com as necessidades individuais, a fim de assegurar a indução da fórmula pelo próprio aluno.

FÓRMULA — Demonstração — RELAÇÃO ENTRE A CIRCUNFERÊNCIA E O DIÂMETRO

V.º ANO

I — *Material necessário ao desenvolvimento dêste plano:* Objetos que apresentem faces ou formas circulares (moedas, pratos, discos de vitrola, fichas, bolachas, alianças, argolas, aros de metal ou arame, pulseiras, etc.). Compasso. Papel ou cartolina.

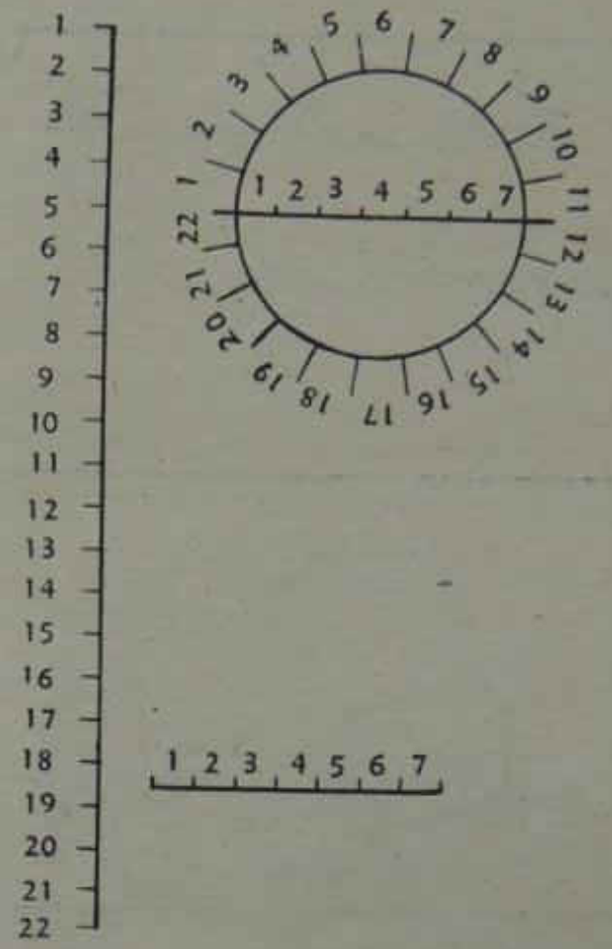
II — *Pontos que devem ser observados prèviamente:*

1. Circunferência.
2. Diâmetro.
3. Raio.

III — *Distribuição entre os alunos de papel ou cartolina.* (Cada aluno deve possuir um compasso).

IV — *Seqüência racional da demonstração da fórmula:*

1. Traçar, no papel dado, um diâmetro; dividi-lo em 7 partes iguais.



2. Tomar o centro dêste diâmetro e traçar uma circunferência.
3. Verificar que a circunferência contém 22 partes iguais às do diâmetro.
4. Concluir que a relação entre a circunferência e o diâmetro é $\frac{C}{D} = \frac{22}{7}$ ou 3,1416, representada por $\frac{C}{D} = \pi$.
5. Efetuar exercícios, obedecendo a seqüência da demonstração desta fórmula, em circunferência de diâmetros diferentes.

NOTA: A prática dos exercícios sugeridos no item IV deverá ser dosada de acôrdo com as necessidades individuais, a fim de assegurar a indução da fórmula pelo próprio aluno.

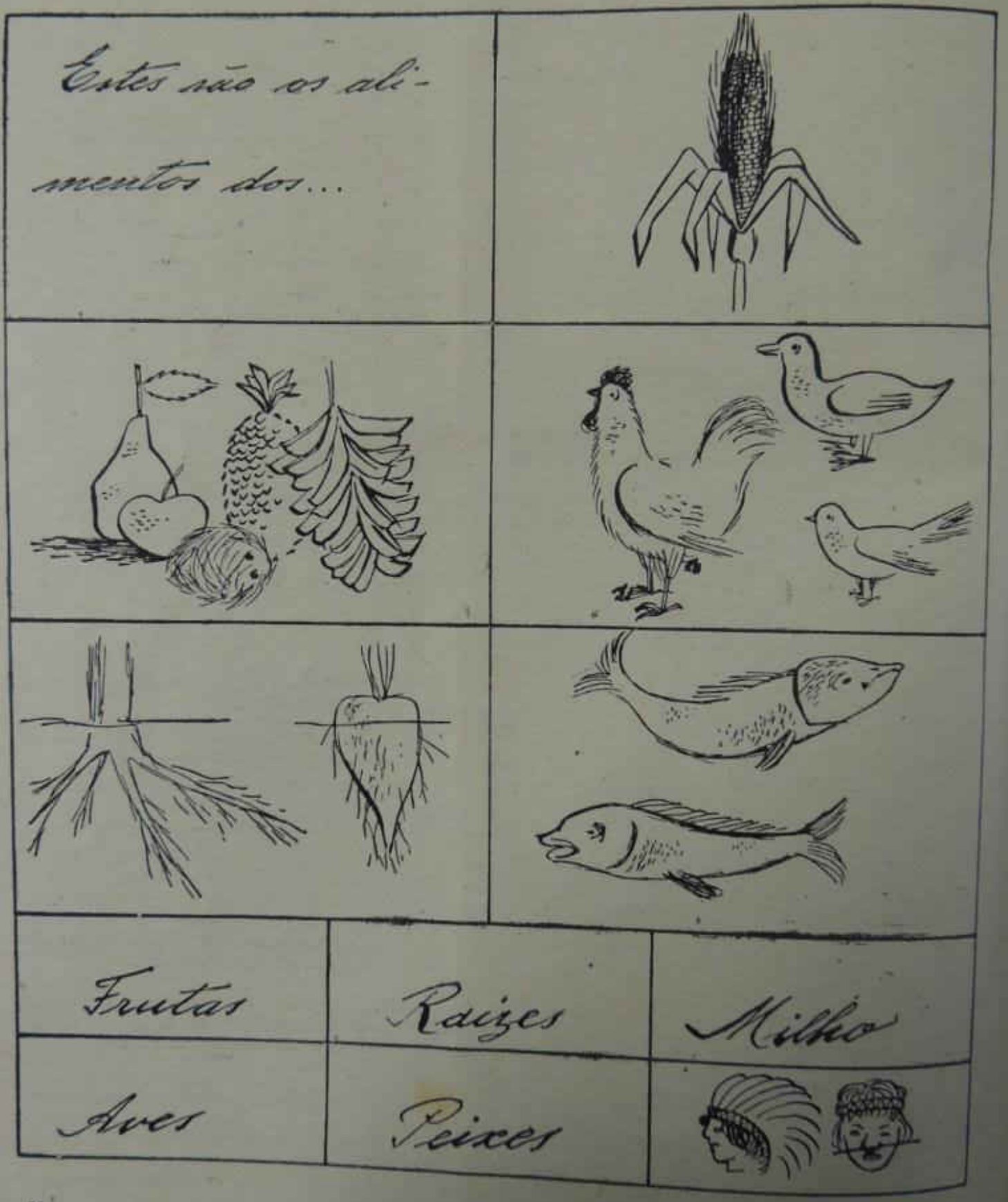
Colega! V. ainda não mandou a sua colaboração e a sua revista PRECISA que V. colabore!

ESTUDO DE HISTÓRIA NO 1.º ANO

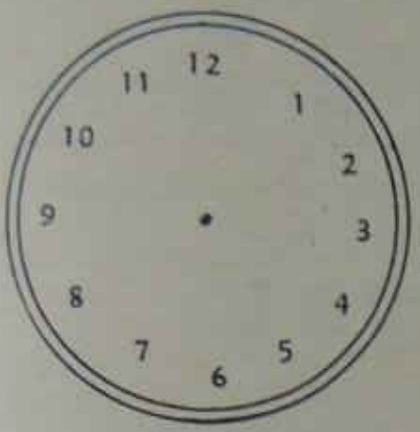
Sugerimos à professôra que tire cópias, usando, para isso, o copiador econômico (ver receita no n.º 1) ou o mimiógrafo.

Recorte os retângulos com as palavras. Cada criança receberá um cartão e uma coleção de palavras.

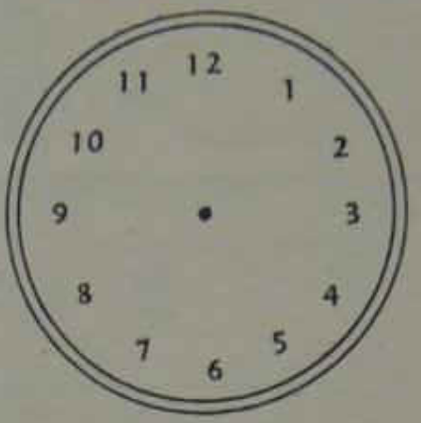
A professôra dirá que leiam cada palavra e que coloquem o cartãozinho sôbre a figura correspondente.



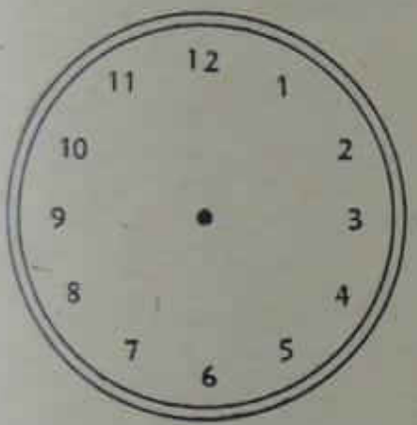
DESENHAR OS PONTEIROS PARA MARCAR A HORA INDICADA



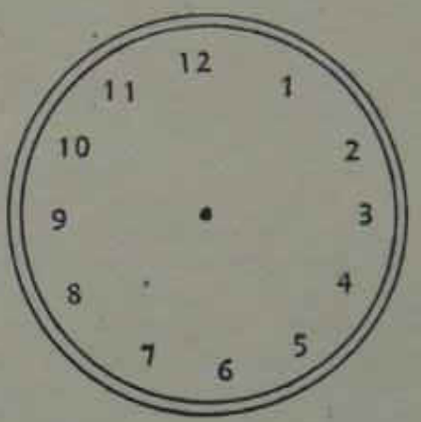
Marcar meio dia



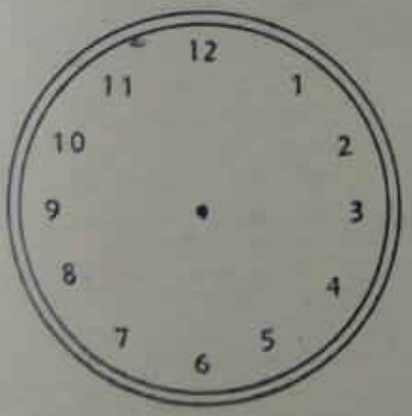
Marcar duas horas e meia



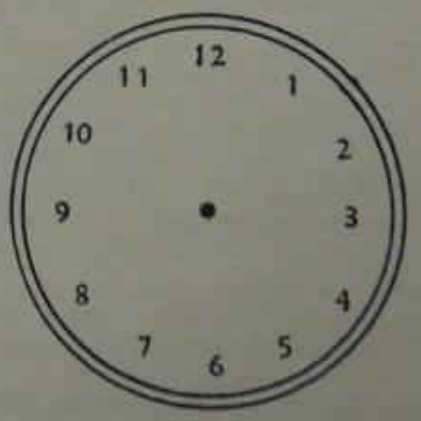
Marcar cinco horas



Marcar nove e meia



Marcar quatro e meia



Marcar onze e meia

HIGIENE

O LEITE CRU

POLI M. ESPIRITO
Catedrático de Higiene do Instituto de Educação, P. A.

Considerando a sua composição, o leite é um alimento completo, desde que provenha de animal criado em condições adequadas. Possui os princípios nutritivos, dos seis grupos de substâncias alimentares chamadas simples: proteínas, hidratos de carbono, gorduras, sais, vitaminas e água. Seria de mais proveito ingeri-lo cru, por isso que a cocção, elevando-o a temperatura próxima dos 100 graus centígrados, provoca algumas alterações de seus componentes. É assim que as proteínas, a êsse calor, coagulam, embora incompletamente, alguns sais perdem o estado coloidal, característico de sua condição "in natura", certas vitaminas oxidam-se e deixam de produzir os efeitos típicos primitivos. Também o sabor se modifica, adquirindo mesmo uma particularidade desagradável com o gôsto de leite queimado se exceder aquela temperatura. Por essas razões, seria aconselhável o consumo dêsse precioso alimento sem o submeter à fervura. Tem-se mesmo empregado esforços para obviar os inconvenientes referidos, procurando obter o chamado "leite certificado", no qual o rigor da técnica lhe garante todos os requisitos higiênicos, ou utilizando a pasteurização, que usa temperatura bastante mais baixa que a da fervura.

Sem cuidados especiais, entretanto, grave é o risco de tomar o leite cru. Várias enfermidades podem ocorrer, das quais algumas são capazes de produzir sérias conseqüências, terminando mesmo pelo êxito letal. A razão dêsses efeitos desastrosos é que, pela sua mesma composição, o leite constitui ótimo meio de cultura para inúmeras bactérias. Provêm estas ora do próprio animal fornecedor do leite, o qual pode estar infectado de maneiras diversas; ora do ordenhador, que também pode estar acometido de doenças transmissíveis ou ser portador de germes; ora do vasilhame de coleta, sujeito a contaminações múltiplas, inclusive pela água de limpeza nem sempre devidamente depurada; ora ainda por partículas existentes no ar e que alcançam o leite por simples deposição. O certo é que por qualquer modo que o leite sofra a contaminação, os micróbios têm aí um meio propício ao seu desenvolvimento, na dependência da temperatura ambiente. Vejamos algumas referências numéricas: Miquel contou no leite 9 000 bactérias por centímetro cúbico duas horas após a mungidura, elevando-se a 21 000 três horas depois, a 120 000 dez horas depois e 5 milhões 24 horas depois. A influência da temperatura foi evidenciada pelo citado autor Miquel, comparando as quantidades de bactérias existentes em amostras do mesmo leite conservadas durante 15 horas: 100 000 por centímetro cúbico a 15°; 12 milhões a 25° e 165 milhões de bactérias a 35°. Êsses números explicam a preocupação de se manter à baixa temperatura o leite logo após a sua extração, porque dessa maneira se evitará a proliferação dos micróbios.

Nem todos os germes que se multiplicam no leite têm ação prejudicial. Mas si tomarmos em conta que entre êles podem existir espécies patogênicas, causadoras de febre aftosa, disenterias, febres tífica e paratífica, tuberculose, brucelose e outras e outras, então concluiremos dos graves perigos que decorrem do uso indiscriminado do leite cru, sem as devidas e indispensáveis precauções e exigências.

GRAU=O

Em certa escola, querendo um dia o professor ministrar a seus alunos algumas noções sôbre a tinta de escrever, coisa aliás bem familiar às crianças, sofreu grande decepção, como se vê do seguinte:

PROFESSOR: Joãozinho, quem descobriu a tinta?

JOÃOZINHO (Espantado) — Eu não fui; foi o Antonico.

ANTONICO — Não fui eu, não, senhor! Que menino!...

JOÃOZINHO — Foi sim, foi você mesmo.

PROFESSOR — Silêncio! Que significa isso? Que discussão é essa?

ANTONICO — Pois o Joãozinho está dizendo que fui eu que descobri à tinta. Eu não descobri nada; eu não destampei tinteiro algum!

JOÃOZINHO — É... êle agora está com mêdo...

EDUCAÇÃO RURAL

PLANO GERAL DO CLUBE AGRÍCOLA N.º 81, PARA O ANO LETIVO DE 1951

ESCOLA EXPERIMENTAL "PRESIDENTE ROOSEVELT"
PÔRTO ALEGRE

(Trabalho desenvolvido em colaboração com as professôras de classe)

Professôra superintendente do clube:
MARIA FRANCISCA BARCELOS DA SILVA

"Cultivar o solo é engrandecer a Pátria"

OBJETIVOS (para o professor):

Levar as crianças a conhecer os principais recursos econômicos de nosso País, Estados e cidade, a fim de fazê-las perceber o papel preponderante da agricultura, através dos seguintes aspectos:

O POTENCIAL ECONÔMICO:

— na evolução histórica,
— na expansão geográfica,
— na organização político-social.

O ESFÔRÇO HUMANO

— no aproveitamento do solo,
— no desenvolvimento agrícola,
— no aumento da produção.

O TRABALHO:

— como valorizador da terra,
— no princípio da colonização,
— como fator de cooperação.

A ECONOMIA:

— como emancipação pessoal,
— como colaboração coletiva,
— na supremacia nacional.

DESENVOLVIMENTO:

I PARTE

A RIQUEZA ECONÔMICA NACIONAL

SÉRIES ESCOLARES: 5.os anos N — A — B, dos dois turnos.
DURAÇÃO: dois meses.
OBJETIVOS (para o professor): Destacar o papel preponderante da agricultura no setor nacional; os ciclos da economia brasileira.

Focalizar o aspecto do trabalho como valorizador da terra.

OBJETIVOS (para os alunos): Solucionar os seguintes problemas:

— *Por que nossa Pátria se chama Brasil?* — 5.º ano N.
— *Por que o Brasil é grande?* — 5.º ano A.
— *Por que o Brasil é rico?* — 5.º ano B.

DESENVOLVIMENTO:

A — A origem do nome Brasil: A indústria extrativa, o pau-brasil, matérias corantes, a derrubada das matas, comércio e indústria

B — A extensão territorial: As riquezas naturais, terras virgens e exploradas, áreas produtivas e improdutivas, flora e fauna, habitat, parques nacionais;

C — A riqueza do Brasil: Nosso solo, exuberância e fertilidade, a opulência de nossas florestas, a flora do Brasil, madeiras de lei, reflorestamento, tipos de vegetação, sementeiras, viveiros, plantas industriais, produtos agrícolas.

ATIVIDADES: Realizar uma exposição pedagógica do clube, como parte das comemorações da "Semana da Pátria"; álbuns dos 5.os anos (trabalho resumo, ilustrado), desenho e artes aplicadas; cadernos-registro (desenvolvimento do estudo — linguagem, estudos sociais e naturais); cartazes (Parques Nacionais, Pau-brasil, Borracha), ornamentação da sala de aula. Visitação às áreas cultivadas (jardim, horta e pomar) cuidados exclusivamente pelos sócios do clube; cálculos e práticas agrícolas.

Obs.: O presente plano foi totalmente desenvolvido, porém em prazo mais dilatado, por necessidade de serviço (minha permanência por dois meses com regência de classe — 5.º ano A).
Início: 20 de março. Encerramento: 31 de julho.

II PARTE

CÍCLOS DA ECONOMIA NACIONAL

SÉRIES ESCOLARES: 4.os anos A/1 — A/2 — A/3 — M/1, dos dois turnos.
DURAÇÃO: dois meses.
OBJETIVOS (para o professor): Levar as crianças ao estudo da evolução histórica, expansão geográfica e organização político-social do Brasil: a colonização como fator de cooperação.

OBJETIVOS (para os alunos): Chegar à solução do seguinte problema:

— *Quais os ciclos da economia nacional?*

DESENVOLVIMENTO:

I — Fase do açúcar — 4.º ano A/2, do 1.º turno.
  A — Colonização: indústria primitiva, desenvolvimento comercial, princípio de sociedade, cobiça estrangeira, elementos raciais;
  B — A cana-de-açúcar, a beterraba, as plantas empregadas na fabricação do açúcar.

II — Fase da mineração — 4.º ano A/3, do 2.º turno.
  A — As explorações: jazidas, minas (ouro e ferro), siderurgia — Volta Redonda;
  B — Os minerais na terra, na alimentação, na água — águas minerais.

III — Plantas que marcaram fases econômicas, no Brasil: 4.º ano A/1, do 1.º turno.
  A — A agricultura até nossos dias — histórico e evolução;
  B — O cacau, o algodão, o fumo, o café, as frutas.

IV — A Festa da Árvore: 4.º ano M/1, do 1.º turno (a diretoria do clube agrícola).
  A — Preparação da escola: cuidados com as plantas, distribuição de folhetos de propaganda, divulgação da oração e mandamentos da árvore, concurso de frases e ilustrações sôbre a árvore;
  B — Programa para a sessão de auditório — confecção de programas e convites, preparação dos sócios para a solenidade, distribuição dos distintivos do clube, seleção das colaborações espontâneas para a festa, escolha da árvore para plantio.

ATIVIDADES: Realizar a 2.ª exposição pedagógica do clube agrícola, como parte das comemorações do "Dia da Árvore", constando da documentação das diferentes realizações da classe — álbum de conjunto; fichas do cacau, fumo e algodoeiro; cartazes do café, minerais e seleção de terras; coleções de botânica; cadernos-registro; museu de classe; material referente à excursão ao museu da cidade; ata da festa da árvore.

Obs.: O presente plano foi totalmente realizado. Minha permanência por 10 dias no 4.º ano A/2, por necessidade de serviço, foi o motivo da dilatação do tempo previsto para a execução.

Início: 4 de junho. Encerramento: 20 de setembro.

(Continuação no próximo número).

História da Educação

Continuação da pág. 46.

EDUCADORES PATRÍSTICOS

Clemente de Alexandria (150-217), natural de Atenas, foi um filósofo platônico convertido ao cristianismo.

Sua obra "O Pedagogo" é considerada como o primeiro tratado cristão de pedagogia.

Aconselha, na tarefa educativa, meios brandos, pois "a bondade é a primeira virtude do Mestre", porém a mesma não deve ser confundida com fraqueza, porque "a firmeza justa traz o respeito".

A ginástica é útil ao corpo e à alma; a música é excelente meio educativo.

A educação da mulher deve ser idêntica à do homem, "porque o casamento cristão iguala os cônjuges, enquanto o pagão torna a mulher inferior ao homem".

Orígenes (185-254), de Alexandria, caracterizou-se pela pureza de coração, simplicidade de alma e uma capacidade infatigável para o trabalho.

Foi apologista de uma educação superior para a mulher.

São João Crisóstomo (347-407), de Antióquia. Incomparável orador. Em sua obra "Sermões" expõe suas idéias e princípios educativos.

Foi ardoroso adversário do ensino verbalista, pois, dizia "melhor que a arte de bem dizer é a arte de bem viver".

Considerava o ato educativo como a mais altruísta e digna das tarefas humanas. O exemplo do Mestre era preponderante na educação.

De tôdas as figuras da patrística, porém, uma se destacou pelo seu vigor e grandeza: Santo Agostinho, de quem nos ocuparemos a seguir.

Ensino Supletivo

Continuação da pág. 47.

tituem "artigos do dia ou da semana", aos "dias de retalhos", aos saldos de balanço, às casas que oferecem descontos em situações especiais, etc. mas,

7. não se deixar burlar pelos comerciantes menos escrupulosos e pela propaganda tonitroante das falsas "liquidações";

8. não comprar em casas que depreciem ou insinuem a substituição do produto que escolheu e usa habitual e satisfatòriamente;

9. não lançar mão do artifício de comprar em prestações determinados artigos;

10. procurar certos estabelecimentos atacadistas que vendem em quantidades grandes com preços favoráveis ao consumidor;

11. conferir o trôco com cuidado;

12. fazer o transporte cuidadoso do material, evitando danos e perdas;

13. estar atento à medição, contagem e pesagem, no ato de comprar;

14. reparar, com cuidado, na qualidade ou estado do que vai adquirir, evitando reclamações futuras ou desagradáveis pedidos de troca ou reembôlso;

15. pertencer a cooperativas de consumo e a consórcios e instituições comerciais, onde haja vantagens ao consumidor; etc.

★ EDUCAÇÃO FISICA ★

SEMANA DA PÁTRIA DE 1952

NEY DUARTE LUZ
Superintendência de Educação Física, da Secretaria de Educação do R. G. S.

Em oportuna e adequada determinação o Sr. Secretário de Educação e Cultura faz saber que os festejos comemorativos da "Semana da Pátria" em 1952, realizar-se-ão, em cada unidade escolar do Rio Grande do Sul, com programas, antecipadamente, organizados pela Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional, de acôrdo com as condições de cada escola.

Tratando-se de uma oportunidade para motivação da educação cívica, imprescindível na formação das novas gerações de brasileiros, deverão as direções dos vários estabelecimentos de ensino, organizarem, na forma das instruções que lhes serão fornecidas pela S. E. F. A. E., e pelas demais superintendências, as festividades internas e externas, cooperando com outras organizações oficiais e concorrendo, eficàzmente, para acentuar o alto significado da "Semana da Pátria".

Não deve a escola confinar sua benéfica ação, sua poderosa capacidade de influência, apenas no círculo cerrado de seus alunos e professôres, cumpre-lhe atuar num ambiente mais amplo e exercer, positivamente, seu prestígio face a sociedade, estimulando-a e até orientando-a no sentido das grandes e nobres iniciativas. A escola que mantiver como desiderato de sua ação, apenas o instruir, fugirá ao seu alto significado e negligenciará parte de sua importante missão. Não se nega que exerça, a escola, mediante a instrução de seus alunos, influência na sociedade, mas êstes resultados figuram muito aquem dos que poderá alcançar se sua ação transpuzer os limites materiais de suas paredes.

Há, e não se pode afirmar o contrário, necessidade de uma segura orientação social, de uma vigilância constante, de uma responsabilidade e um trabalho muito maior de parte da direção do estabelecimento de ensino, sempre que êste atuar fora de seu precípuo propósito e suas manifestações se fizerem sentir no âmbito social; no entanto, a missão de educar só estará completa se os alunos sentirem a necessidade de participarem da sociedade, de se irmanarem na propositura das grandes ações e dos movimentos coletivos, nesta situação, ocupará a escola o seu lugar entre as fôrças propulsoras da civilização e do progresso.

Assim, os festejos comemorativos da "Semana da Pátria", num trabalho amplo de educação cívica, devem ultrapassar o caráter de festividades internas e projetarem-se no meio social, imprimindo, indelèvelmente, o sentido patriótico das comemorações, de forma a impedir as falsas interpretações dos fatos históricos ou servir de instrumento a idéias malsãs, que se mascaram e se mistificam, para atingir suas nefastas finalidades. O sadio patriotismo, que convém ressaltar, não prega ódios nem açula interêsses estranhos; defende a honra e a integridade do país, o respeito às autoridades constituídas, a obediência às leis, a aceitação dos princípios de concórdia e fraternidade, a confiança nos ideais democráticos, exaltação da nacionalidade no culto à memória dos nossos heróis, o reconhecimento e a gratidão aos que nos legaram uma Pátria e a preservação das puras tradições de bravura, lealdade e civismo impressas nas páginas de nossa História.

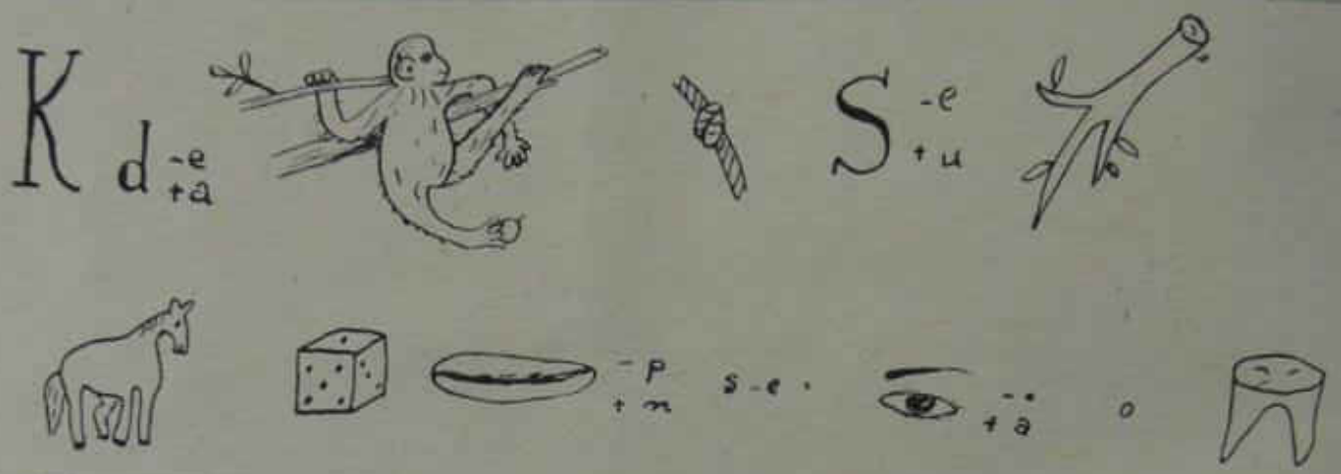
Nesse sentido, a S. E. F. A. E., através de seu departamento especializado — Divisão de Educação Física, distribuirá pelas unidades escolares da Capital e do interior do Estado, sugestões para as festas ginásticas, competições desportivas, paradas, demonstrações de educação física, etc., que poderão ser desenvolvidas nas comemorações da "Semana da Pátria", dando-lhe um cunho de exaltação à raça, numa pujante demonstração de mocidade e fôrça aliadas no incentivo moral de disciplina e ordem.

Cumpre, no entanto, as direções dos estabelecimentos de ensino antecipar tais acontecimentos com os preparativos e treinamentos indispensáveis, tanto na prática das demonstrações externas, como na preparação psicológica dos alunos, predispondo-os à participação consciente e voluntária de todos os atos públicos. Dessa forma e nesse teor, mediante a cooperação inteligente de alunos e professôres, atingiremos a finalidade colimada com os festejos alusivos a passagem de mais um ano da independência do Brasil e de seu surgimento político entre as nações do universo.

Precisamos que cada professôra seja assinante da Revista do Ensino. Só assim ela poderá firmar-se como órgão da Imprensa Brasileira!

Exercícios PARA TODOS OS GRAUS

FRASES ENIGMÁTICAS — MARIANA CLOSS



TESTES DE CONHECIMENTOS GERAIS

ITÁLIA A. DE LEÃO

1.º — "Tiram-me a mão esquerda,
ficou-me a direita para vingar-me".
São palavras proferidas por

a) Henrique Dias
b) Vidal de Negreiros
c) Felipe Camarão
d) Fernandes Vieira

2.º — José do Patrocínio, propagandista da Abolição, nasceu no

a) Ceará
b) Rio de Janeiro
c) Maranhão
d) Espírito Santo

3.º — A letra do Hino Nacional Brasileiro é de autoria de:

a) Osório Duque Estrada
b) Olavo Bilac
c) Evaristo da Veiga
d) Medeiros de Albuquerque.

VOCÊ SABE?

Você poderá responder que fatos importantes lembram as seguintes datas?

21 de abril de 1792 .....
28 de janeiro de 1808 .....
9 de janeiro de 1822 .....
7 de setembro de 1822 .....
7 de abril de 1831 .....

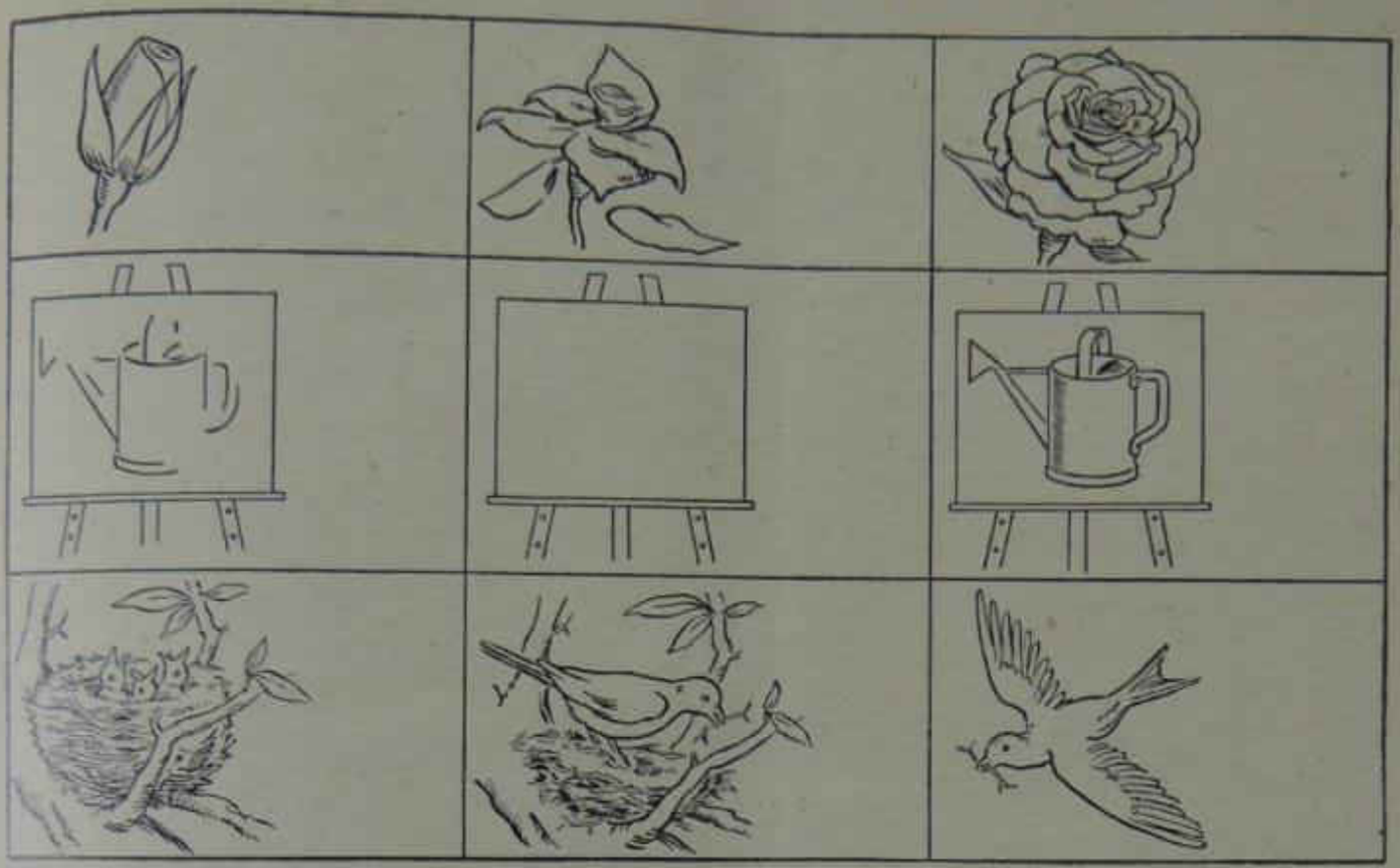
SALADA DE LETRAS

Ordenar as letras para formar nomes de frutas.

Vua = ...
Angam = ...
Ralanja = ...
Amçã = ...
Espesgo = ...
Axicaba = ...
Rangomo = ...
Nabana = ...

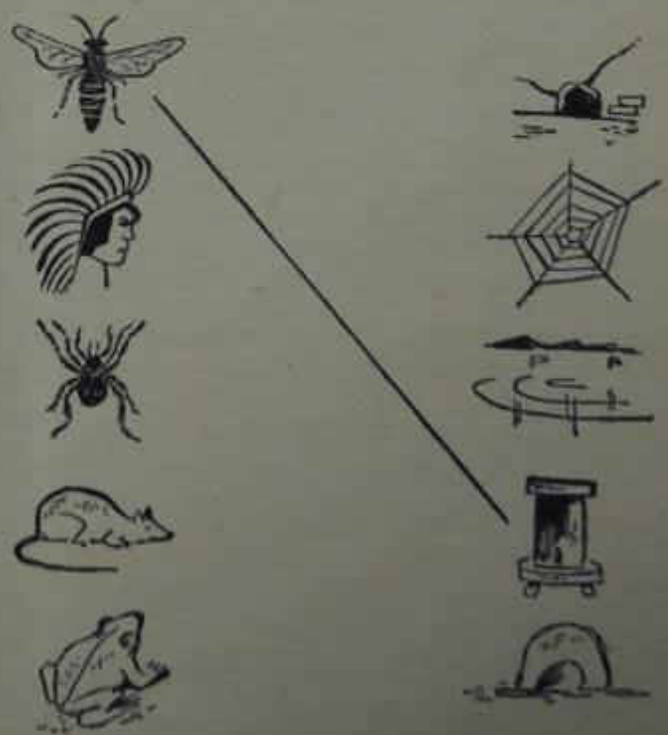
Professôra! A Revista do Ensino precisa aumentar o número de assinantes para poder firmar-se! Tome a sua assinatura e consiga dois assinantes mais!

NUMERAR AS GRAVURAS DE ACÔRDÓ COM A ORDEM DOS FATOS



NUMERAR A SEGUNDA COLUNA DE ACÔRDO COM AS FIGURAS DA PRIMEIRA

ONDE ÊLES VIVEM?



ESTUDEMOS JUNTAS

ELOAH MARISTANY BINA

Prof.ª do Instituto de Educação, Pôrto Alegre — Diretoria da Escola Nacional, P. A.

Eu mesma, lendo minha colaboração, fiquei decepcionada com a palidez das côres do meu trabalho. Eu pretendo, antes de tudo, apresentar uma imagem de minha aula. Mas entre minha aula e o que eu escrevo há uma distância enorme, desalentadora. Qual a razão disso? Fiquei pensativa e não me saía do pensamento aquela pergunta.

Bem sei que me falta o dom de escritor. Mas resta em mim o professor.

Ah! o professor! A arte de ser professor! Essa palavra talvez seja a chave que vai resolver o problema.

Essas considerações eu as fazia, ao mesmo tempo que recebia da Associação de cultura Franco-Brasileira a comunicação da vinda ao Brasil, em setembro ou outubro próximos, de Mme. Hatinguais, diretora do Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, na França.

Deu-se o *"estalo"*! Uma centelha de luz me passou pela memória, e eu recordei a emoção que senti ao ser recebida por ela em dezembro de 1948.

Peço permissão para contar o fato, abrindo um parênteses na nossa colaboração pois talvez êle nos ajude mais na nossa missão de mestre do que os exercícios de gramática de minhas aulas.

15 de dezembro de 1948!... dia frio de inverno europeu, natureza morta, cidade cinzenta, ruas vazias... Tudo isso me fazia o coração mais pesado ainda, o pobre coração que agüentava, havia 2 meses, a solidão numa cidade enorme, silenciosa, esmagadoramente apreensiva pela ameaça de uma nova guerra que, em realidade, não acabara. Quase me deixei vencer pelo desânimo, achando que não se devia nem trabalhar, nem lutar, pois era impossível melhorar as condições de vida.

Como um autômato seguia o programa que devia executar antes de voltar para o Brasil.

Ah! o Brasil! o sol, o azul do céu, o calor, a natureza sempre verde, a família, o carinho de todos e de tudo!...

Ver-me livre de minhas obrigações e o quanto antes foi o que me levou a Sèvres, subúrbio de Paris, onde se acha instalado o "Centro". Ao divisar o prédio, parei: era um casarão enorme, castelo do tempo de Luiz XIV com seus portões monumentais de grades de ferro. Contrastava com o ar pesado da construção uma tabuleta perdida no meio das grades do portão em que se lia: "Centro Internacional de Estudos Pedagógicos". Desta vez eu parei mesmo; sentia-me incapaz de me apresentar ali. Virei-me e disse à minha colega, uma baiana, companheira de viagem:

"Minha Mãe de Deus! Eu metida em tais alturas! Que farei?"

Hesitamos um pouco. Depois resolvemos entrar. Afinal havíamos atravessado o Atlântico para recuar ali? Era impossível.

Entramos e fizemo-nos apresentar: "Professôras brasileiras". Foi como si tivéssemos proferido o "abre-te Sézamo", pois a palavra "professôra" é a varinha de condão que tudo transforma.

"Sèvres acolhe gratamente todos os amigos da Educação", disse-nos a secretária do Centro.

Esperamos um pouco e fomos introduzidas no gabinete de Mme. Hatinguais. A simplicidade de sua figura e a cordialidade de seu acolhimento mostraram em seguida uma personalidade vigorosa, consciente do seu valor, que não necessita dos atavios externos pois em si própria tem a sua fôrça.

Sentimo-nos na obrigação de apresentar Mme. Hatinguais às nossas colegas, a fim de que possam aproveitar de sua estada entre nós, ouvindo sua palavra experimentada, resultado de muitos anos de magistério. Essa apresentação é um dever de gratidão para nós que tanto recebemos de sua generosidade, sempre pronta a repartir os tesouros de sua cultura.

Mme. Hatinguais é a diretora do Centro Internacional e do Ginásio anexo, que recebem todo o mundo: pais, professôres, diretores, orientadores, médicos, psicólogos, psiquiatras, filósofos, tanto franceses como estrangeiros.

Através do Ginásio se põe em prática o "Plano Langevin", que é um projeto de reforma para o ensino francês, organizado em 1944 por um grupo de professôres sob a presidência de Paul Langevin.

Esse "Plano" é, sem dúvida, uma das obras educacionais de maior vulto na atualidade, o que é atestado pelo interêsse mundial que êle despertou. O Centro Internacional, permitindo a observação das aulas e apre-

ciação dos trabalhos executados no ginásio, organizando conferências, debates, reuniões, etc., procura não só difundir o Plano Langevin como instruir os professôres nos métodos e processos aconselháveis e atualizar diversos pontos preconizados.

O Plano Langevin implica numa reforma radical de "métodos". Os componentes da Comissão Langevin aceitaram a proposta do Govêrno de submetê-lo à experimentação antes de ser adotado; êles mesmos afirmam que, antes de tudo, é necessário que a França possua professôres capazes de executar tal plano, pois não se reforma um sistema de educação pela assinatura de um decreto.

Foi êsse o ponto que mais nos chamou a atenção. Em nossa primeira entrevista com Mme. Hatinguais perguntamos qual era o método impôsto pelo Plano Langevin. Ela nos respondeu simplesmente:

"Impôsto? Nenhum. O professor deve usar o melhor método possível para o aluno que tem diante de si. Êle deve lançar mão de todos os recursos e processos para atender a cada aluno em particular e ao grupo em geral".

Como fizéssemos um ar de surprêsa, ela acrescentou:

"A senhora verá".

Nos vários estágios que acompanhamos em Sèvres, tivemos a oportunidade de ouvir as conferências e os debates que se lhes seguiam. Pudemos, então, viver uma verdadeira democracia e compreender o que é "educar para a democracia" e sentir "o desejo ardente daqueles homens de construir para os jovens uma sociedade mais feliz".

Nada se impõe; respeita-se a personalidade do professor, como êste respeita a do aluno.

É só acompanhando diàriamente o professor em sua aula é que se pode observar seu "método".

Não há nada escrito que o professor deve seguir; não há regras que êle deve obedecer em sua classe. Há a apresentação de "princípios gerais" e como conseqüência um "Plano de Educação".

Comprendi, então, porque os meus apontamentos de uma aula de Português não dizem nada. Eu pretendia, antes de tudo, dar idéia do que faço, mostrar que procuro métodos, processos e meios que compensem as agruras do programa, a dissociação das disciplinas, a falta de interêsse dos alunos, a inutilidade dos conhecimentos, etc.

Nada disso transparece, nem pode transparecer, porque deve surgir das circunstâncias reais da classe.

O professor, ser vivo, lida com outros sêres vivos e deve projetar fora de si as suas aquisições, a fim de provocar em seus alunos reações capazes de torná-los aptos a incorporar experiências que os modifiquem progressivamente. Como conseguir isso? Os meios de pôr em prática ficam entregues ao critério do professor, que deve possuir uma formação que lhe permita lançar mão de todos os recursos necessários para o êxito de sua missão. Em primeiro lugar entra em jôgo o respeito à personalidade do aluno. Daí o dever do professor de "educar para a democracia", fazendo seus alunos viver em uma sociedade em que a individualidade de cada um se afirme.

O Plano Langevin respeita a personalidade do professor e muitas vêzes ouvi dizer que o professor intransigente, que se fixou num método, que não muda nem admite a opinião dos outros, é um retrógrado, é um mau educador, indigno de sua missão.

O professor deve procurar sempre progredir. Se para um dá bom resultado um método, para outro êle é ineficaz. Por que isso? É que o professor tem diante de si um problema para resolver, cujos dados lhe são fornecidos pelo aluno, elemento móvel. Êle deve, portanto, conhecer o melhor possível a criança e todos os métodos para educá-la.

O sistema de educação apresentado no Plano Langevin tem justamente a grande virtude de permitir ao professor e ao aluno a escolha do que mais se coaduna com suas personalidades, de permitir aproveitar tudo quanto se conquistou no terreno das Ciências de Educação.

Lembro-me dos debates após uma conferência sôbre "métodos ativos". Levantou-se um professor que achava tudo aquilo inútil e que defendeu brilhantemente o "método verbal" no ensino da História. O conferencista, Mr. Roger Gal, respondeu-lhe calmamente:

"Quem tem como o senhor o dom da palavra não deve desprezá-lo. O senhor leva seus alunos à mais profíqua atividade intelectual através de sua exposição. Estamos de acôrdo. O Plano Langevin deseja que o aluno participe ativamente dos trabalhos escolares. O senhor consegue isso pela palavra; continue".

Continua na pág. 60.

Professôra! V. durante tanto tempo desejou uma revista de ensino! Aqui a tem! Prestigie-a, tomando uma assinatura e conseguindo que duas colegas suas também a assinem!

SUPLEMENTO DO MÊS

Sugestões para estudo dos animais

Apresentar a gravura, deixando que as crianças observem durante alguns momentos. Se fôr necessário a professôra provocará as manifestações, fazendo perguntas relativas à gravura.

Comentar as características do animal: tamanho, aparência, pêlo, cabeça, cauda, patas, focinho, orelhas, etc.

Hábitos de vida do animal, alimentação, meios de defesa, etc. Alimentação dos cãezinhos novos.

Utilidade do cão para o homem.

No 3.º, 4.º e 5.º anos tratar da classificação do animal como vertebrado, mamífero, etc. Confeccionar uma ficha de classificação do animal.

Atividades

Procurar gravuras de cães.
Procurar histórias e versos que tratem de cães.
Colecionar gravuras de diferentes raças de cães.
Desenhar e colorir cães.
Recortar figuras de cães.
Modelar cães.
Recortar em madeira e armar brinquedos.
Bordar figuras de cães.
Compor pequenos quadros com recortes aplicados.
Se houver possibilidade de observarem cães vivos:
observar os cuidados da mãe com as crias;
observar como andam, brincam, comem, dormem os cãezinhos;
cuidar da sua alimentação;
tratando de cães adultos, observar como cuidam a casa;
como recebem o dono, como reagem aos ataques, etc.

Exercícios de linguagem

Ao desenvolver êste trabalho há muitas oportunidades para exercícios de linguagem oral. A professôra poderá aproveitar a motivação para exercícios de linguagem escrita.

Passar para a prosa: Plutão — de Olavo Bilac:

1 — Negro, com os olhos em brasa,
Bom, fiel e brincalhão,
Era a alegria da casa
O corajoso Plutão.

2 — Fortíssimo, agil no salto,
Era o terror dos caminhos,
E duas vêzes mais alto
Do que o seu dono Carlinhos.

3 — Jamais à casa chegara
Nem sombra de um ladrão;
Pois fazia mêdo a cara
Do destemido Plutão.

4 — Dormia durante o dia,
Mas, quando a noite chegava,
Junto à porta se estendia,
Montando guarda ficava.

5 — Porém Carlinhos, rolando
Com êle às tontas no chão,
Nunca saia chorando
Mordido pelo Plutão...

6 — Plutão velava-lhe o sono,
Seguia-o quando acordado:
O seu pequenino dono
Era todo o seu cuidado...

Continuação da pág. 59

Percebi então o quanto vale a experimentação.

Nesse passo é que se faz sentir o valor de Mme Hatinguais; sua voz traz sempre o conselho ajustado para a ocasião, sua opinião vem carregada da autoridade da experiência.

No mais aceso das discussões, ela diz com um sorriso:

"Eu fiz isso. Já experimentei tal processo e obtive tal resultado. Faça o mesmo, minha amiga!"

Ela está sempre pronta a escutar, aconselhar, animar, acompanhar e guiar o professor; conquista pelo exemplo e pelo ardor do seu ideal, aliado a seu encanto pessoal. E eu estou certa de que o pequeno núcleo inicial instalado em Sèvres aumentará mais e mais, se espalhará pela França inteira e daí pelo mundo todo levando sua mensagem:

"Vale a pena sacrificar-nos hoje em busca de uma Educação que construa uma sociedade feliz"

LENDAS DO BRASIL

A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA

Dentre as imensas fôlhas verdes, semelhantes a alvoradas bandejas de esmeralda, exsurgem e desabrocham, brancas e olorosas, como grandes magnólias polipétalas ou "enormes bogarins, de trinta e mais centímetros de diâmetro, e quase dois de altura". É a vitória-régia.

Flor nenhuma se lhe pode comparar em beleza e tamanho.

À superfície da água, ostenta-se, régia e soberana, como a maravilha sem par dos tesouros inenarráveis da flora brasileira.

Os índios, na sua crença, denominaram-na a "estrêla das águas" e teceram a lenda maravilhosa da sua origem, dando-a como nascida do corpo branco de Nayá, jovem e linda princesa duma tribo primitiva que habitava as margens dêsse grande mar de água doce que é o Amazonas.

Certa noite, Nayá, a jovem princesa, atraída pelo mistério das águas, debruçou-se sôbre o grande lago e viu no espelho líquido a imagem luminosa dum príncipe que lhe acenava, alegre e feliz. Encantada pela visão estranha, a jovem princesa foi caminhando para êle, até desaparecer num remoinho, em meio das águas...

Dias e dias procuraram-na inùtilmente pelas selvas os heróis da sua tribo. Adivinhos e feiticeiros se empenharam em desvendar o grande mistério, quando, ao fim dum longo dia, viram surgir, como uma aparição à superfície do pélago iluminado pela faiscação dos astros, uma branca e enorme flor, até então desconhecida.

E deram-na como nascida do corpo branco da linda princesa, pelo que a intitularam a "estrêla das águas".

Duas cousas a Revista do Ensino precisa que V. faça: tome a sua assinatura e mande-nos a sua colaboração!

ATIVIDADES MUSICAIS NO JARDIM DE INFÂNCIA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EM 1951

RAFAELA S. ROCHA FURTADO
Professôra de Música no Instituto de Educação, P. A.

Começo do ano letivo, primeiro dia de aula, voltam os alunos do ano anterior de rostinhos queimados dos veraneios; abraços carinhosos, nossos nomes são pronunciados por centenas de boquinhas sorridentes.

Reunimos a criançada na sala de Música, para receberem os novos colegas que vão entrando, ainda agarrados às mamãs, olhos assustados, cheios de lágrimas.

Depois de alguns momentos de palestra, perguntamos aos antigos alunos o que querem fazer para homenagear os novos colegas. Há várias sugestões, aceitamos a de cantarem uma canção aprendida no ano anterior. Formamos uma grande roda, o piano acompanha a canção e o ritmo alegre de marcha vai tomando conta de todos.

De vez em quando, um dos novos se julga abandonado pela mamã e rompe num chôro sentido...

Lá vem um pedido: "Professôra, conta uma história". — Qual? — "O boneco de massa".

Contamos, a história vai interessando, centenas de olhos nos fitam, as lágrimas, esquecidas, vão secando...

Quem é capaz de imitar o boneco, o cavalo, o boi, a rapôsa da história?

O piano vai ritmando os gestos imitativos.

Estamos com saudades de ouvir uns versinhos, declaramos. Aparecem vários declamadores, até entre os novos. Alguns preferem cantar marchinhas de carnaval, todos são muito aplaudidos.

As mamãs dos novos insistem com êles: "Recita, filhinho. Dança filhinha". Mas, a timidez impede a demonstração. A mamã desolada, exclama: "Ah! Professôra, queria que visse o que êle faz em casa!...

Correm os dias, o chôro desaparece, as mamãs já não ficam pelos corredores, tudo entra na ordem, a ambientação é uma realidade.

Preparamos nossos planos em correlação com os trabalhos dos diversos períodos: organizamos nosso horário, não é rígido, mas, é necessário, devido à grande freqüência, para podermos atender a todos.

Iniciamos nosso trabalho com exercícios para desenvolver o senso rítmico.

Deus, quando criou o universo, dando o primeiro impulso na matéria inerte, fêz surgir o ritmo que tudo ordenou.

O ritmo é o elemento da música que primeiro chama a atenção da criança. Muitas vêzes, por qualquer circunstância, a criança não entoa, mas é quase sempre sensível ao ritmo; os arrítmicos, depois de um certo tempo, tornam-se raros no Jardim.

Para uniformizar o ritmo, usamos muitos jogos e brinquedos; marchas, palmas, gestos imitativos: trenzinho, cavalos, sinos, tudo bem motivado com histórias interessantes que causem prazer aos alunos.

Vem a seguir, o trabalho com bandas rítmicas, os instrumentos, por mais simples que sejam, despertam curiosidade e interêsse.

Somos de opinião que os timbres dos instrumentos devem ser agradáveis, não julgamos educativos os barulhentos, ex.: tambores de lata, tampas de panela, etc. pois, viciam o ouvido. Os instrumentos feitos pelas crianças são recomendáveis, quando não são ruidosos, ex.: chocalhos, sistros de guizos ou tampinhas.

No trabalho com bandas rítmicas, temos como objetivos:

Objetivo geral: A educação integral da criança

Objetivos específicos:
- Desenvolver
- O senso rítmico
- O ouvido
- O gôsto pela música
- A atenção dirigida
- A disciplina espontânea
- O espírito de cooperação
- A coordenação muscular

Para alcançarmos êsses objetivos, usamos os seguintes meios:

No 1.º período, (crianças de 4 anos) entregamos os instrumentos aos alunos, deixamos que experimentem e descubram como funcionam, naturalmente, guiamo-los nas dificuldades.

Acompanham, então músicas bem ritmadas: marchas, depois valsas, etc. tudo espontâneamente, até alcançarem uniformidade.

Depois usamos jogos de atenção: o piano está tocando, de repente pára, todos devem parar; quando algum distraído continua a tocar, tem de sair da roda.

Outra modalidade, estão todos sentados com os instrumentos, quando o piano toca forte, determinado grupo deve se levantar e tocar; quando o piano toca fraco, aquêle grupo senta e outro deve levantar e em seguida tocar. Pode-se usar essa mesma forma com o piano tocando ora nos graves, ora nos agudos.

No 2.º período, (crianças de 5 anos) fizemos uma série de exercícios para separar os grupos de instrumentos: pratos e tambores; pandeiros; lixas, varas e castanholas montadas; xilofone, triângulos e campainhas; chocalhos. Cada grupo só deve tocar quando fôr solicitado. Aprendem a entrar a tempo e estar atentos aos sinais da regente. Já tocam peças instrumentadas, embora simples.

No 3.º período, (crianças de 6 anos) usamos instrumentações mais difíceis, cada instrumento executa a sua parte, há ritmos diferentes, sobrepostos.

Não usamos pôr crianças como regentes, porque nas bandas instrumentadas, é difícil reterem na memória a instrumentação, para dirigirem os 1.º períodos, tornam-se convencidos de que são superiores aos coleguinhas, isto é pouco educativo.

Instrumentamos várias músicas folclóricas gaúchas e brasileiras, e assim, as nossas crianças aprendem a amar o que é nosso. Usamos também, música fina e univer-

sal, gênero leve, reduzimos as peças para não cansar às crianças. Procuramos não usar música vulgar; cuidamos que os acompanhamentos sejam bem-feitos, desejamos por todos os meios, contribuir para a elevação do gôsto artístico das novas gerações.

Nossa primeira comemoração do ano é a da Páscoa, que serve de motivação para aprendizagem de cantos, versinhos, bailados e dramatizações, cujo principal personagem é o Coelhinho. Tôdas essas atividades são correlacionadas com as das aulas.

A festa se realiza na sala de Música; a maioria dos alunos já é capaz de entrar em fila, procurar seus lugares, ficar em silêncio, ouvir e aplaudir.

Já cantam várias canções; cuidamos que não gritem, que pronunciem bem as palavras.

Temos canções de cordialidade, quando chegam visitas: Saudação aos Visitantes; "Parabéns", se alguma professôra ou aluno faz anos. Se algum aluno está de aniversário, avisa logo, e, reunidas as crianças, vai se colocar no meio da roda, muito comovido para receber a homenagem.

Aos sábados reunimos tôdas as aulas para o canto em conjunto, bailados e recitativos espontâneos, ritmo, audições interessadas de discos escolhidos, etc.

Com o friso da sala de Música, organizamos um plano com o objetivo de fazer as crianças compreenderem as várias aplicações agradáveis da música: perguntamos: "Que estarão cantando aquêles meninos de arma ao ombro e chapéu de papel?" (Marcha soldado). Pedimos que cantem. "E aquela roda de crianças?" Sugerem várias canções de roda. Cantam. Para cada parte do friso dão sugestões. Há cenas de bailados. Vitrola. Gaita. Crianças jogando flores na Bandeira. Banda. Há uma parte onde uma menina toca piano e ao redor, crianças perfiladas, cantam. Aproveitamos êsse trecho para fazer com que os alunos reconheçam o Hino Nacional, cantamos e tocamos, mostramos a atitude que devem tomar ao ouvirem essa música, para nós, a mais bela do mundo.

Fazemos, depois, um teste: tocamos várias músicas, e, sem aviso, entre elas o Hino.

Muitos alunos logo se levantam, outros seguem o exemplo, os menores custam mais, mas, com o tempo, aprendem e reconhecem.

O ano vai correndo: Maio, mês de Maria, aprendizagem de um canto para levar flores à Mãe do Céu. Com permissão dos pais, vão quase tôdas as crianças, mesmo as que não são católicas, cantando "Com flores à Maria" vamos à Capela do Bonfim. O altar da Virgem fica mergulhado numa onda colorida.

Foi comovente o gesto de um pequenino israelita: também, como os coleguinhas, colocou flores no altar, mas, cremos, achou pouco, voltou e deixou um autinho de matéria plástica aos pés de Maria...

Aproxima-se o Dia das Mães. Perguntamos que desejariam fazer para homenagear às mamãs. "Uma festa bem bonita". Conversa-se. Surge afinal a idéia de fazer desenhos e quadros. Com que desenhamos? — "Com lápis de côr".

Disso resultou uma dramatização, iniciada por um diálogo entre dois meninos, discutem como serão os quadros que resolveram dar à mamã e terminam indo chamar os lápis de côr: aparecem, então, 10 meninas vestidas de diferentes côres, com grandes lápis na mão, cantam e dançam.

Abre-se o pano, dentro de uma moldura dourada, vê-se o 1.º quadro: "Parabéns, Mamãezinha". Mamãe recebe flores e presentes de seus filhos. O côro dos alunos canta "Parabéns" e a seguir os personagens se movem, o menino recita uma quadrinha e a menina dança, com a cesta de flores, uma valsa de Chopin.

2.º quadro: Mamãe adormece o filhinho. O côro canta "Acalanto".

3.º quadro: "Mamãe ensina os filhos a rezar à Mãe do Céu". O côro canta "Mãe de Ternura".

4.º quadro: "Um vaso de flores". O côro entoa "Eis lindas flores". 8 meninas, vestidas de flores, saem do vaso e dançam. (Valsa "Contos dos bosques de Viena").

5.º quadro: "Música para mamãe". A banda rítmica toca "Ciranda" de M. Furtado.

Junho. Viva São João! É a festa de culto às tradições. Todos os períodos trabalham ativamente, as jardineiras dão idéias, auxiliam nos ensaios de bailados: Pèzinhos, Prenda Minha, Rancheira. Nas aulas, a criançada recorta e pinta convites, bandeirolas, balões de todos os tamanhos; criam-se frisos com cenas joaninas. Ensaiamos 4 bandas, nossa boa colaboradora Prof.ª Niêda ensaia a quinta banda. O 3.º período A tocará a "Tirana". Há grande senso de responsabilidade entre os que tocam instrumentos mais difíceis: pratos, tambores. Os 6 pandeiros atingem a perfeição. Os outros instrumentos secundam. Os 2.os períodos A, B e C ensaiam "Festa na Roça", "Mágoas de Gaúcho" e "Velha Gaita". O 3.º período B repetirá Ciranda. Quadrinhas, desafios e cantos regionais completam o programa. As melodias nascidas na campanha, nas serras e no litoral do Rio Grande ficarão, assim, gravadas no coração dos pequeninos.

Depois das férias de julho, recomeça-se o trabalho: a Semana da Pátria e a visita à Pira motivam a aprendizagem de um canto de Saudação ao Brasil e à Bandeira.

Tomamos parte na Parada da Juventude, o nosso porta-bandeira marcha compenetrado seguido pela guarda de honra que veste o uniforme das Bandas Rítmicas.

Colaborando com as professôras do 2.os períodos A e B, num plano sôbre o trigo adaptamos letra à "Ronda do Trigo", cantada na festa que encerrou o plano, com mímica imitativa: preparo da terra, semeadura, crescimento, ceifa, moagem, pão e Hóstia.

Contando a história e fazendo as crianças ouvirem a gravação da opereta "O Sapo Dourado" de Heckel Tavares, demos motivo à sua representação.

Reduzimos e adaptamos a música e os versos, aproveitamos todos os motivos musicais para as Bandas rítmicas, côros, bailados e gestos ritmados. Escolhidos os personagens, começamos os ensaios de tôdas as partes em separado. Os bailados individuais da Fada Azul, Gisela, das Libélulas e da Borboleta foram improvisados pelas crianças ouvindo as músicas da opereta, muito sugestivas.

Tomaram parte na festa 200 alunos. Sugerimos que os trajes não fôssem dispendiosos demais, o bom-gôsto das mães vem ao encontro dos nossos desejos. O Rei, Gisela, a Fada, o Príncipe e as Flores estão encan-

tadores, o mesmo se dando com os camponeses, sapinhos e soldados. As declamadoras estiveram muito expressivas.

Algumas crianças que não puderam tomar parte na representação, ajudaram no recorte e colagem dos cenários e convites, arrumação da platéia, etc.

O ensaio geral pareceu-nos mal, mas no dia correu tudo a contento.

A alguns, pode parecer que essas festas têm caráter de exibição, mas, é engano, têm grande valor socializante, além disso, são a aplicação de todos os exercícios musicais: bandas, gestos ritmados, cantos e bailados.

É a música viva, meio de expressão, sentida pelas crianças em tôdas as suas manifestações.

Em todos os sábados de novembro, houve festinhas encerrando planos de aula, colaboramos com as jardineiras nos seguintes trabalhos: dramatização sôbre a Primavera, 1.º período C, acompanhamos cantos e bailados.

3.º período B, sôbre a Primavera: ensinamos uma canção, acompanhamos os bailados e a dramatização.

1.º período A, "Bazar de brinquedos", ensaiamos cantos, marcha imitativa e bailado.

O plano de Natal dos 1.º períodos B e C, 2.º período C e 3.º período B resultou uma bela festa que a todos comoveu. Contribuímos com os fundos musicais, todos constituídos de música erudita ("Cenas de Infância" de Schumann, "A caminho de Belém", M. Furtado) 5 contos de Natal apropriados as diversas partes da dramatização.

Recebemos durante o ano visitas de alunos e professôras de Escolas do interior do Estado e de Estados vizinhos, por último da E. Superior de Guerra.

Na última semana de aula, como parte do plano de Natal, fomos com o 3.º período A à Creche de S. Francisco levar presentes de nossas crianças aos recolhidos.

Lá cantamos nossas canções de Natal, algumas em conjunto com os pequenos da creche; brincamos de roda, enfim, uma bela manhã de culto à solidariedade humana.

Recebemos ainda um convite do Clube de Folclore da Escola Senador Ernesto Dorneles para que nossos alunos cantassem canções de roda.

As crianças do 2.º período A entoaram 6 canções de roda, tôdas foram gravadas, tocaram "O Boi Barroso" em Banda rítmica.

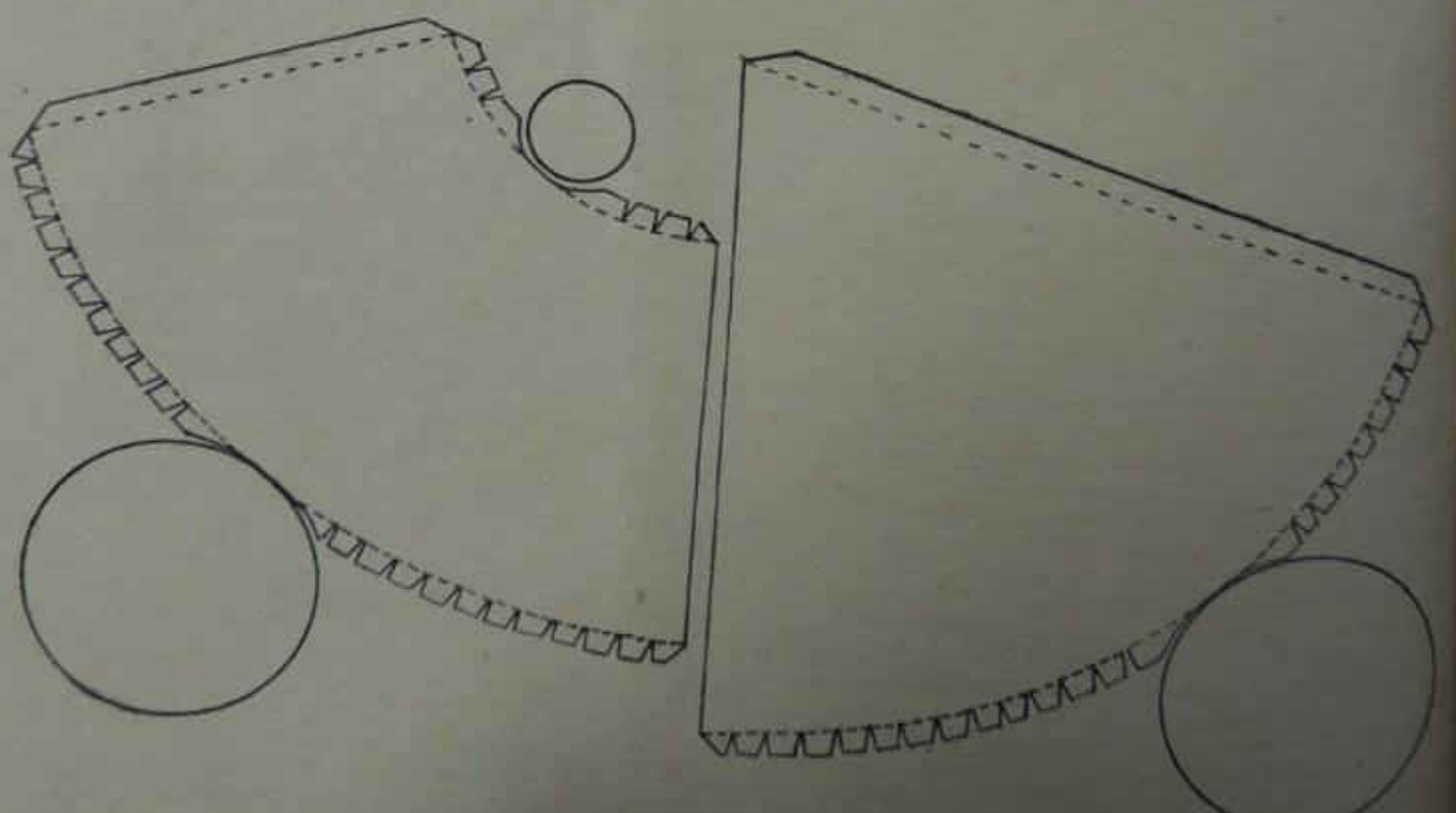
Assim, se passou mais um ano, no qual utilizamos a Música como fator de educação estética, moral e social, contribuindo, modestamente, para a educação integral dos pequeninos; nisto fomos sempre amparadas pela Sra. Diretoria, Prof.ª Olga A. Geyer e pela experiência e oportunos conselhos da Assistente Prof.ª Meri G. Abreu Lima e sua substituta Prof.ª Maria A. de Azevedo.

Não podemos esquecer nossa auxiliar Prof. Niéda e as colegas jardineiras, tôdas compreensivas e amigas que muito contribuem para o êxito de nossos trabalhos, dando-nos idéias, ajudando na organização das festas.

Cone e tronco

Associe a geometria ao desenho e as artes aplicadas. Peça a colaboração da professôra especializada.

Seus alunos gostarão de construir os sólidos geométricos.



Notas de PORTUGUÊS

YARI DE ABREU LIMA
Prof.ª no G. E. Paula Soares, P. A.

NOTA NECESSÁRIA: Em virtude de um lapso verificado na publicação do trabalho aparecido na Revista n.º 5, sentimo-nos obrigadas a repeti-lo devidamente emendado.

1) São acentuados os vocábulos oxítonos e os monossilábicos tônicos terminados em:

a	
as (sing. ou plur.)	há, já, cá, jacá, Pará, Ceará
	hás, gás, atrás, aliás, tupá
e	
es (sing. ou plur.)	é, sê, rapé, jacaré, você
	és, mês, através, japonês, português
o	
os (sing. ou plur.)	pôs, após, xipós, retrós (sós)

2) Não são acentuados os vocábulos oxítonos e os monossilábicos tônicos terminados em *i, is, u, us*: tupi, peru.

Exceção: — Para evitar a formação de grupo, os vocábulos terminados em *i, is, u, us*, — são acentuados.

EXEMPLOS

i	aí (adv.) — Jacuí, Pitaí, Caí, moí, distribuí-lo, contraí-la
is	trais, pais, luís
u	baú, jaú
us	baús.

NOTA: Na regra (1) com a qual continuamos, hoje, o nosso trabalho, devemos incluir as formas verbais em que, depois de *a, e, o* se assimilaram o *r*, o *s*, e o *z* ao *l* do pronome *lo, la, los, las*, caindo, depois o primeiro *l*.

dar-lo = dal-lo = dá-lo
faz-los = fal-los = fá-los
pôs-las = pol-las = pô-las
vendê-lo-emos
vende-la-á
fá-lo-á.

EXERCÍCIOS:

I — Por que não são acentuadas as palavras:

a) tupi, ti, ali, vi, cai, sarandi, trai, vai, requeri, tupis, sarandis, quis
b) peru, angu, urubu, jacu, babaçu, Caramuru, nu, cru, jau, vau, lulu, pus, dispus, sus?

II — Empregar os verbos *dar, cair* e *retribuir* nas pessoas e tempos indicados:

dar	3.ª pessoa do singular do presente do indicativo 3.ª pessoa do singular do presente do conjuntivo 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo
cair	1.ª pessoa do singular do passado perfeito simples do indicativo, todo o imperfeito do indicativo 2.ª pessoa do singular e 2.ª do plural do imperativo
retribuir	1.ª pessoa do plural do presente do indicativo 1.ª pessoa do singular do passado perfeito simples do indicativo 2.ª pessoa do plural do imperativo afirmativo 2.ª pessoa do plural do infinito pessoal.

III — Verifique o motivo por que o *i* aparece acentuado nuns exemplos e, sem acento noutros:

quis	requeri	atribuí
quiseste	requereste	atribuíste
quis	requereu	atribuiu

OUTRA REGRA: Por que nem tôdas as palavras oxítonas terminadas em *és*, no singular, conservam o acento circunflexo — no feminino singular e no masculino e feminino plural?

Vejamos alguns adjetivos gentílicos e outras palavras formadas com o sufixo *ês* (lat.: ense).

MASCULINO		FEMININO	
Singular	*Plural*	*Singular*	*Plural*
barcelonês	barceloneses	barcelonesa	barcelonesas
cartaginês	cartagineses	cartaginesa	cartaginesas
chinês	chineses	chinesa	chinesas
dinamarquês	dinamarqueses	dinamarquesa	dinamarquesas
francês	franceses	francesa	francesas
finês	fineses	finesa	finesas
holandês	holandeses	holandesa	holandesas
inglês	ingleses (nome)	inglêsa (nome)	inglêsas (nome)
	ingleses (verbo)	inglesa (verbo)	inglesas (verbo)
javanês	javaneses	javanesa	javanesas
japonês	japonêses (nome)	japonêsa (nome)	japonêsas (nome)
	japoneses (verbo)	japonesa (verbo)	japonesas (verbo)
norueguês	norueguêses	norueguesa	norueguesas
português	portuguêses (nome)	portuguêsa (nome)	portuguêsas (nome)
	portugueses (verbo)	portuguesa (verbo)	portuguesas (verbo)
siamês	siameses	siamesa	siamesas
camponês	camponeses	camponesa	camponesas
cortês	corteses	cortês	corteses
marquês	marqueses	marquesa	marquesas
montanhês	montanheses	montanhesa	montanhesas
pedrês	pedreses	pedrês	pedreses

a) *Regra prática* — Se o *e* do vocábulo, no masculino plural, não fôr acentuado, *por não ter homônimo correspondente*, no feminino singular e plural também não o será.

b) Por que as palavras cortês e pedrês, no feminino singular são acentuadas? (Ver a regra com que iniciamos, hoje, o nosso trabalho).

Continua na pág. 71

O VALOR E A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS CIÊNCIAS

Trad. de "Science in the Elementary School" California States, Dep. of Education.

A Ciência desempenha um grande papel na vida atual. Ela é a fôrça prepulsora das civilizações. Suas contribuições para uma vida cada vez mais civilizada e as probabilidades de ulterior bem-estar faz com que ela seja profundamente importante para cada indivíduo. Problemas de saúde, recreação, vida social econômica, comunicações, amparo, conservações dos recursos naturais, produção, transporte e consumo de utilidades, e ainda, educação, requer que os conhecimentos científicos e os métodos científicos sejam usados em suas soluções. De fato, cada estágio das civilizações digo — das atividades humanas é profundamente influenciado pelas ciências. A substituição dêsse mundo de idéias supersticiosas pela verdade experimental é mais significativa do que qualquer outra vantagem no progresso da humanidade. O contrôle da magia, superstições, supostas intuições, a autoridade cega, foram quebrados pelo espírito de inquérito, de acesso científico dos métodos experimentais. Infelizmente, no entanto, fatôres irracionais, na vida da humanidade, não foram ainda totalmente eliminados. É evidente que mêdos infundados, crendices e fés baseadas na ignorância e vagas sugestões ainda florescem e influenciam a conduta humana. Por isto, o traço essencial das ciências naturais é acima de tudo conduzir o pensamento do jovem ao inquérito, ao método científico para a solução de todos os problemas. Conseqüentemente, as ciências são profundamente importantes na formação de atitudes e determinação da conduta. O método científico é catalizador, evidente avaliador, comprovador experimental, ao mesmo tempo que formula conclusões e deriva princípios em conseqüência dêste ou daquele fato.

A atitude científica é uma curiosidade inteligente e admirável, na ânsia de descobrir e aceitar a realidade, de abrir o entendimento e a tolerância de humildade através da verdade; de retenção de julgamento precipitados em face à evidência; de respeito a todos os julgamentos e conclusões como tentativa de revisão de objetivos e de esclarecer por meio de evidências adicionais.

Assim, uma aritude científica e os métodos científicos permitem e facilitam um programa educacional integral. Todos os fatos cotidianos devem ser observados de maneira a eliminar a superstição, a crendice, as falsas interpretações, ao mesmo tempo que o tratamento científico deve conduzir à solução de todos os problemas. Por isto, numa escola moderna que procura, antes de tudo, educar seus alunos para as elevadas finalidades humanas, a experiência científica deve tender, especialmente, a dirigir o pensamento. Ela deve ser um meio de pensamento. Cada experiência que as crianças realizarem deve fornecer-lhes uma compreensão maior da ciência e um caminho mais largo do pensamento, ao mesmo tempo que o espírito de inquérito e a apreciação dos fatos e coisas deve afetar sua vida diária. Sòmente através de métodos científicos o homem ganhou a medida de contrôle sôbre a natureza que êle agora exercita. Entretanto, não é bastante essa medida. O contrôle deve ser inspirado pela visão da utilidade e dirigido de maneira a servir as necessidades humanas.

Assim, o propósito do estudo das ciências na escola primária reside não em colocar rapazes e meninas no caminho de futuros cientistas ou naturalistas, mas antes e sobretudo, em colocá-los na situação de homens educados, humanos, conscientes, sêres pensantes.

MÉTODOS ATIVOS NA APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS

A função da escola, numa sociedade democrática, tem sido preceituada e aceita das mais diferentes maneiras. Porém, a mais geralmente aceita é a que estabelece que um programa educacional deve propiciar a cada indivíduo a mais afetiva participação na comunidade da qual êle é parte integrante.

O estudo das ciências é um dos aspectos, se bem que o mais importante, entre os muitos pelos quais a escola assume responsabilidade.

Os objetivos gerais da ciência educativa são: preparar o indivíduo para viver saudàvelmente, com sucesso e com responsabilidades numa civilização em mudança; ganhar o máximo de satisfação e enobrecimento pela compreensão e apreciação de seu mundo; e reagir inteligentemente numa contínua adaptação às novas influências e acontecimentos que formam o curso da vida, tornando maiores as oportunidades que se lhes apresentam e reduzindo ao mínimo as conseqüências desagradáveis dos infortúnios que lhe acontecerem.

Sòmente na realização dêstes objetivos superiores vive-se integralmente e preciosamente. A execução dêstes objetivos envolve a estimulação, o interêsse, compreensão e apreciação de valores; o estabelecimento e manutenção de hábitos de saúde física e mental; a aquisição de um crescente corpo de técnicas e habilidades; a acumulação, através de um corpo de apuradas e organizadas informações, que somadas continuamente alarguem e aprofundam as experiências. E, êstes conhecimentos não devem apenas envolver a natureza intelectual, mas pelo contrário, abranger a personalidade integral do homem. Doutro modo, não será genuína educação. A verdadeira aprendizagem manifesta-se pela contínua orientação dos elementos naturais e sociais e expressa-se na contínua reconstrução da conduta humana, baseado na experiência. Um exemplo esclarece êste ponto:

Não é suficiente que a criança aprenda que a saúde é um bem desejável e que compreenda como as diferentes partes de seu corpo funcionam. Para ser completo e genuíno seu aprendizado é preciso que funcione ativamente em sua vida diária. Assim, ela deve viver

e agir de maneira a favorecer e conduzir o desenvolvimento de sua saúde física e mental. Por outro lado, não é suficiente que a criança, simplesmente, aprenda os passos através dos quais alguém progride na aplicação de métodos científicos, para a solução de um problema. A não ser que a criança demonstre disposição para a ciência ou atitude científica em seus próprios pensamentos e mostre uma disposição acentuada para a pesquisa, dentro dos métodos científicos, a principal finalidade educativa da ciência não foi alcançada.

Outro exemplo:

O estudo sôbre um grupo de insetos de nada vale, a não ser que modifique a conduta das crianças com referência aos mesmos, familiarizando-as com os meios, bons e maus, pelos quais os insetos afetam o bem-estar humano, e dando-lhes a compreensão dos meios de que o homem pode dispor para tirar proveito dos insetos úteis e controlar os prejudiciais.

Novos e diferentes problemas humanos que surgem continuamente, como o progresso em ciências e técnica, de um lado, e o desenvolvimento social de outro, alteram padrões da vida coletiva. Os objetivos da ciência educativa é preparar os alunos, individual e coletivamente, para a solução dêsses problemas, como êles surgem e tão ràpidamente quanto possível. As modernas descobertas técnicas, nos variados ramos, vem contribuindo para a constante mudança social. Novas conquistas no terreno da eletricidade, aplicadas às mais variadas utilidades, a indústria em larga escala, a aviação, o cinema, os meios de comunicação, enriqueceram a vida de novas fontes. É, porém, necessário que tudo isto seja acessível a todos os homens e contribua para a felicidade moral. Logo, é indispensável que a educação científica forneça ou conduza à compreensão de seus métodos e ao valor de seus esforços. É sòmente a importante potência que é a escola pode conduzir à finalidade desejada, isto é — à realização de uma vida integral para cada membro de uma sociedade democrática, conduzindo a criança, por meio da aprendizagem das ciências, de maneira vital, pessoal, social e dinâmica. Cada professor pode e deve alertar as potencialidades latentes, transformando-as em realidades. Experimentando, estudando, cada criança deve sentir todo o valor da ciência, para o bem-estar e deve tornar-se um adepto e um executor dos métodos científicos. Assim, a pouco e pouco, os homens se tornarão peças ajustadas de um mesmo organismo, duma época que, cada dia mais tende ao progresso pelos métodos científicos.

FONTES DO MATERIAL DE CIÊNCIAS PARA A APREDIZAGEM

Em tôrno de nós, há sempre uma quantidade suficiente de material a ser usado para a aprendizagem. A riqueza dos objetos e fenômenos naturais animados e inanimados, a multidão de artigos manufaturados e usados pelo homem, e as leis e princípios que governam a operação ou o uso dos materiais; brinquedos, ferramentas, máquinas e equipamento de tôda a sorte, tudo, enfim, contribui para o aprendizado ativo das ciências. Há legiões de exemplos específicos. Montes, vales, campos, jardins, e flores, orquidiários, grama, minerais, nuvens, insetos, pássaros, peixes, répteis, animais, constituem o mundo da criança. Cada um é um centro de interêsse, cada um encerra uma lição de ciências cheia de interêsses e ensinamentos que encantam as crianças.

A construção de materiais, brinquedos, ferramentas, máquinas, navios, aeroplanos, trens, automóveis, algodão, lã, ferro, cerâmica, porcelana, tudo isto é rico em conhecimentos e possibilidades. Aquecimento, ventilação, iluminação, transporte, comunicações, processos industriais e agrícolas também apresentam fascinante e notável oportunidade para o estudo das ciências.

O problema do professor, no caso, não é encontrar o material que deve ser usado para esta ou aquela aprendizagem em ciências, mas encontrar a lição, no material disponível, e saber selecionar aquêles que apresentarem maiores probabilidades às experiências das crianças. E outro problema que ao mestre não deve escapar é que todo o material, tanto quanto possível, deve ser recolhido do meio em que cada grupo humano labuta. E isto porque na educação é fundamental que a criança conheça e saiba tirar vantagem e seja útil à sua comunidade, amando-a, cada dia mais, e, por ela se interessando. Não quer isto dizer que o programa de ciências deva ficar adstrito à comunidade em que funciona a escola. Coisas de outras terras, que possuem interêsse ou encantamento, não devem ser excluídas sob o pretexto de que estão longe no tempo e no espaço, especialmente nestes dias, quando a velocidade do transporte aéreo aproxima todos os povos. Há muitas experiências meritórias que estão bem distantes de nossas mãos. Algumas vêzes, o encantamento de longínquas terras e coisas abre o caminho à compreensão e apreciação das coisas simples, ordinárias, de nosso lar, afastando-as do realismo e lugar-comum, e revestindo-as de fascinação. Há situações, de fato, nas quais o estímulo da distância, do estranho e do bizarro são necessários para avivar o fogo da imaginação e abrir os olhos das crianças ao interêsse e importância das coisas de seus lares.

Uma ótima e dedicada professôra escreveu recentemente:

> Não é meu costume, ao lançar o programa de ciências, falar às minhas crianças em alface, milho e feijões. Os meninos e meninas de minha classe não desejam estudar êstes alimentos. A maior parte dêles vêm de granjas próximas e estão fartos de milhos, feijões e alfaces. Assim, pela interpretação e observação de estampas, livros ilustrados, cartões, publicações várias, eu os conduzo a outros povos. Estudamos assim povos estrangeiros, seus usos e costumes, seus meios de vida. Aprendemos o que êles comem, como seus alimentos são produzidos e donde provém. E, então, lògicamente, e fàcilmente, chegaremos ao estudo dos nossos próprios alimentos e também de onde são originários. As crianças descobrem que nossas alfaces são originárias do sul da Europa, assim como muitas outras plantas que se desenvolvem em nossas fazendas e jardins. Descobrem também que, entretanto um grande número de outros alimentos nossos são nativos. Descobrem que sem o milho e o feijão nativos da América, os Incas e os Astecas não teriam erigido suas magníficas civilizações. Então, as crianças começam a compreender que nossa civilização é suportada pela abundância de substâncias alimentícias produzidas em nossas fazendas. E por isso, um genuíno e vivo interêsse pela alface, feijões e milho

acaba tomando conta das crianças. Conseqüentemente o interêsse de cada um surge vivo, entusiasta pelo próprio lar.

As experiências em ciências geram muitos problemas que devem ser solucionados pelas crianças. Seus professôres, felizmente, não podem responder a tôdas as questões e assim as crianças são estimuladas a pesquisas noutras fontes de informações. Elas se voltam, naturalmente, aos livros, revistas, jornais, estampas e outros materiais impressos.

APRENDER FAZENDO

A mais larga medida do aprendizado é o conhecimento, resulta da participação do esfôrço a um fim visado. As atividades particulares de que participam as crianças diferem grandemente, em situações diferentes e diferentes circunstâncias. Crianças pequenas não se ajustam a muitas atividades que tanto prazer causam às mais velhas. Crianças de meios rurais não se interessam pelo tipo de exploração e estudos a que tão bem se ajustam as de meio urbano. Mas tôdas as crianças desejam fazer coisas, participar de atividades, em grupos, tomar parte numa emprêsa real. Elas desejam experimentar o prazer de manipular objetos, a satisfação de fazer alguma coisa nova e diferente, antes da audiência com seus condiscípulos. Elas desejam ajuntar às suas situações de apredizagem o sabor do jôgo ou do "faz de conta", fingir que é alguma coisa.

Quando estudam os pioneiros ou os índios, por ex., desejam experimentar a vida dêsses pioneiros ou dêsses índios, vestir-se como êles, comer como êles, etc. As crianças desejam ser aviadores, doutôres, engenheiros, exploradores ou cientistas.

Portanto, a fim de que o estudo, a aprendizagem das ciências seja proveitoso, como deve, é indispensável que o mestre propicie tôdas estas oportunidades às crianças; que permita que elas vivam aquilo que estudam e pesquisam. Permita-se-lhes que sejam marinheiros quando estudam navios e os constroem, que finjam de médicos quando a situação o permitir e assim aprenderão sendo e fazendo.

O USO DO MATERIAL DE CIÊNCIAS NA CLASSE

A adequada utilização de muitos e variados materiais de ciências que são trazidos à classe depende do professor. Êle deve saber como e onde coletar o material e os cuidados de que necessitam os de origem vegetal e animal. Devem, igualmente, saber projetar a demonstração dos fatos e princípios científicos; como montar os aparelhos e os materiais para as experiências e supervisionar aquelas que devam ser executadas pelas crianças. Deve, ainda, saber como arranjar e expor o material que as crianças trazem como expor estampas fixas e outras da mesma espécie e onde procurar as informações necessárias à solução de problemas surgidos em determinado momento.

As necessidades impostas pelas dimensões das salas de aulas e pelo valor das informações dos diferentes materiais, determinam uma maneira pela qual êles devem ser distribuídos e quando devem ser apresentados. Por ex., a coleta e cuidados com animais vivos são tratados amplamente na ocasião exata, ao passo que a discussão dos objetivos do estudo de estrêlas e planêtas é limitado à direção para construção de um mapa ou de um plantário. Além do material coletado e exposto no ambiente de aula, sujeito à limitação do espaço e as possibilidades, muitas outras fontes devem ser consultadas.

SUGESTÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DA CLASSE

Coleção de: animais dessecados, úteis e nocivos; pássaros empalhados; estrêlas do mar; vidros com vermes do organismo humano e dos animais úteis, assim como da terra, para proteção das plantas e que destroem as mesmas; serpentes que atacam ou não o homem; borboletas; bezouros; formigas; insetos úteis e nocivos.

Vidros com: pulgões e cerâceos.

Plantações de: flores para embelezamento, conhecimento e cuidados; sementes em caixas ou vidros para a verificação da germinação da raiz; folhagem para ornamentação e cuidados; orquídeas; flores raras na localidade; hortaliças, no clube agrícola da escola, para o aprendizado, a merenda e o cultivo de espécimes especiais.

Coleções de: aparelhos de física para demonstrações simples e úteis; materiais elétricos para execução de experiências, como arranjo de chaves, ligações, ferro, etc. Estampas, lides, fotografias, álbuns, mapas, etc.

Criação de: pintos, patinhos, passarinhos, coelhos, porcos da India, etc.

Todo êste material deve possuir seu "canto" próprio, estante, janela, armários, etc. Deve estar arranjado de modo a facilitar sua utilização e deve atender às possibilidades das dimensões da sala. É muito recomendável que os alunos sintam a beleza de uma janela ornamentada com lindos postes de folhagem e de flores que, ao mesmo tempo, servem de estudo e experiência. Mas, digo — Uma lição de Botânica, nunca deve ser senão dada ao natural. Nas flores, sementes que germinam debaixo de seu cuidado é que a criança deve estudar e experimentar.

Só o livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. EÇA DE QUEIROZ.

LET'S STUDY ENGLISH — ESTUDEMOS INGLÊS

NORA THER THIELEN

Professôra no Ginásio Júlio de Castilhos e na Escola Técnica Feminina Ernesto Dornelles, P. A.

Schools in the United States

A Letter

Santa Maria, R. G. do Sul
April 4, 1952.

Dear Mr. Almeida:

It will certainly be a surprise for you to know that I am now far from Pôrto Alegre and from my school. You must have been wondering about my silence after I had promised that I would go to your house again so that we might go on with our talk on American schools. But it suddenly happened that I got an invitation to visit some schools in the interior of the State. With my director's permission here I am, on a tour that will probably last till the end of this month.

However, as you can see, I have not forgotten you and Mrs. Almeida. Since I had somes spare time today I have decided to write to you in order to give some information about primary schools which I have just received from a friend at home.

As you know, I have never taught primary school. Therefore I have decided to write to a friend of mine who has been teaching in one of them for some years. Now, she answers me that it is very difficult to generalize on this subject, because the types of primary schools vary with the state in which they are located. Yet she thinks that, by telling me something about the schools where she teaches, she can give me some ideas on the ways of teaching in my country.

Hers is a public school, situated in the capital of one the middlewestern states. The children don't pay any tuition, because the school is supported by the local government.

She writes that the teachers in her school take very much in consideration the fact that they are educating the children for a certain position in the future world. Of course they know that they cannot give them a complete education, that most of them will go on to high schools, and some of them even to universities, in order to enlarge their knowledge. Yet, the basis of all education lies, undoubtedly, on the orientation they receive in primary school. Thus, the teachers of this particular school, and certainly primary teachers in general, have definitely in mind a certain number of objectives around which they centralize all their teaching.

Among these she emphasizes three, that are usually considered to be the basic ones:

1) The children should be able to read, write, and solve simple problems of arithmetic. This is probably the oldest purpose of American primary schools, as of all schools throughout the world.

Escola nos Estados-Unidos

Uma carta

Santa Maria, R. G. do Sul
4 de abril de 1952.

Prezado Sr. Almeida:

Certamente será uma surprêsa para o senhor saber que eu estou agora longe de Pôrto Alegre, e de minha escola. O senhor se deve ter preocupado com o meu silêncio depois que lhe prometi que iria à sua casa novamente a fim de continuarmos nossa palestra sôbre escolas americanas. Mas, sùbitamente aconteceu que eu recebesse um convite para visitar algumas escolas no interior do estado. Com a permissão de minha diretora, aqui me encontro, numa excursão que durará, provàvelmente, até o fim dêste mês.

Entretanto, como pode verificar, eu não o esqueci e a Sra. Almeida. Como eu tivesse hoje uns momentos livres, decidi escrever-lhes para fornecer algumas informações sôbre escolas primárias, as quais acabo de receber de uma amiga nos Estados-Unidos.

Como o senhor sabe, eu nunca lecionei escola primária. Decidi portanto, escrever à uma amiga minha que ensina em uma delas há alguns anos. Responde-me ela agora, que é difícil fazer generalizações neste assunto, porque os tipos de escola primária variam com o estado em que se acham localizados. Entretanto, pensa ela que, contando-me algo sôbre a escola em que leciona, pode dar-me algumas idéias sôbre as formas de ensino em meu país.

É a sua uma escola pública, situada na capital de um dos estados do centro. As crianças não pagam taxas escolares, porque a escola é mantida pelo govêrno local.

Ela escreve que as professôras de sua escola levam muito em consideração o fato de que estão educando as crianças para uma determinada posição no mundo futuro. Naturalmente, elas sabem que não podem dar-lhes uma educação completa, que a maioria delas freqüentarão ginásios, e algumas, mesmo universidades, a fim de ampliarem seus conhecimentos. Entretanto, a base de tôda a educação jaz, indubitavelmente, na orientação que recebem na escola primária. Assim, as professôras desta escola, e certamente, os professôres primários em geral, têm decididamente em consideração um certo número de objetivos à volta dos quais centralizam todo o seu ensinamento.

Entre êstes, ela acentua três, que são geralmente considerados básicos:

1) As crianças devem poder ler, escrever, e resolver problemas simples de aritmética. Este é provàvelmente o objetivo mais antigo das escolas primárias americanas, assim como das escolas de todo o mundo.

2) The children's health should receive special care and they should be trained to make hygienic habits a very important part of their lives.

3) The children should be able to develop into good citizens; they should learn to be cooperative and to work towards the welfare of the community in which they are placed.

However, she does not think that these are the only purposes of primary-school education. Many others such as, development of intelligence, formation of a normal chid, interest in the arts, etc., could be perfectly included in the three ones mentioned above, especially in the two last ones, so broad in their contents.

Writing about how much schools have done for the development of the child's artistical side, she encloses in her letter a picture of a singing class in one of these schools such as hers. You can see the teacher singing with the children, while the parents in the back are observing the class.

I still had a lot to tell you about the participation of parents in the study of their children, and some other aspects of education, but I see that I have to go back to my work now. I will write to you as soon as I can, in order to continue this conversation.

My regards to you and Mrs. Almeida, and my best wishes for success in your work.

Sincerely yours,

Mary Smith

2) A saúde das crianças deve receber cuidados especiais e elas devem aprender a fazer, dos hábitos de higiene, uma parte importante de suas vidas.

3) As crianças devem aprender a se tornarem bons cidadãos; elas devem aprender a cooperar e a trabalhar para o bem-estar da comunidade em que se acham colocadas.

Entretanto, ela não pensa que sejam êstes os únicos objetivos da educação primária. Muitos outros, tais como, desenvolvimento da inteligência, formação de uma criança normal, interêsse nas artes, etc., podem ser perfeitamente incluídos nos três mencionados acima, especialmente nos últimos dois, tão amplos em seu conteúdo.

Escrevendo sôbre quanto as escolas têm feito pelo desenvolvimento do lado artístico da criança, ela inclui em sua carta uma fotografia de uma aula de canto numa destas escolas como a sua. Podem ver a professôra cantando com as crianças, enquanto os pais estão observando na retaguarda.

Eu ainda tinha muito para contar-lhes sôbre a participação dos pais no estudo de seus filhos, e alguns outros aspectos da educação, mas vejo que tenho de voltar ao meu trabalho. Eu lhe escreverei logo que puder, a fim de continuarmos esta conversação.

Minhas recomendações ao Sr. e à Sra. Almeida, e meus votos de sucesso no seu trabalho.

Sinceramente sua,

Mary Smith

Notas de português

Continuação da pág. 65.

Seja-nos ainda permitido apresentar a seguinte errata:

REVISTA N.º 1 — Pág. 64:
Exercício 2 — Em vez de *farageu*, escreva-se *forageu*.

REVISTA N.º 2 — Pág. 56:
Exercício 2 — Na 3.ª linha, em vez de *pela logo* escreva-se *pega logo*.
Penúltimo exercício (3.º) — Ao lado do numeral 3.º, escreva-se: "Substitua os pontos por um verbo".

REVISTA N.º 3 — Pág. 42:
Exercício 3: Escreva-se acróbata em vez de acrobata.
Exercício 4: Escreva-se mau em vez de man.
Exercício 6: Escreva-se cêntuplo em vez de cêntruplo.
Na 2.ª coluna escreva-se *Notas* em vez de Natas.
Nota 1: Depois de dizemos, coloque-se uma vírgula: "São acentuadas, dizemos, porque são..."
Pág. 43: (5.ª linha) Coloque-se vírgula ou traço entre as palavras: *são* e *começadas*.

Por defeito de ordem e mesmo pela acentuação trocada de certas palavras, achamos melhor repetir o exercício:

zangão (masc. de abelha)	— zângão (agiota)
coração	— órgão
porão (verb. e subst.)	— sótão
projeteis (verbo)	— projéteis (plural de projétil)
amasseis (verbo amassar)	— amásseis (imper, conj.)
moveis (v.)	— móveis (plural de *móvel*)
partireis (fut.)	— partireis (m. q. p.)
penseis (v.)	— pênseis (plural de pênsil)
sesseis (verbo sessar)	— sésseis (plural de séssil)

REVISTA N.º 4 — Pág. 66:
Em vez de "Notas Portuguêsas", escreva-se "Notas de Português".
Ao lado do n.º 2, início do trabalho, substitua-se *uns* por *us* e eliminam-se as palavras: *horrível, 1.º grupo*, sol-dó-té-sol.
Ainda na pág. 66, onde se pede justificar o uso do acento encontramos: — sítio (v.) Escrevamos: sítio (v.) — sítios (s.).
Onde se lê *toco* (v. e s.) (tamanco), eliminemos a palavra tamanco.
Retirar do exercício A o nome do tempo do verbo.

REVISTA N.º 6 — Pág. 64:
Exercício 1 — Em vez de *demonstrar*, escreva-se *desmanchar*.
A última palavra nesta página: em vez de *anu* escreva-se *anuiu*.

Proteção segura para guardar o seu Diplôma:
ESTÔJO DIPLOMATA

• Idealizado para guardar diplomas, plantas, títulos, patentes e documentos semelhantes, o ESTÔJO DIPLOMATA, hermèticamente fechado, oferece proteção segura contra a ação do tempo e das traças.

• Fabricado em matéria plástica resistente, em seções de 15 cm. de comprimento, que se ajustam pelo sistema de rôscas.

• Pode ser obtido nas côres rosa, azul claro, vermelho ou marfim, ao preço de **Cr$ 20,00 cada seção** de 15 centímetros.

★

Atendemos pedidos pelo reembôlso postal

LIVRARIA DO GLOBO S. A.

Matriz: Rua dos Andradas, 1416 — Pôrto Alegre
Filiais em Pelotas, Santa Maria e Rio Grande

BIBLIOTECA ESCOLAR INFANTIL

Continuação da pág. 15.

"A escola moderna tem, na Biblioteca, o seu principal instrumento de pesquisa, o laboratório em que a criança encontrará resposta aos objetos de sua curiosidade, aumentando, assim, os conhecimentos que adquire, com outros conhecimentos mais variados e mais atraentes.

"Tratando-se de edifício especialmente construído para escola primária, deve-se providenciar para que a Biblioteca fique situada em ponto central do mesmo, oferecendo facilidade de acesso aos leitores que diàriamente a ela recorrem.

"Deve preencher, também, os requisitos necessários de iluminação e ventilação e disporá de material adequado, assim como orientação de pessoa especializada.

"Com efeito, tudo nesta sala deve apresentar aspecto atraente, confortável e acolhedor: o recinto será amplo, as paredes pintadas com côr clara, sugestiva, e uma farta iluminação. A luz natural, dentro da sala, deve ser uniforme e difusa. Há ocasiões em que é necessária a luz artificial. A preocupação de oferecer aos alunos uma boa iluminação, é ainda maior, neste caso, pois a luz elétrica jamais poderá substituir a luz solar".

Correio DA REVISTA

Por esta coluna responderemos às cartas que nos forem dirigidas sôbre assuntos que não tenham coluna especializada.

Nosso endereço: "Correio da Revista" Revista do Ensino, Andradas, 1428 — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

Prof. J. J. Pulz — Londrina, Paraná — Respondemos diretamente à sua carta. Aguardamos pronunciamento de V. S

Prof.ª Marina de Sales Rosa — Cruz Alta — Rio Grande do Sul — Respondemos diretamente.

Prof.ª Iona Ribeiro Alves — São Luiz — Maranhão — Temos recebido seus trabalhos. Serão publicados. Respondemos diretamente.

Prof. Orlando F. de Mello — Blumenau — Santa Catarina — Recebemos seu cartão. Aguardamos sua colaboração. Muito gratas pelas palavras de estímulo.

Prof. Generice Vieira — Passo Fundo — R. G. S. — Recebemos sua carta e colaboração. Muito gratas. Continue colaborando.

Dr. Luiz Fraga — Rio de Janeiro — Respondemos diretamente. Renovamos os agradecimentos.

Prof. Cassio de Luna Freire — Rio de Janeiro — Cartas como a sua é que nos dão coragem de continuar lutando. Muito agradecidas. Aguardamos a colaboração prometida.

Prof. Vicente Guimarães — Rio de Janeiro — Recebemos sua carta. Aguardamos o mais que nos promete. Desde já muito gratas.

Prof.ª Dinorah de Carvalho Gonçalves — Terezinha — Piauí — Respondemos diretamente e atendemos seu pedido. Esperamos que atenda, também, o nosso. Muito gratas.

Sr. Colombo Arregny — Secretaria de Educação — Minas Gerais — Foi encaminhado o pedido de assinaturas. Muito gratas pelas palavras de estímulo.

NOSSA CAPA — O expressivo flagrante de nossa capa mostra um aspecto colhido na cozinha do Grupo Escolar "Argentina" de Pôrto Alegre, quando professôras e alunos se entregavam aos preparativos da "Sopa Escolar". Foto de Knestch.

Prof. Angel Vazquez Heredia — Orense — Espanha — Respondemos diretamente a sua amável carta. Entretanto, renovamos aqui nossos agradecimentos e nosso desejo de estabelecer intercâmbio com professôres espanhóis. Agradecemos, também, a oferta das revistas espanholas. Para tomada de assinatura, queira dirigir-se ao nosso agente em Portugal, Lisboa — Rua São Nicolau, 119 — apartado 375.

Prof. Alfredo Drake — Cruz Alta — R. G. S. — O livro de que nos fala está esgotado. Talvez o encontre em alguma casa de livros usados.

Prof.ª Maria E. Garcia Uoune — Não Me Toque — R. G. S. — Você tem razão de reclamar. Nós também reclamamos, mas há uma série de fatôres que concorrem para os atrazos do aparecimento da Revista: desde a entrega atrazada dos originais por parte dos colaboradores, passando por tôdas as fases da composição e impressão, falta de papel, até o Correio, tudo concorre para que aquilo aconteça. Mas estamos empenhadas em regularizar as saídas e o faremos, quando depender só de nós.

Prof. Nicolau Quadros — 6.ª Delegacia Regional de Ensino — R. G. S. — Muito gratas pelas palavras de estímulo ao nosso trabalho. Aguardamos as colaborações.

Prof.ª Monica Konzen — Soledade — R. G. S. — Não é possível aproveitar. Está fora das regras estabelecidas.

CONDIÇÕES EM QUE AS COLABORAÇÕES DEVEM SER ENVIADAS

RECEBEREMOS COLABORAÇÕES DE TODOS OS COLEGAS QUE AS QUEIRAM REMETER.

ACEITAMOS COLABORAÇÕES PARA TÔDAS AS SEÇÕES DA REVISTA.

Os trabalhos serão examinados pelas revisoras técnicas de nossa revista e serão publicados sempre que não estiverem em desacôrdo com as normas pedagógicas.

TODO TRABALHO DEVE VIR DACTILOGRAFADO em fôlha almaço em dois espaços. Abriremos, aqui, uma exceção para os professôres que residem em localidades, onde falte o recurso de uma máquina de escrever. Neste caso, o professor deverá procurar escrever com letra bem legível e declarar que não manda o trabalho dactilografado por falta da máquina necessária.

OS ORIGINAIS NÃO SERÃO DEVOLVIDOS.

As colaborações quando necessário, deverão vir acompanhadas da respectiva ilustração que poderá ser desenho ou fotografia.

IMPORTANTE: TODOS OS TRABALHOS DEVEM VIR ASSINADOS. Deverão trazer, também, indicação da Escola, Município, Cidade e Estado, e, quando fôr o caso, do grau a que se destinam.

As colaborações devem ser remetidas ao seguinte endereço: Revista do Ensino, Rua dos Andradas, 1428 Pôrto Alegre, R. G. S.

CANÇÃO da PRIMAVERA

F. RUSSO

Já chegou a pri-ma-ve-ra Be-la es-ta-ção de a-mo-res

En-che a terra de per-fu-mes En-che os cam-pos de flo-res

E nas ár-vo-res flo-ri-das Can-tam lin-dos pas-sa-rinhos

En-tre a-le-gres gor-gei-os Vão fa-zen-do os seus

ninhos Va-mos dan-sar, Va-mos can-tar -- a pri-ma-

ve-ra fes-te-jar -- la, la, la - - - - - - - -

- - - - - - Va-mos dan-sar, Va-mos can-tar -- a pri-ma-

ve-ra fes-te-jar -- la, la, la - - - - - - - -

- - - - - -

Há muitas Receitas para uma vida feliz

mas ..

onde se encontram 2.000 receitas de iguarias que de fato contribuem para a felicidade de um lar é na

Enciclopédia de Arte Culinária

Com êste livro, a leitora não terá mais qualquer dificuldade nos misteres de mesa, forno e fogão.

Tôda a família ficará regalada e o seu lar será realmente feliz.

1.300 páginas
2.000 receitas experimentadas
1.000 ilustrações
800 fotos de pratos prontos

ENCICLOPÉDIA DE
ARTE CULINÁRIA GLOBO
EDITÔRA GLOBO • RIO DE JANEIRO · PÔRTO ALEGRE · SÃO PAULO

Em tôdas as livrarias ou por reembolso postal
2 vols. — Cr$ 350,00